

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA



TATUAGENS, *PIERCINGS* E OUTRAS INTERVENÇÕES CORPORAIS.
Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri.

FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

Maria do Carmo Tinôco Brandão
Orientadora

RECIFE - 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA



TATUAGENS, *PIERCINGS* E OUTRAS INTERVENÇÕES CORPORAIS.

Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri.

FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Carmo Tinôco Brandão para obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

RECIFE - 2007

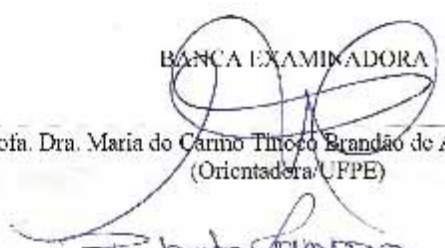
FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

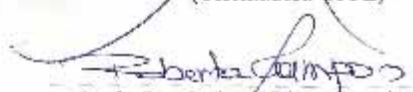
**TATUAGENS, PIERCINGS E OUTRAS INTERVENÇÕES CORPORAIS.
APROXIMAÇÕES INTERETNOGRÁFICAS ENTRE RECIFE E MADRI**

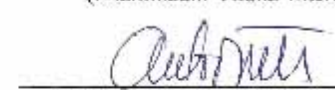
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Doutora em Antropologia.

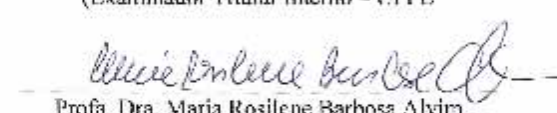
Aprovada em: 31/05/2007.

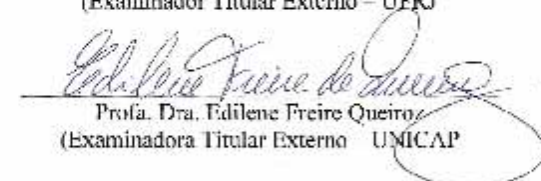
BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dra. Maria do Carmo Tinoco Brandão de Aguiar Machado
(Orientadora/UFPE)


Prof.ª. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos
(Examinador Titular Interno/UFPE)


Prof.ª. Dra. Antônio Carlos Motta de Lima
(Examinador Titular Interno - UFPE)


Prof.ª. Dra. Maria Rosilene Barbosa Alvira
(Examinador Titular Externo - UERJ)


Prof.ª. Dra. Edilene Freire Queiroz
(Examinadora Titular Externo - UNICAP)

Pereira, Fabiana Maria Gama

Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais : aproximações interetnográficas entre Recife e Madri: O Autor, 2007.

208 folhas : il., fig., tab.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2007.

Inclui anexos.

1. Intervenções artísticas – Intervenções corporais. 2. Estilo de vida – Corpo humano como suporte artístico. 3. Contracultura – Tatuagem – Piercing – Body art. 4. Escarificações epidérmicas. 5. Implantes subcutâneos. 6. Suspensões corporais. 6. Estilos de vida – Escolhas estéticas – Modismo. 7. Madri – Recife. I. Título.

**39
391**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/16**

A todos que fazem parte do universo da modificação corporal, especialmente aos tatuadores, *piercers* e àqueles que estiveram comigo durante esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, Geraldo e Zaina, que com suas experiências de vida mostraram que nunca devemos desistir, mas lutar para conseguir aquilo que acreditamos.

Ao meu amado esposo Gonzalo, que tanto soube admirar este trabalho contribuindo com todo seu afeto e amor nas horas mais difíceis, tanto na pesquisa de campo em Madri quanto na fase de escrita da Tese.

As minhas irmãs Patrícia e Carol, pelos incentivos e por todos os instantes que compartilhamos juntas.

Aos meus cunhados Claudio e Romero, pelos momentos em família.

Aos meus sogros Armando e Maria Jesus, que sempre estiveram disponíveis nos momentos oportunos.

A Armando, Patrícia e Cristina pelo estímulo e motivação que souberam transmitir.

A CAPES, pela bolsa de estudos concedida durante o Doutorado e pela bolsa “sanduiche” fornecida ao Projeto de Cooperação Internacional, o que foi imprescindível para a realização do trabalho de campo em Madri.

A ALBAN, pela bolsa formecida durante parte da pesquisa de campo na Espanha.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Prof. Dr. Bartolomeu Tito Figueiroa de Medeiros pela dedicação e profissionalismo.

À Profª. Dra. Maria do Carmo Tinôco Brandão, pelas sábias orientações e por todos os momentos que passamos juntas, tanto na Espanha quanto no Brasil.

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos Motta, pelas co-orientações que foram fundamentais na construção deste trabalho.

Ao todos os interlocutores da pesquisa, especialmente Valnei, Alcidésio e Paco que confiaram em mim e puderam confidenciar suas intimidades, me ensinando sobretudo que por trás daquele corpo marcado há um ser humano com uma estória a contar.

A Negrado, organizador das convenções de tatuagem e *body piercing* em Recife.

Aos clientes dos estúdios de tatuagem e *body piercing* por permitirem as imagens, as entrevistas e as conversas.

Aos proprietários e gerentes dos estúdios de tatuagem e *body piercing*, especialmente Carmem na Espanha por ter permitido a livre circulação nos estabelecimentos, o que foi imprescindível no trabalho de campo em Madri.

A Beltran, por ter facilitado o contato com alguns técnicos e clientes nos estúdios em Madri.

Às colegas de Doutorado, especialmente Rosinha e Dôra pelo companherismo e por todos os momentos em que compartilhamos juntas, tanto nas alegrias quanto nas dificuldades.

Às amigas: Cecília Patrício, Antonieta, Ana Maria, Uilma e Karina por tudo o que passamos juntas durante estes anos de pesquisa e convivência.

A todos os que fazem o grupo “Jovens e Juventudes”.

A Regina, Ana Maria e Míriam pelo profissionalismo e dedicação com que cuidam dos assuntos burocráticos do PPGA.

A Ademilda, pela atenção aos alunos e colegas do Programa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo 1.

Sapatos chineses e pés deformados.....	27
Tatuagens de marinheiros estrangeiros no Brasil	30
Pessoas tatuadas que se apresentavam em espetáculos (séc.).....	32
Mulheres tatuadas	33
Tatuagem na Polinésia (Thaiti)	35
Tatuagem Indiana (henna)	37
Cabeças tatuadas <i>oris</i>	38
Mulheres Aïnous com boca tatuada.....	39
Pinturas corporais indígenas.....	42
Escarificações africanas.....	47
Mulheres “ferradas”	49
Condenado por roubo de jóias em Recife.....	53

Capítulo 2.

Marcel Duchamp.....	63
Antropometries (Ives Klein).....	64

Capítulo 3.

<i>Hippies</i>	69
<i>Punks</i>	70

Capítulo 4.

Cartões de estúdios de tatuagem e <i>body piercing</i>	73
--	----

Capítulo 5.

Primeiros registros de tatuadores.....	83
Catálogos de tatuagens	84
O processo da tatuagem.....	85
O processo do <i>piercing</i>	86
Piercing genital.....	92
Vitrine de piercings e objetos eróticos.....	93
Cabine de tatuagem e <i>piercing</i>	94
Escarificação	103
Orelhas de gnomo	104
Branding	105
Implante	106
Distensão do órgão genital masculino	107
Língua bífida	108

Capítulo 6.

Práticas extremas	113
Performances em convenções	115

Capítulo 7.

Tatuadora	119
Suspensão (<i>O-kee-paa</i>).....	123

Tipos de suspensão	125
O processo da suspensão,.....	126
Capítulo 8.	
Casal que se apresenta em performances	144
Capítulo 9.	
Imagens de Paco	152
Êxtase de Santa Tereza	156
Capítulo 10.	
Imagens de Fakir Musafar	162
Tatuagens de um dos interlocutores	167

RESUMO

Este trabalho enfoca determinados fenômenos sócio-culturais relacionados à estética das tatuagens, *piercings* e intervenções corporais consideradas radicais, aqui incluídas as escarificações epidérmicas, os implantes subcutâneos, as suspensões corporais, etc. Para realizar a investigação partiu-se de 64 indivíduos de ambos os sexos, faixas etárias e nacionalidades variadas, que se subdividem em grupos de: adeptos, tatuadores, *piercers*, práticos em suspensão e modificadores corporais. No Ocidente, as marcas e os ritos corporais por muito tempo estiveram associados ao exotismo dos povos “primitivos” e, posteriormente serviram de inspiração aos movimentos de vanguarda, dando origem a *body art*, a qual influenciou nos anos 60 os movimentos de “contracultura”, especialmente aqueles relacionados às estéticas *hippies* e *punk*. Com a comunicação em rede e a velocidade de informação tecnológica, as estéticas e ritos relacionados a esses movimentos sociais se internacionalizaram, o uso da *internet* facilitou e abriu canais de comunicação diversos, além disso, motivou a migração das pessoas envolvidas com tais práticas aos grandes centros urbanos, onde se comercializam e se consomem produtos e serviços destinados ao corpo e suas modificações. No caso desta pesquisa, pôde-se observar a mobilidade extraterritorial dos adeptos desse tipo de estética que migravam de Recife a Madri, as duas cidades que constituíram o campo de interesse desta investigação. Os ateliês de tatuagens e *body piercings*, *workshops*, feiras e convenções são os espaços sociais onde se pode contemplar indivíduos que se encontram para modificar e performatizar seus corpos, bem como para ampliarem as suas redes de contacto. Enquanto a tatuagem e o *piercing* estão vinculados a um importante modismo, veiculado na mídia e ligado a um mercado de consumo, as técnicas consideradas radicais encontram-se à margem do cânone de beleza estética e mesmo assim não deixam de reunir novos adeptos. A indagação que norteou a pesquisa foi: como entender a expansão e disseminação desses fenômenos em diferentes grupos e contextos urbanos aparentemente díspares, como é o caso do Recife, de Madri ou de qualquer outro centro urbano? O que explica a escolha por tais práticas? Em que medida as escolhas estéticas também passam a se tornar um estilo de vida, em alguns casos, atividade de sobrevivência ou simultaneamente signos identitários, assim como outras possíveis categorias subjetivas construídas a partir dessa escolha?

ABSTRACT

This study focuses on certain socio-cultural phenomena related to the aesthetic of tattoos, body piercing, and so-called extreme body modifications, which include scarification, subdermal implants, body suspension, and the like. This investigation is based on an analysis of sixty four individuals of both sexes, belonging to different age groups and social classes. These were subdivided into the following groups: followers, tattoo artists, body piercers, suspension artists, and body modifiers. In the West, body markings and rites were, for a long time, associated with the exoticism of “primitive” peoples, and later, served as inspiration for avant-garde movements, giving rise to body art, which in the nineteen seventies influenced the “counter-culture” movements, especially those related to the hippie and punk aesthetics. With communication via the Internet, and the speed of technological information, the aesthetics and rites related to these social movements have become internationalized. The use of the Internet has facilitated and opened a number of communication channels, as well as prompting the migration of people involved in these practices, to the major urban centers, where products and services focusing on the body, and body modifications, are commercialized and consumed. In this survey, extraterritorial mobility was observed in followers of this type of aesthetic, who migrated from Recife to Madrid, the two cities which constitute the areas of focus of this study. Tattoo and body piercing studios, workshops, fairs, and conventions are popular venues for individuals who gather to modify and turn their bodies into performing art, and expand their networks of contacts. While tattoos and body piercing are part of a major trend, which is conveyed by the media and has its own consumer market, the techniques which are considered extreme are outside the widely-accepted canons of beauty, yet, they always manage to attract new followers. The guiding questions of this study are: how can we understand the expansion and dissemination of these phenomena in different groups and apparently dissimilar urban contexts, such as Recife, Madrid, or any other urban center? What accounts for the choice of such practices? To which extent do aesthetical choices become a lifestyle, and in some cases, an occupation or, at the same time, markers of identity, as well as other possible subjective categories based on this choice?

SUMÁRIO

Lista de

Ilustrações.....	06
Resumo.....	08
Abstract	09
Apresentação	11
Percursos e percalços	12
Pistas e problemas.....	15
Caminhos e bifurcações	17
Abismos e aproximações.....	21
Traçar um plano	23
 PARTE 1: “PRIMITIVISMO” RESSIGNIFICADO	24
Capítulo 1. Marcas corporais e exotismo	24
Capítulo 2. Movimentos artísticos, performances e <i>body art</i>	58
Capítulo 3. Hippies e Punks	65
 PARTE 2: MARCAS CORPORAIS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	71
Capítulo 4. A internacionalização da tatuagem, do <i>piercing</i> e de outras intervenções corporais.....	71
Capítulo 5. Comércio e consumo	76
Capítulo 6. Redes e novas sociabilidades.....	109
 PARTE 3: PARA ALÉM DO LIMITE DO CORPO	116
Capítulo 7. Da tatuagem e do <i>piercing</i> à suspensão	116
Capítulo 8. A espetacularização em carne viva	136
Capítulo 9. “O galo decapitado”: a estória de Paco	145
Capítulo 10. Relações sociais e estilos de vida	157
 Pontuações	168
Referências Bibliográficas	174
Anexos	191

APRESENTAÇÃO

Este trabalho, fruto de uma exaustiva pesquisa de campo e resultante de um amplo levantamento bibliográfico, tem como finalidade principal analisar os fenômenos sócio-culturais ligados a determinadas práticas das transformações corporais, orientadas por uma dimensão estética e estilo de vida considerados alternativos. Para tanto, contemplou-se como objeto de investigação grupos de indivíduos que encontram na prática da tatuagem, do *piercing* e nas intervenções corporais consideradas radicais o principal meio de expressão e um importante canal de comunicação. Na última categoria – a das intervenções radicais – foram incluídas a perfuração e a introdução de objetos na boca, nariz, pênis, vagina, orelhas e outras regiões. Além de mutilações e experimentações diversas, as quais, em alguns casos, chegam a pôr em risco a integridade física do próprio indivíduo¹.

O fenômeno vem merecendo a atenção de especialistas em diferentes orientações disciplinares e de sensibilidades intelectuais variadas, notadamente no campo das ciências humanas. Embora haja grande diversidade na forma de visualização e de interpretação do fenômeno, parece existir um ponto de convergência: nas últimas décadas, com o avanço das novas tecnologias, o corpo passou a ser também encarado como algo mutante, passível de transformações experimentais, mudando radicalmente a antiga concepção de objeto imutável e portanto inviolável. Manifestações dessa natureza são facilmente observadas nas sociedades contemporâneas ocidentais, até as mutações de efeitos estéticos as mais diferenciadas sobre o corpo, passando pelas inseminações artificiais. O certo é que o chamado *body building* (construção do corpo) vem exercendo extraordinário fascínio na cultura ocidental, tanto no plano das realizações estéticas hegemônicas, na perspectiva de um padrão de beleza já consagrado, quanto no plano menos reconhecido, que busca exatamente romper com esse cânone.

A cultura do *body building* se fundamenta na concepção de beleza e forma física (Goldemberg, 2002). Nos últimos anos se incorporaram a essa peculiar forma de manifestação cultural a *body art* e a *body modification*, as quais utilizam técnicas que

¹ A palavra “mutilar” é utilizada pelo seu significado semântico que segundo o Dicionário Aurélio indica: “cortar ou destruir qualquer parte de”. Ao longo da tese, o termo aparecerá nos momentos necessários em que houver menção a alguma prática que se relacione com o significado acima expresso.

variam desde a tatuagem e o *piercing*, até as mais extremas realizadas através de bisturis e ganchos, entre outros instrumentos de corte. Alguns dos adeptos transformam completamente a imagem, fazendo disso um estilo de vida

Com efeito, este trabalho se propõe a examinar e compreender usos, significados e sentidos que alguns indivíduos atribuem ao seu próprio corpo, assim como a leitura que fazem dele, oferecendo uma linguagem corporal capaz de permitir leituras igualmente significativas. Além disso, procura analisar tais fenômenos a partir de um contexto internacional, onde se comercializam e se consomem produtos e serviços destinados ao corpo e suas modificações.

PERCURSOS E PERCALÇOS

O corpo e suas representações vêm chamando a atenção da autora já há alguns anos. Durante o Curso de Mestrado em Antropologia, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, foi realizada uma investigação sobre mulheres de classe média alta, que dedicavam grande parte de seu tempo livre aos cuidados corporais em academias de ginástica, *spas* e clínicas de rejuvenecimento. Um dos dados mais significativos que a pesquisa revelou foi a preocupação com a aparência física dessas mulheres, na faixa etária dos 30 aos 50 anos, seja em relação à manutenção da jovialidade e prevenção do envelhecimento corporal, seja no que concerne às intervenções para fins estéticos: cirurgia plástica, lipoaspiração, uso de botox, *lifting* e dietas. A prática tornou-se muito freqüente em segmentos médios e altos da sociedade brasileira.

Embora a pesquisa tenha sido realizada com um universo feminino, não se pode deixar de salientar que a preocupação estética corporal vem crescendo também entre o público masculino, que já representa 30 % da clientela da beleza no Brasil, conforme demonstram dados recentes². Vale a pena ressaltar que durante a coleta de informações para a Dissertação dantes aludida, foi possível constatar a existência de um mercado de consumo que incluía desde produtos estéticos, os chamados cosméticos, até diferentes tipos de tratamentos dirigidos às intervenções corporais, tudo segundo Dutra (2002); Edmonds (2002); Malysse (2002); Sabino (2000). Como demonstram as estatísticas brasileiras, verdadeiras fortunas são investidas atualmente nesse tipo de mercado, cuja expansão está visível e é considerável. A indústria de cosméticos, de perfumaria e de higiene pessoal cresceu em 20% nos últimos dez anos. De acordo com os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o brasileiro se tornou o povo que mais tem

² Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030511/sup_rvd_110503_86.htm>
Acesso em: 25 abr. 2007.

feito plásticas no mundo. Em 2004 foram realizadas 616.278 mil cirurgias, das quais 359.698 mil (59%) foram por estética³.

Entretanto, com o desdobramento das pesquisas, pôde-se também observar que concomitante com esse mercado, voltado para o consumo de padrões estéticos hegemônicos, havia também indivíduos que por razões diversas buscavam um caminho “alternativo”, quanto ao gosto e escolha de suas preferências estéticas. São pessoas com estilos de vida que se orientam, entre outras opções, por adirem a certas práticas corporais, como as tatuagens, os *piercings*, incisões na pele, implantes no corpo, abertura na língua, distensão do pênis, além de outras intervenções.

Durante a 1ª convenção internacional de tatuagem e *body piercing* de Recife, realizada em 2003, houve oportunidade da autora se iniciar nesse universo, chamando a atenção em especial a diversidade entre gerações e estilos estéticos que se misturavam naquele cenário; cenário que parecia ser indicativo de uma mudança significativa no campo da harmonia das representações corporais. A partir desse primeiro contato, buscou-se pouco a pouco uma inserção nos estúdios de tatuagem e *body piercing*, estabelecendo vínculos com técnicos e eventuais usuários.

Alguns circuitos urbanos na cidade do Recife, no Nordeste do Brasil, permitiram uma maior intimidade com algumas pessoas, posteriormente complementada com as observações nos Bairros da Boa Vista e de Boa Viagem, onde há uma maior concentração de estúdios especializados nessas técnicas. Em Boa Viagem, foi possível freqüentar o “*body art*” (estúdio de modificação corporal), o qual além de ser um local especializado nas tradicionais técnicas da tatuagem e do *piercing*, também se volta às inovações da “*body modificacion*”, ou seja, ali são realizadas intervenções consideradas por alguns de seus freqüentadores como “radicais”, haja vista não se tratar apenas de fazer um desenho no braço ou um “furinho no nariz”, mas de práticas ou experiências que demandam intervenções extremas, como por exemplo, as escarificações⁴.

A partir do momento em que se começa a trabalhar nos estúdios, os “profissionais⁵” passam a se conhecer, formando uma rede de contatos, tanto entre os

³ Ver: Anexo I.

⁴ Segundo Featherstone (2000), O termo *body modificacion* se refere a uma longa lista de práticas que inclui *piercing*, tatuagem, *branding*, *cutting*, *binding*, implantes para alterar a aparência corporal. A lista pode se estender e incluir também o chamado *body building*, a estética anoréxica, nas quais a superfície do corpo não é diretamente alterada com instrumentos de corte, pois neste caso é modificado por meio de exercícios e dietas.

⁵ A palavra “profissionais” está entre aspas pelo fato de não haver uma legitimação e reconhecimento da técnica de tatuar e de colocar *piercings* enquanto profissão. Diante disso, sempre que houver referência às

tatuadores quanto entre os *piercers*. Através deles, foi possível perceber que em se comparando a outros circuitos internacionais na Europa e nos Estados Unidos, o pequeno universo local restava ainda incipiente, conforme alertavam, com frequência, os interlocutores no Recife. Com o fenômeno da comunicação em rede, muitos dos tatuadores e *piercers* recifenses mantinham contatos com outros técnicos e adeptos, via *Internet*, em diferentes países, o que reforça a internacionalização de tais práticas. Além disso, tanto técnicos como clientes exprimiam o desejo de se estabelecerem em algum centro urbano importante no que se refere a essas manifestações.

Madri despontou em função das inúmeras alusões como uma referência, não somente entre os praticantes do Recife como também de São Paulo. Despontou, de igual forma, na pesquisadora o interesse em observar de perto um ambiente similar ou um país considerado pelos grupos contactados como diferenciado. Através da *Internet* houve a possibilidade de se comunicar com alguns técnicos radicados em Madri. Assim sendo, e contando com uma bolsa de investigação da Alban e posteriormente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi possível ir a Espanha para efetuar a pesquisa. Chegando em Madri restabeleceram-se alguns desses contatos e, através dos mesmos, formou-se uma rede via *Internet*. Era freqüente a menção à Calle Montera como uma rua onde se poderia encontrar um grande número de estúdios de tatuagens. Realmente, nesta rua central de Madri, há uma significativa concentração de estabelecimentos especializados em tatuagem e *body piercing*, mas, misturados no mesmo cenário, estão bingos, *sex shops* e lugares de prostituição. A rua, que já fora um espaço cultural muito bem freqüentado por artistas, escritores e humanistas em geral, é atualmente ponto de prostituição e dos chamados “drogaditos”. Iniciados os contatos nesses estúdios, alguns informantes recomendaram também aqueles localizados nas imediações do metrô “*Embajadores*”, pois apesar de serem locais voltados à modificação corporal, existiam diferenças importantes nos tipos de estabelecimentos especializados.

À medida que avançava a pesquisa na capital espanhola, a pesquisadora se deu conta do quanto era significativo incluir na amostra tanto o grupo do Recife quanto o de Madri, devido ao grau de afinidades que parecia existir entre ambos. Diante do fato, estabeleceu-se um diálogo entre as duas cidades, através de um universo composto por técnicos e adeptos de modificações corporais.

peessoas que trabalham com estas práticas, utilizar-se-ão os seguintes termos: “profissionais” ou técnicos, já que este último também se adequa por indicar, “indivíduo que aplica determinada técnica”.

PISTAS E PROBLEMAS

O desejo de alterar a própria aparência física é um elemento intrínseco à natureza humana, presente em diferentes sociedades e culturas, desde a mais remota antiguidade. Mas, apesar da universalidade do ato, as marcas e os ritos corporais sempre estiveram associados ao exotismo dos povos “primitivos”, conforme assinalaram Michel Leiris e Jacqueline Delange (1967). Apesar da atração do europeu por esses hábitos e costumes, pode-se constatar o quanto foram condenados por missionários, que os classificaram como profanador do corpo, gerando uma dissolvência ou desaparecimento dos mesmos em muitas populações que os cultivavam. No início do século XIX, sob forte influência das teorias de Lombroso e de seus seguidores, passou a haver uma relação direta do hábito das marcas corporais com os costumes “primitivos”, gerando uma estigmatização social em relação ao portador do signo corporal, que era qualificado como “delinqüente”. Posteriormente, a Psicologia do início do século XX associaria o signo corporal a um tipo de desordem de personalidade, teoria posteriormente desacreditada.

Mas, ao mesmo tempo em que se construía um estigma relacionado à marca na epiderme, em alguns contextos artísticos pessoas se reapropriavam de estéticas e ritos das culturas “primitivas” e os utilizava em performances, cuja idéia principal era a de usar o corpo como elemento intrínseco à obra de arte, dando origem à *body art*. Além disso, a partir da segunda metade do século XX, observou-se um significativo interesse por parte de grupos sociais urbanos em relação a alguns padrões estéticos oriundos de culturas tradicionais, os quais foram elaborados a partir de outras perspectivas. Resta salientar que tais padrões estéticos conheceram uma notável recepção, sobretudo nos anos 60 e nas décadas seguintes, entre os partidários dos movimentos de “contracultura”. Nesse contexto, o exotismo despertou uma forte sedução, sendo expresso através de formas estéticas variadas, muitas vezes reinterpretando rituais oriundos de diferentes origens não ocidentais.

No campo das representações corporais, destacam-se em particular as chamadas modificações do corpo, influenciadas pelo movimento denominado de “*moderns primitivism*”. Tal perspectiva foi orientada por um ideal estético não ocidentalizado, que buscou integrar práticas e rituais de sociedades tradicionais, consideradas exóticas, em contextos urbanos, conforme já se referiu Christian Klesse (2000). Entre essas formas de expressões estético-corporais destacam-se, inicialmente, os chamados *tattoos* e *piercings*. Por volta da década de 60 surgem também os primeiros rituais de suspensão,

sobretudo nos Estados Unidos. É importante salientar que tais inclinações esteticizantes aplicadas ao corpo emergiram em décadas posteriores, apenas em alguns contextos urbanos, sobretudo em Londres, Nova Iorque e São Francisco. Com o chamado processo de mundialização da economia e de internacionalização da cultura, paralelamente ao advento da informática, começaram a surgir os primeiros *sites* na *Internet* que divulgavam informações diversas sobre o campo de transformação corporal, chegando com força em diferentes centros urbanos, como foi o caso do Brasil e da Espanha. É importante ressaltar que a tatuagem e o *piercing* já tinham sido incorporados ao mercado alguns anos antes, inclusive nos dois países aqui referidos. Já as modificações mais extremas, somente a partir do final da década de 90 é que começaram a reunir adeptos no Recife e em Madri.

As intervenções corporais, quando vivenciadas pelos grupos aqui pesquisados adquirem dimensões ideológicas diferentes daquelas dos *hippies* dos anos 60. É importante também assinalar que a tatuagem, o *piercing* e outras práticas mais radicais, além do enfoque estético e subjetivo, estão também vinculados a um certo modismo atual, veiculado através da mídia, de imagens na rede, revistas, catálogos, etc. Tudo isso permite gerar um mercado de produtos especializados e de técnicos que realizam e divulgam seus trabalhos por meio de pequenas empresas. Vários autores têm chamado a atenção, em especial, para o fato de que o corpo tornou-se um objeto maleável, sempre possível de remanejamento, passível de intervenções artificiais (LE BRETON, 1998; 2004). Enquanto que nas sociedades tradicionais era visto como parte da natureza e suas modificações estavam relacionadas ao campo dos rituais, nas sociedades complexas alguns indivíduos se tornaram responsáveis pelo *design* de seus próprios corpos, recriando outras formas ritualísticas, orientadas por padrões estéticos que procuram reinterpretar tanto manifestações já consagradas pelas culturas tradicionais, aquelas consideradas “exóticas”, quanto pela criação de novas e experimentais linguagens estéticas contemporâneas, calcadas na espetacularização e visibilidade midiática.

O uso e a apropriação do corpo assumem na cultura contemporânea um certo modismo, vulnerável aos bens e serviços de consumo. Partindo dessa perspectiva, Bryan Turner (1996) considera o fenômeno da tatuagem no contexto atual muito mais relacionado à exploração comercial e à cultura do consumo, do que propriamente como um rito de passagem, como ocorria nas sociedades ditas tradicionais. Segundo o autor as pessoas são capazes de misturar signos *maoris* com símbolos japoneses, criando uma

hibridização de motivos. Isso também estaria relacionado a um fenômeno de secularização da sociedade, sendo este tipo de consumo um indicativo do enfraquecimento de certas instituições sociais no mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, a tatuagem tem uma conotação individual, não sendo mais um indicativo de gênero ou de rito de passagem.

Para Paul Sweetman (2000) a tatuagem e o *piercing* são formas de expressão do *self* e da narrativa pessoal. Esse autor chama a atenção para o fato de que nos últimos 30 anos houve um considerável aumento de pessoas que aderiram a esses signos estéticos, de forma que tais práticas não podem ser mais consideradas como voltadas para homens e jovens. Assim, as *tattoos* modernas contrastam por serem opcionais, decorativas e essencialmente narcísicas, fazendo parte intrínseca de uma biografia pessoal, não uma marca da memória social de um determinado grupo. Ao mesmo tempo, a cultura da *body modification* se incorporou ao mercado de consumo, inclusive associado a modelos de passarela, personagens de televisão e de cinema.

Entretanto o que dizer dos adeptos das transformações corporais consideradas radicais? Quando se sabe que esse tipo de comunicação ou linguagem corporal não é lida, tampouco receptiva à maioria dos indivíduos, exceto por aqueles que aderem aos rituais ou aos estilos de vida alternativos? Por outro lado, como entender a expansão e disseminação desses fenômenos em diferentes grupos e contextos urbanos, aparentemente díspares, como é o caso do Recife, de Madri ou qualquer outro centro urbano? O que explica a escolha por tais hábitos? Em que medida as escolhas também passam a se tornar um estilo de vida, em alguns casos atividades de sobrevivência ou simultânea a ela, signos identitários, assim como outras possíveis categorias subjetivas construídas a partir dessa escolha?

CAMINHOS E BIFURCAÇÕES

Como em toda pesquisa, exige-se da pesquisadora delimitar as nuances do seu campo de investigação, para torná-la visível e facilitar a compreensão da análise. Assim, faz-se necessário cercar o objeto em função de seus interesses e problemas suscitados durante o percurso de sua inserção no campo. Dessa forma, foram contemplados cinco grupos principais, localizados em diferentes contextos urbanos de Recife e Madri, compostos por categorias que se resolveu diferenciar considerando-se os interesses comuns ou antagônicos, o que não implica que em alguns casos essa diversificação se torne fluida, como se verá adiante. Durante a pesquisa foi possível estabelecer algumas diferenças importantes entre os indivíduos que compuseram o referido grupo. Para

tanto, foram consideradas cinco categorias: tatuadores; *piercers*; práticos em suspensão; modificadores do corpo; usuários⁶.

Tatuadores:

Definem-se como técnicos ou especialistas em pigmentação da pele, enfatizando geralmente o labor artístico, criativo e artesanal com que tratam suas realizações.

Piercers:

São técnicos cuja principal atividade é perfurar a pele e introduzir objetos decorativos geralmente guiados por experimentos estéticos.

Práticos da suspensão:

São aquelas pessoas que realizam suspensões corporais, isto é, práticas através das quais o corpo do indivíduo é sustentado pelo revestimento cutâneo - a pele - através de ganchos de ferro. A prática pode ser apreciada apenas por um grupo de iniciados ou vistos, de forma teatralizada, por uma platéia.

Modificadores do corpo:

Dentro dessa categoria estão incluídos aqueles que realizam e experimentam práticas de modificações corporais consideradas radicais, tais como: escarificação cutânea, implantes subcutâneos, mutilações parciais em diversas partes do corpo, entre outras, seja por intervenções estéticas, seja com o intuito de alterar partes da anatomia humana, bem como proporcionar sensações através do confronto com a dor.

Usuários ou adeptos:

É a categoria mais complexa de se definir, pois os usos que fazem das intervenções corporais variam, podendo ir desde uma simples marca, como linguagem identitária, até a adoção de um estilo de vida e de estética corporal alternativas, dependendo da atividade que ocupa, do gênero, da posição social, dos interesses, dos valores no contexto social de origem e da faixa etária. No caso desta pesquisa, a modificação corporal está vinculada sobretudo aos jovens (20 a 29 anos), mas também reúne adeptos de outras faixas etárias.

A representação aqui adotada como amostra contou com um conjunto de 64 pessoas, as quais se diferenciam enquanto grupos diversos pela nacionalidade, gênero, faixa etária e pelos usos que fazem da tatuagem e/ou *piercing* ou ainda de intervenções outras. É importante salientar que os tatuadores se sentem bastante reconhecidos e

⁶ Pelo fato de não haver uma nomenclatura específica para a terceira e a quarta categorias (prático em suspensão e modificador corporal), seja do ponto de vista da clientela ou deles mesmos, resolveu-se denominá-los por meio das atividades práticas que estes executam.

diferenciados em relação aos demais técnicos, reportando-se à tatuagem como um tipo de arte ou estética milenar, inscrita na pele em variadas culturas e atualmente difundida em quase todas as sociedades, ocidentais e não-ocidentais. Os *piercers*, em grande maioria, também são adeptos das tatuagens, no entanto procuram valorizar a estética do *piercing*, que vem se legitimando cada vez mais no universo das modificações corporais tanto como um signo de beleza e de sedução, seja por estética ou como instrumento de erotização. Os práticos em suspensão fazem uso de um ritual milenar com finalidades diversas, dentre as quais se destacam: a curiosidade, assim como o controle do corpo e da mente. Muitas vezes a prática é realizada com a finalidade de reconhecimento e *status* no grupo, podendo ser também teatralizada e comercializada. Os modificadores corporais, embora se reconhecendo como minoria, enfatizam que a transformação do corpo não pode mais se reduzir ao simples adorno ou acessório, pois vem demandando processos mais elaborados, como por exemplo, a escarificação, os implantes e outras técnicas de efeitos esteticizantes.

No caso do tatuador e do *piercer*, suas práticas são regulamentadas pelos órgãos de controle sanitário, mas do ponto de vista da regulamentação profissional não são ainda reconhecidos como profissionais⁷. Já o modificador corporal e o prático da suspensão atuam clandestinamente, pois suas atividades são realizadas às escondidas e consideradas pelos órgãos de saúde pública como ilegais, já que podem pôr em risco a integridade física do organismo.

Em respeito à identidade dos atores sociais, a identificação dos mesmos ao longo do trabalho se dará pelo apelido que utilizam e nos casos em que não façam uso deste será empregada a inicial do nome próprio em maiúscula. Também serão utilizadas imagens fotográficas previamente autorizadas, as quais servirão para ilustrar o trabalho.

Apesar de se tratarem de categorias distintas, há pontos de semelhança:

1. O uso deliberado de um estilo de vida compartilhado por um ideal estético urbano e cosmopolita considerado como alternativo;
2. A mobilidade territorial;
3. O uso da *Internet* entre os atores sociais como um dos instrumentos mais importantes para divulgar o estilo de vida e o ideal estético;
4. A sociabilidade intergrupar;

⁷ Ver: Anexo IV (p. 197-204).

5. A utilização da prática como meio de sobrevivência ligada à estética corporal⁸.

Os interiores dos estúdios de tatuagem e *body piercing* foram os locais que permitiram um contato mais aprofundado com esse universo, pois lá era possível ter acesso aos informantes; lugares nos quais se penetrava em seus cotidianos. Nesses estúdios foi mais fácil estabelecer vínculos que permitiam chegar a outros adeptos. A regularidade e a intensidade dessas visitas possibilitou, tanto no Recife quanto em Madri, a inserção nas redes de relação dos técnicos e de alguns adeptos de tais costumes, o que facilitou circular num meio fechado, sobretudo quando se trata de um campo de intervenções radicais. À medida que a pesquisa avançava, percebia-se cada vez mais pontos em comum entre os interlocutores que viviam em Madri e aqueles com os quais se conviveu no Recife, conforme será analisado neste trabalho. Entretanto, não é a perspectiva comparativa que interessava como hipótese deste trabalho, mas sim o entendimento de atividades corporais que pareciam não possuir limites territoriais, dado o fenômeno de consumo e de estilos de vida que se tornavam, de certo modo, globalizados, embora conservando, evidentemente, algumas peculiaridades locais.

Para atingir os objetivos da problemática de pesquisa privilegiaram-se as seguintes estratégias:

1. Pesquisar *sites* de *Internet* e material publicitário coletado em revistas e jornais nacionais e internacionais;
2. Comparar e analisar o conteúdo desses textos e imagens com as práticas e valores então adotados nos grupos pesquisados;
3. Comparação das imagens fotográficas (tatuagens, *piercings*, escarificações, suspensões e implantes) realizadas durante o trabalho de campo, com fotografias veiculadas na *Internet* por grupos distintos, fotos de catálogos internacionais, etc.;
4. Pesquisa semiparticipante, entrevistas semidirigidas com técnicos e clientes;
5. Observação semiparticipante em convenções, oficinas, *workshops* voltados para o público pesquisado;
6. Observação em rituais de suspensão corporal;
7. Observação em bares noturnos e concertos;

⁸ Aqui evidenciando os técnicos.

8. Entrevistas em *chats-messengers*.

As entrevistas semi-estruturadas (Roteiro no Anexo II) gravadas assim como conversas mais informais, tanto pessoalmente quanto por *Internet*, foram estruturadas a partir de alguns eixos temáticos dos quais destacam-se os seguintes:

- a) Técnico: focar as técnicas corporais (tatuagem, *piercing*, escarificação, suspensão, implante, etc.); privilegiar a relação entre dor e prazer; observar os desafios do limite do corpo, identificar o grau de experimentalismo estético;
- b) Plano individual: registro de histórias de vida ou narrativas biográficas, identificar o momento de adesão às modificações corporais; registrar os diferentes estilos de vida;
- c) Esfera social: analisar o mercado de trabalho; o nível consumo; o papel da mídia para a divulgação desse mercado.

As entrevistas foram realizadas à medida que havia possibilidade. Quando o movimento no estúdio de tatuagem era muito intenso, tinha-se que interromper as conversas, as quais muitas vezes terminavam aí ou eram continuadas na sala do tatuador ou do *piercer*, espaços onde se podia ter maior acesso à intimidade do técnico. Outro aspecto importante a salientar é a mobilidade do campo, pois em geral a maior parte das pessoas envolvidas mudam frequentemente o local de trabalho, em função de vários motivos e entre estes, os deslocamentos intraterritoriais e até internacionais. Muitos dos técnicos inicialmente contactados transferiram-se para outros centros, ocasionando tantas vezes a perda do contato, sendo isso uma característica de seus estilos de vida. Já em relação àqueles que possuíam estúdios mais equipados e se dedicavam ao comércio de produtos relacionados à tatuagem e ao *piercing*, divulgando seus trabalhos e equipamentos através de revistas e catálogos especializados, foi possível manter uma maior regularidade de contato. Nesses espaços entrevistavam-se não só proprietários, como também os técnicos e, quando era possível, os adeptos. De igual forma, foram ouvidos depoimentos de profissionais da área de saúde a respeito de suas opiniões em relação às intervenções estéticas mais radicais sobre o corpo.

ABISMOS E APROXIMAÇÕES

Em vista da opção dos interlocutores, era comum que em certos casos manifestassem condutas consideradas “transgressivas” o que, em muitas ocasiões, levou à reflexão a propósito dos limites da própria investigação. Vários foram os momentos de tensão. Sem dúvida o campo era bastante difícil de pesquisar, dado à natureza do objeto. Entretanto, esse foi um dos motivos de se levar adiante a investigação. Um dos

maiores desafios da pesquisadora foi romper as barreiras iniciais, a começar pelo seu visual, que em nada correspondia à expectativa dos grupos pesquisados: nem tatuagens, nem *piercings*. A estética, no caso, funcionaria como uma maneira de identificação e estabelecimento de laços de confiança. Como romper com o silêncio e estabelecer uma empatia com o grupo, já que sua estética não ajudava a criar a então cumplicidade desejada? Como se daria a iniciação no campo?

Chegou-se, inclusive, à reflexão, em diversos momentos da pesquisa, a propósito de um possível pedido a um dos técnicos que lhe fizesse uma pequena tatuagem: “talvez uma rosa vermelha?” ou “talvez uma fada”. O fato é que a idéia não logrou êxito, pois logo desvanecia, sob a evidência de que a imagem era mais forte, perduraria pela vida inteira... E por que não um *piercing*? Adorno reversível, tão banal entre homens e mulheres, que já se tornou mais um acessório comum entre tantos. Mas nenhuma dessas opções vingou. A aproximação veio por outros meios. Foi possível, na medida em que a pesquisadora apresentava seus objetivos, negociando passo a passo, democraticamente, e de forma ética, com os seus interlocutores. Custou a penetrar nas reuniões mais secretas, tanto no Recife quanto em Madri. Com o tempo e a confiança necessária, foi iniciada no universo das experiências mais intensas, como nos rituais de suspensões corporais e em algumas intervenções de modificação, como a escarificação. Durante a investigação, muitas vezes, enfrentou discriminação por parte de adeptos e técnicos, que lhe tachavam de “careta”, “tradicional”, pois além de sua estética considerada como “conservadora”, não fazia uso de drogas, comum para a maioria de seus interlocutores. Essas diferenças, em certos momentos, dificultavam a comunicação, na medida em que os atores sociais se tornavam dispersos, tantas vezes, interrompendo a conversa. Entretanto, outras formas de expressão passavam igualmente a ser significativas, pois alguns deles exercitavam o poder de sedução por meio da exibição do corpo, deixando à mostra tatuagens e outras intervenções corporais. Nessas ocasiões pareciam sentir-se mais livre para exprimir sensações por meio de suas marcas, relacionando-as aos prazeres que essas lhes provocavam, como por exemplo, a instensificação do orgasmo com o uso do *piercing* e de implantes em diferentes áreas erógenas do corpo.

A grande mobilidade do grupo constituiu outra barreira a ser transposta. O estabelecimento de uma regularidade com o mesmo universo de informantes só foi possível através de estratégias variadas. Tanto no Recife quanto em Madri os contatos foram iniciados nos estúdios e, posteriormente, com o freqüente deslocamento dos técnicos e adeptos foi necessário recuperar a comunicação através da *Internet* ou,

paralelamente, nos momentos em que a pesquisadora se deslocava a outras cidades para contactar com algumas pessoas. Além disso, o próprio campo se apresentou, em diferentes momentos, como um risco, dado à natureza ambígua, situando-se, portanto, numa zona porosa entre a legalidade e a ilegalidade, entre o lícito e o ilícito.

TRAÇAR UM PLANO

A pesquisa encontra-se dividida em três partes, com os respectivos capítulos. Na primeira busca-se identificar, analisar e interpretar, a partir de uma perspectiva diacrônica, as principais tendências estéticas que influenciaram na cultura ocidental a divulgação de matrizes exóticas, as quais deram visibilidade estética a determinadas vanguardas dos anos 20, como o Dadaísmo ou o Fluxus e, posteriormente, a movimentos sociais da década de 60, como o *modern primitivism*, além da *body art* e dos movimentos ligados à “contracultura” (*hippies* e *punks*). Dentro do contexto contemporâneo ressaltam-se os usos das técnicas nas intervenções corporais, destacando algumas performances, bem como autores que fazem uma crítica às concepções clássicas da antropologia, propondo novas formas de análise do corpo na contemporaneidade.

Na segunda parte, intitulada de “Marcas corporais em tempo de globalização”, analisa-se o processo de internacionalização de uma estética relacionada com as técnicas de modificação corporal. Também é avaliado o fenômeno de consumo e recepção dessas práticas através dos grupos referidos. Além disso, procura-se entender diferentes dinâmicas de sociabilidade e formações de rede virtuais, nas quais se discutem e são veiculados produtos voltados para a divulgação dos procedimentos.

Finalmente, a terceira parte é dedicada à análise das transformações no corpo, sendo enfatizado os rituais de suspensão e seu caráter de teatralização ou performance. Para entender tais dinâmicas, toma-se como modelo ideal a narrativa e experiência de um dos adeptos ou técnicos dessas atividades práticas que, como outros, se iniciaram na suspensão e, posteriormente, buscaram intervenções mais radicais no corpo. Nesse sentido, também serão explorados os sentidos e significados que alguns dos pesquisados atribuem ao próprio corpo, o processo de transformação e suas implicações, tanto no âmbito subjetivo quanto na esfera das relações sociais dos indivíduos envolvidos.

PARTE 1: “PRIMITIVISMO” RESSIGNIFICADO

Capítulo 1. Marcas corporais e exotismo

Durante muito tempo, sobretudo na Idade Média, o imaginário popular na Europa esteve tomado pela crença em monstros, seres grotescos e bizarros, os quais não seriam da ordem do humano, mas fugiriam ao controle da criatura, por serem híbridos marcados pela fluidez e por faltas de definições físicas. Esta presença já se dava na Bíblia servindo posteriormente de inspiração à literatura, à pintura e a arte, que priorizavam valores de espontaneidade, fantasia individual, cores, movimento e expressão de sentimentos. A respeito do monstruoso também foram escritos tratados, posteriormente recuperados pela filosofia natural, pela medicina e pela cirurgia. Inicialmente os tratadistas se perguntavam acerca da existência de nações monstruosas e uma preocupação comum a essas doutrinas estava na natureza desses seres, ou seja, se pertenciam à ordem do humano, como já foi aludido, à natureza animal ou se ao diabólico, mas independentemente de suas causas, tal categoria se ampliou a qualquer ser ou comportamento que excedesse os limites do comum, ou seja, ao feio, desproporcional ou deformado. Uma das explicações a esse respeito se respaldava, sobretudo, na necessidade da natureza de contrastar suas manifestações: se havia monstros individuais era para ressaltar a beleza do resto dos seres.

Sendo a teratologia a ciência que estudava as más formações físicas em seres vivos, homens ou animais, suas raízes remontavam aos tempos em que cada monstro era portador de um significado particular. Com relação às causas imediatas do nascimento dos monstros, havia duas teorias: a diabólica e a naturalista. No primeiro caso, o nascimento era advindo do fato da mãe ter tido relações carnavais com o diabo, sendo o nascimento de um monstro um signo de bruxaria da mãe, cujo destino era tortura e a queima na fogueira. No caso da justificativa naturalista, se diferenciavam as causas tendo em vista o tipo de monstruosidade. Os monstros humanos, desde Aristóteles se diferenciavam em “monstros por excesso” (gêmeos siameses ou gigantes) e “monstros por defeito” (anões; pessoas de uma perna só; um olho). A razão destas anomalias estava indicada em uma quantidade respectivamente excessiva ou escassa de espermatozóide no momento da inseminação. Quando o monstro apresentava alguma característica similar a de alguma espécie animal, também se podiam atribuir a outras

causas naturais, como nas práticas de bestialismo, ou seja, relações sexuais com animais (Del Rio Parra, 2003). Com as descobertas de outros continentes, os viajantes alimentavam uma grande curiosidade ao descreverem os lugares, incluindo a geografia, a fauna, a flora, bem como os habitantes. Os monstros muitas vezes se baseavam em descrições exageradas de seres humanos e de animais reais ou imaginários, como se pode comprovar na frase abaixo do bestiário medieval *Liber Monstrorum*, a qual evidencia a relação entre esta criatura e a terra distante ou desconhecida: “Me interrogas sobre as terras incógnitas do mundo e sobre a credibilidade que deve se outorgar ao grande número de monstros que vivem em regiões desconhecidas da terra, nos desertos e nas ilhas do oceano e nos esconderijos dos montes mas distantes” (Tradução nossa)⁹.

Distância e monstruosidade sublinhavam um salto que pressupunha uma barreira entre os europeus e os demais; à medida que os confins do conhecido se ampliavam, a perspectiva do monstruoso não desaparecia, antes se deslocava para um lugar mais além. A monstruosidade se utilizava para definir o além da barreira geográfica, um salto qualitativo entre os monstros e o homem. Quando se descrevia os povos distantes, costumava-se falar em espécies estranhas: sem narizes, com membros no lugar das pernas, com rabo, entre outras características que muitas vezes eram utilizadas com o objetivo de discriminá-los. Uma das lendas européias contava a estória dos *amyctyrae* ou “sem nariz”, povos monstruosos cuja principal característica era a presença de um dos lábios (inferior ou superior) bastante desenvolvido (Izzi, 1996). Segundo a lenda, tratava-se de uma população muito primitiva, a qual se alimentava somente de comidas cruas. Vale salientar que a deformação no lábio é praticada em algumas tribos africanas e brasileiras, podendo está relacionada a este conto europeu. Outro conto interessante era o das as Amazonas: do grego *a mazon* (sem mama), assim definida: “No Amazonas, formigas de grandes mandíbulas. Também tribo de mulheres guerreiras a que o mito atribui a extirpação de um seio para disparar melhor as flechas do arco. Sem dúvida, as representações clássicas das amazonas são de mulheres de peito intacto. Além da mutilação, a superstição fez estragos ao insistir que as amazonas usavam homens para procriar e depois os matavam” (Tradução nossa)¹⁰.

Por meio de uma estética corporal o monstro atestava para uma diferenciação cujas tentativas de explicação científica da condição humana por meio dos traços

⁹ LIBER MONSTRORUM *apud* Izzi, M. **Diccionario ilustrado de los monstruos**: ángeles, diablos, ogros, dragones y otras criaturas del imaginario, Palma de Mallorca: José J. de Olañeta, 1996, p. 396.

¹⁰ *Idem*, 1996, p. 29.

corporais serviam para confirmar a superioridade de um se contrapondo à inferioridade do outro. Tais criaturas se confundiam com os “povos primitivos” ou selvagens e, dentre os seus costumes se destacavam os diferentes usos do corpo, os rituais, os adornos e as marcas lavradas na pele, sobretudo as pinturas, tatuagens e escarificações que eram consideradas como maneiras da expressão do exótico e, por contradizer as normas clássicas da civilização ocidental que se pautava na uniformidade da geometria corporal, se tornaram signos de transgressão natural. São vários os vestígios encontrados de povos que adornavam e modificavam seus corpos com pinturas, tatuagens e até trepanações carneais. As origens dessas práticas são um mistério e, segundo especialistas teria sido no Egito antigo. O tatuado mais antigo de que se tem registro é um caçador do período neolítico e data de 5200 anos a.C., batizado de Ötzi, foi encontrado em 1991 congelado entre a Itália e a Austrália com desenhos espalhados pelo corpo (ARAUJO, 2005). Também há dados de múmias encontradas com tatuagens no corpo, assim como povos que furavam o nariz com troncos de madeiras há cerca de 4.500 anos (LAUTMAN, 1994).

Segundo Pancorbo (2006), Heródoto já falava das marcas corporais entre os Tracios (Balkanes) como símbolo de distinção, de hierarquia social e Marco Polo descreveu traçados na pele que faziam os habitantes de Laos e Birmânia como sinal de elegância. Em escavações arqueológicas também foram encontrados crânios que datam de 12 mil anos atrás com marcas de trepanações. Essas práticas tinham propósito mágico-curativo, eram executadas em antigas culturas do Peru, assim como em povos africanos, como os marroquinos. Vázquez Hoys (2003) demonstra que a tatuagem também parece ter sido bastante significativa na China antiga, onde também foram encontradas grafias de homens tatuados interpretados como invocação e identificação com potências celestiais¹¹. Realizada há mais de 1000 anos, a deformação dos pés é uma prática exclusivamente feminina. Segundo informações do *American Museum of Natural History*, seu significado está relacionado à disciplina de um corpo que está preparado para união¹². (cf. p.27). Apesar das mulheres chinesas atualmente não vendarem mais os pés, continuam recordando tal prática que ainda é executada por suas avós (GENTIIL GARCIA, 2003).

¹¹ CARUCHET, wiliam. **Le tatouage ou le corps sans honte**. Paris: Seguiet, 1995

¹²Disponível em:

<<http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://www.amnh.org/exhibitions/bodyart/&sa=X&oi=translate&resnum=8&ct=result&prev=/search%3Fq%3Dbody%2Bart%26hl%3Des>>. Acesso em: 21. abr. 2007.

Sapatos utilizados nas mulheres chinesas para deformar os pés
(acervo: www.bmezzine.com)



fig. 1 sapato usado para deformar os pés



fig. 2 sapato usado para deformar os pés



fig. 3 pés deformados

Em vista da atração do europeu pelo exotismo, há narrativas de que muitos viajantes, marinheiros e até nobres deixaram-se tatuar após conhecimento de culturas em que tal prática era comum. Relatos apontam que Catarina “A Grande” o fez em suas partes íntimas; na França, Marat se tatuou e o Duque de Chartres também; o rei da Suécia teria uma tatuagem em seu braço e quando precisou receber uma sangria pelo seu estado de saúde, pediu ao médico que guardasse segredo, pois possuía a seguinte frase: “mort aux rois” (RAMOS, 2001).

Muitas vezes, os viajantes retornavam com seus corpos tatuados. No diário do capitão Cook em 1769 está escrito: “homens e mulheres pintam o corpo, na sua língua, diz-se “tatuou”, isso se faz injetando cor negra sob a pele de tal maneira que a marca fique indelével. Mr. Stainsby, eu próprio e alguns outros submetemo-nos a operação e tivemos os nossos próprios braços marcados: a marca deixada na pele não pode ser apagada, é dum belo azul violeta, bastante semelhante à marca deixada pela pólvora”¹³.

A tatuagem se incorporou ao ocidente, sobretudo através dos marinheiros, cuja pele desenhada e pintada se tornou um signo associado ao ofício. A marca estampada na epiderme seria muito comum nestes grupos por várias razões: como forma de identificação do corpo caso morressem durante as viagens; símbolos ligados à religião como uma forma de garantir um lugar sagrado ou registro de memória das inúmeras histórias vividas, sendo muito comum neste caso tatuarem a foto da mulher amada da qual sentiam saudade, como bem ilustra a letra da copla¹⁴ “tatuaje” cantada por Concha Piquer em 1942:

TATUAJE

Él vino en un barco, de nombre extranjero.

Lo encontré en el puerto un anochecer,

Cuando el blanco faro, sobre los veleros

Su beso de plata, dejaba caer.

Era hermoso y rubio como la cerveza, el pecho tatuado con un corazón,

Y en su voz amarga, había la tristeza, doliente y cansada,

Del acordeón...

Y ante dos copas de aguardiente, sobre un manchado mostrador,

Él fue contándome entre dientes, la vieja historia de su amor:

¹³ COOK *apud* LE BRETON, D. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 40, 41.

¹⁴ Copla é um estilo de música espanhol.

"Mira mi brazo tatuado,
Con este nombre de mujer;
Es el recuerdo de un pasado
Que nunca más ha de volver.
Ella me quiso y me ha olvidado,
En cambio yo no la olvidé...
Y para siempre voy marcado
Con este nombre de mujer".

Él se fue una tarde, con rumbo ignorado, en el mismo buque, que lo trajo a mí.
Pero entre mis labios, se dejó olvidado, un beso de amante que yo le pedí.
Errante lo busco por todos los puertos. A los Marineros pregunto por él...
Y nadie me dice, si está vivo o muerto, y sigo en mi duda,
Buscándolo fiel.
Y voy sangrando lentamente, de mostrador en mostrador...
Ante una copa de aguardiente, donde se ahoga mi dolor.
Mira tu nombre tatuado, en la caricia de mi piel...
A fuego lento lo he grabado, y para siempre iré con él.
Quizás ya tú me has olvidado, en cambio yo no te olvidé...
Y hasta que no te haya encontrado, sin descansar te buscaré.
Escúchame, Marinero, y dime ¿Qué sabes de él?
Era gallardo y altanero... Era más rubio que la miel...
Mira su nombre de extranjero, escrito aquí, sobre mi piel...
Si te lo encuentras, Marinero, dile que yo muero por él...

Os procedimentos empregados na tatuagem eram bastante rudimentares e muito dolorosos, mas ao que parece a valorização da dor para estes grupos estaria relacionada a sinais de resistência, virilidade e sedução. (cf. p. 30).

Além dos marinheiros, no século XX, os circos da Europa costumavam exibir pessoas tatuadas. Nesses festivais era comum se contar histórias de perseguições e caça cujas marcas no corpo serviam para ilustrar tais contos que muitas vezes eram puras criações. Segundo Araújo (2005), o tatuado mais famoso desta época que se tem registro era o grego Capitão Constantino, cujo corpo exibia 388 imagens de animais. Segundo os dados, ele se apresentava em espetáculos contando que teria sido tatulado a força por uma tribo chinesa de mongóis.

Tatuagens de marinheiros estrangeiros que aportaram no Brasil no início do século XX. (acervo: DA CRUZ RIBEIRO, 1912)



fig. 1 Norueguês, branco, marítimo. Tatuagens azuis e vermelhas nos antebraços feitas na Inglaterra.

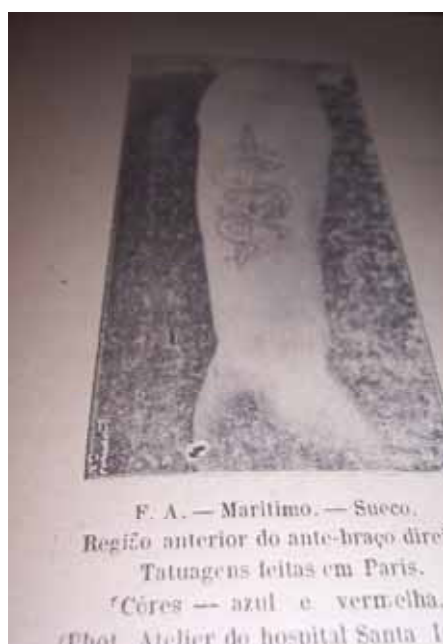


fig. 2 Sueco, marítimo. Tatuagens azuis e vermelhas na região anterior do antebraço feitas em Paris.

Outras pessoas também se aproveitam da situação para conseguir dinheiro e fama como bem ilustra o relato abaixo:

(...) Em 1828, John Rutherford chega a Bristol com a pele coberta de tatuagens maoris que ele afirma terem-lhe sido igualmente infringidas contra a sua vontade com dores terríveis. Constrangido a casar com a filha do chefe de quem diz ter três filhos, consegue, após seis anos de cativeiro, escapar num navio americano. Reencontra a sua família britânica, aureolado com o estatuto de vítima. Em breve, consciente do seu valor simbólico e mercantil, apresenta as suas tatuagens em público em Bristol ou em Londres antes de desaparecer¹⁵.

Na mesma época, James O'Connell é o primeiro americano a mostrar-se em salões e circos contando também as aventuras e seus dissabores com os canibais da Micronésia, que lhe pouparam antes de impor as cruéis tatuagens. A ficção da violência garante o valor das suas afirmações e justifica a razão de tais ornamentos. A tatuagem continua a ter uma reputação duvidosa, é contada como consequência de uma violência física e de uma ação perversa dos “primitivos”.

No final do século XIX e início do século XX destacava-se Wagner Gus, artista da tatuagem e viajante do mundo, que esteve em St. Louis (Paris) para tatuar na Feira de 1904. Sua esposa, Maud Stevens era uma das atrações por ser uma mulher tatuada. Antes de 1907 foi completamente coberta de tatuagens feitas por ele¹⁶. (cf. p. 32).

As mulheres começam a aparecer sobretudo a partir da década de 1920, em espetáculos circenses nos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Contrariamente aos homens que costumavam relacionar a marca corporal a conteúdos violentos, elas contavam histórias de amor e erotismo por meio dos desenhos estampados na pele. Betty Broadbent (1930) apresentava-se em circos americanos, na Austrália e Nova Zelândia completamente tatuada. Nos idos de 1960, uma jovem australiana apelidada Cindy, cujo nome verdadeiro é Bev Robinson, foi considerada uma mulher bastante ousada para época. Possuía o corpo completamente tatuado, num momento em que poucas mulheres tinham essa marca na pele¹⁷. (cf. p. 33).

¹⁵ LE BRETON, D. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosóti, p. 65, 66.

¹⁶ Disponível em:

<<http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://oldschooltattooexpo.com/bert.html&sa=X&oi=translate&resnum=6&ct=result&prev=/search%3Fq%3D%2522museum%2Btattoo%2522%26hl%3Des%26sa%3DX>> Acesso em: 21. abr. 2007.

¹⁷ Disponível em:

<<http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://oldschooltattooexpo.com/bert.html&sa=X&oi=translate&resnum=6&ct=result&prev=/search%3Fq%3D%2522museum%2Btattoo%2522%26hl%3Des%26sa%3DX>> Acesso em: 21. abr. 2007.

Pessoas tatuadas que se apresentavam em países da Europa no início do século XX (acervo: Amsterdam Tattoo Museum)



fig. 1 Wagner Gus, Maud Stevens e filho



fig. 2 Wagner Gus, artista da tatuagem



fig. 3 Feira de St. Louis (Paris)
1904



fig 4 Detalhe do cartaz utilizado na apresentação de Gus Wagner e Maud Stevens na Feira de St. Louis (Paris)

Mulheres tatuadas (acervo Amsterdam Tattoo Museum)



fig. 1 Betty Broadbent (1930)



fig. 2 Bev Robinson "Cindy" (1960)



fig 3. Bev Robinson "Cindy"



fig. 4 cartão de visita utilizado por Cindy

Inicialmente realizada de maneira artesanal em espaços abertos e propensos a infecções, a tatuagem se relacionava com os universos considerados marginais: dos ladrões, assassinos, prostitutas e delinquentes (LE BRETON, 2004). Os métodos usados para tatuar eram, inicialmente, ditos “pré-históricos”, considerados não higiênicos e inadequados pela propensão à infecção: “(...) no século XIX os médicos assinalavam inflamações, gangrenas, transmissão de sífilis, erisipelas, fleimões, adenites, etc., por causa de instrumentos não esterilizados que serviam em todos os clientes ou às mãos sujas dos tatuadores que trabalham muitas vezes nos bares”¹⁸.

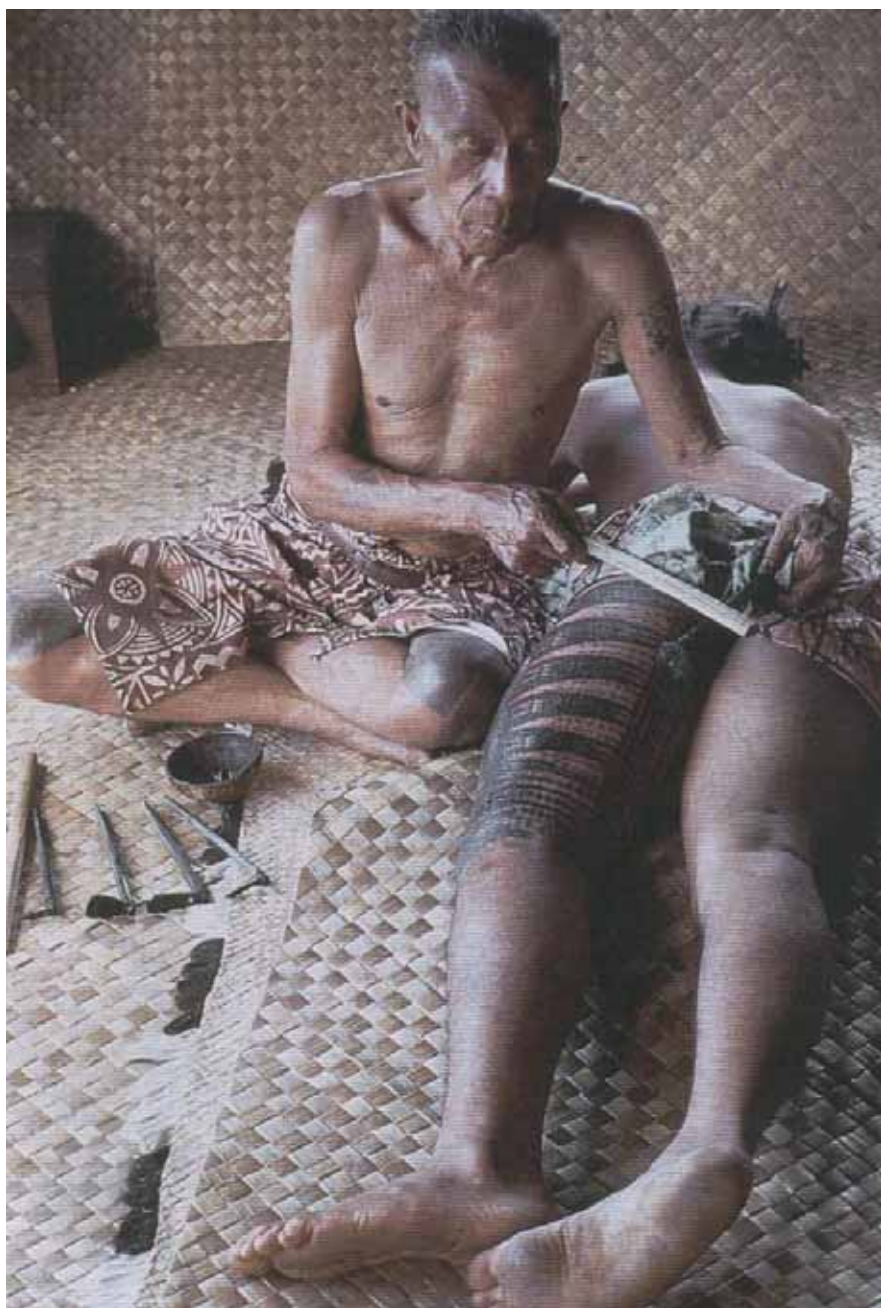
(...) Os bons tatuadores eram aqueles que só faziam uma picada na pele, ao passo que os inábeis chegavam a fazer até três para que a tatuagem ficasse nítida, o que resultava em um extravasamento de sangue. Depois de realizada, se lavava o local com água, álcool e, às vezes com saliva e urina, sendo comum, nestes casos, infecções. Usavam-se agulhas enfeixadas e amarradas em pé de calix, no qual colocavam fuligem proveniente da combustão de querosene misturada com suco de limão, ou ainda com anilina, anil graxa de sapato, carvão vegetal diluído em óleo e substâncias extraídas da nossa flora vegetativa. Os clientes escolhem a vontade, buscando no cérebro doentio ou na alma apaixonada a que lhe convenha¹⁹. (sic)

Segundo Tournier (1998), a palavra “tatuagem” vem do inglês *tattoo* e se originou a partir do contato do Europeu com povos do Taiti, os quais usavam a onomatopéia *tatau* para se referirem ao barulho provocado pela ação do tatuador ao trabalhar na pele. O instrumento utilizado era um buril (cabo de madeira em que era fixado um osso de pássaro, pedaço de madrepérola, dente de peixe ou dentes humanos afiados); um bastonete, espécie de pequeno martelo utilizado para fazer penetrar o buril sobre a pele que ainda são usados até hoje. A tinta era a de cor preta retirada do caroço do *Bancoula tiari* queimado e pulverizado e o pó era misturado com a água. Quando injetada na pele adquiria uma coloração azul. Para que as feridas cicatrizassem usava-se uma planta aromática (*Ahi tutu*). O tatuador, considerado um sacerdote, dispunha de muitos modelos de formas e trabalhava com cuidado a pessoa que ia se tatuar. Segundo a lenda, este povo crê que a origem desta prática seja divina, estando a marca reservada a homens e mulheres de classes superiores. (cf. p. 35).

¹⁸ LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosóti, 2004, p. 223, 224.

¹⁹ RIBEIRO, A. **Tatuagens, estudo médico legal**. 1912. (Dissertação em Medicina). Faculdade de Medicina da Bahia, p. 47.

Processo da tatuagem na Polinésia (acervo : DORLÉAC, Laurence
Bertrandt, *et al.*, 1997)

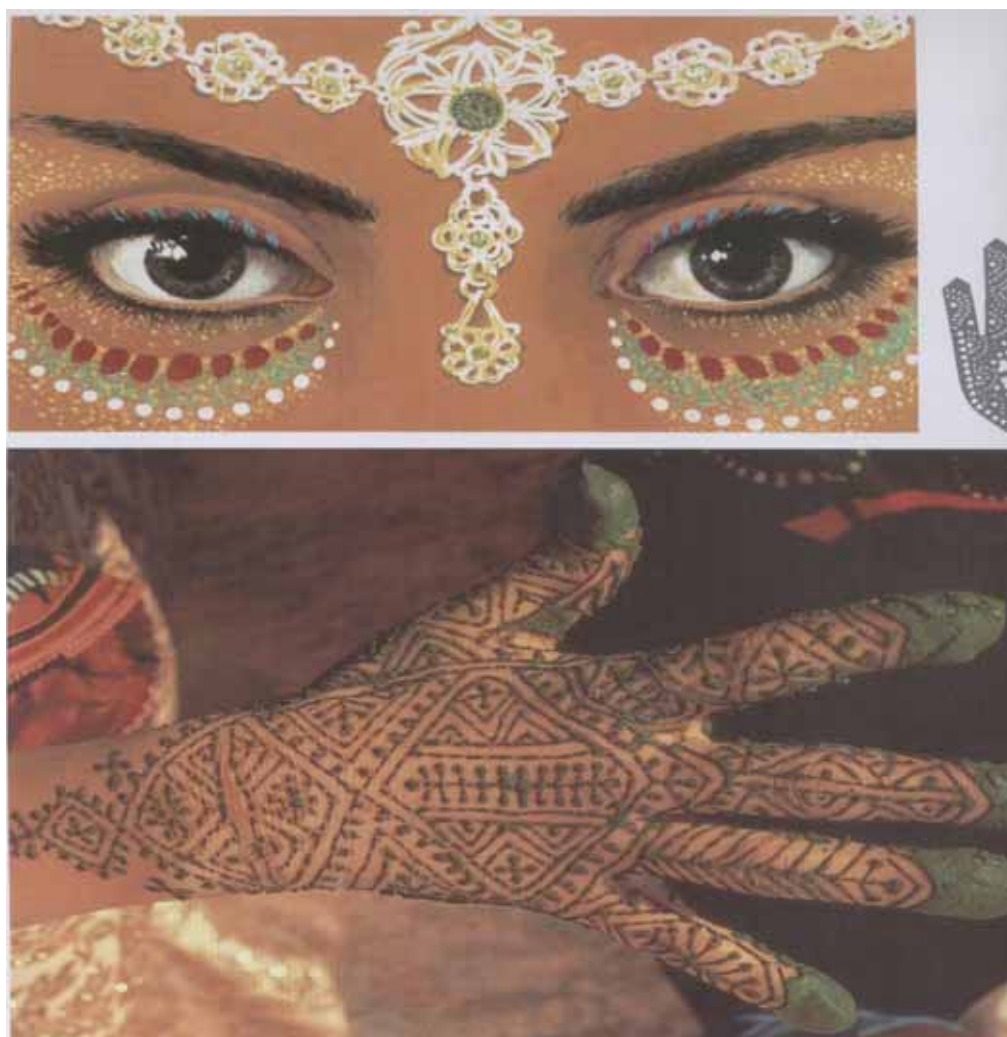


A modificação corporal é uma prática exclusivamente humana que está presente em várias culturas, com distintos significados: beleza, forma de reconhecimento num grupo, rito de passagem, maturidade sexual, etc. Em regiões da Índia, as mulheres tatuam as mãos, braços, pernas e pés como uma forma de beleza e sedução, por meio da introdução na pele de fluido de petróleo, misturado a óleo de quinino com leite e algumas vezes urinas (GENTIL GARCIA, 2003). (cf. p.37).

Na Nova Zelândia, entre os Maoris, há uma crença de que a tatuagem contém poderes sagrados, sendo o motivo mais recorrente o espiral, em que cada curva tem um significado. Há registro do século XIX de um grande tráfico de cabeças tatuadas que passou a ser um ‘exotismo’ europeu e, por conseqüência, um mercado rentável. Com a alta dos preços e a escassez das cabeças tatuadas, conta-se que alguns chefes ordenavam tatuar a força seus escravos antes de decapitá-los para comercializar suas cabeças (RAMOS, 2001, 42). (cf. p. 38).

Em alguns lugares do Japão é comum às mulheres *Ainours* tatuarem os lábios com finalidade estética deixando-os salientes e maiores. (cf. p. 39). A técnica de tatuar por meio do cabo de bambu com uma agulha na ponta surgiu neste país. Outra prática japonesa (*kakoushibori*), que segundo Caruchet (1995) é também muito comum em mulheres, consiste em utilizar pó de arroz ou óxido de zinco com um contorno vermelho, que só aparecem em determinadas circunstâncias, como na excitação sexual, após banho quente ou quando a pessoa está alcoolizada.

Tatuagem de henna na mão de uma indiana (Acervo : DORLÉAC, Laurence
Bertrandt, *et al.*, 1997)



Cabeças tatuadas *maoris*



fig. 1 cabeça tatuada *maori*
Acervo : DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997

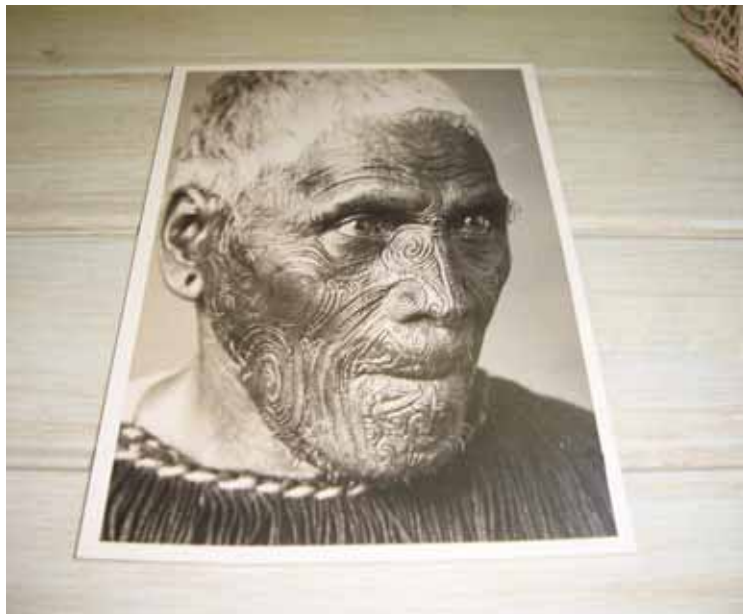


fig. 2 Cabeça tatuada *maori*
Acervo : Musée de L'Homme- Paris

Tatuagem na boca (acervo: DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997)



fig. 1 Mulheres *Aïnous* com boca tatuada como signo estético.

No Brasil, entre determinadas etnias indígenas, a pintura corporal sempre foi bastante valorizada. Entre os Kadiwéu o desenho ou a forma indicava a posição social no grupo. Suas pinturas ainda hoje são consideradas como uma das mais importantes da América. Enquanto aos homens são atribuídas esculturas, às mulheres, pinturas e decorações de cerâmica e pele.

(...) A mulher pinta as outras improvisando motivos. Ornamenta o lábio superior com um motivo em forma de arco terminado nas duas pontas em espirais; depois divide o rosto com um traço vertical, cortado no sentido horizontal, às vezes. A face, dividida em quatro, frinchada- ou até mesmo cortada no sentido oblíquo-, é então decorada livremente com arabescos que levam em conta o lugar dos olhos, do nariz, das faces da frente e do queixo, desenvolvendo-se como um campo contínuo. Em composições complicadas, mas sempre equilibradas, tem início partindo-se de um canto qualquer e vão até o fim sem hesitação nem rasura. Apela para motivos simples, tais como espirais, esses, cruzeiros, losangos, gregas e volutas, mas esses são combinados de tal forma que cada obra possui um caráter original. Em quatrocentos desenhos reunidos em 1935, não observei dois semelhantes²⁰.

Os índios Karajá, da Ilha do Bananal, ainda hoje tatuam círculos nas faces. Os Botocudos também são bastante conhecidos pelos enormes discos nos lábios e nas orelhas que vão substituindo e aumentando de tamanho conforme a idade. Segundo Viertler (2000), entre os Bororo as partes do corpo moles como a boca e as orelhas estão associadas à volúpia e licenciosidade dos impulsos sexuais. Para enrijecerem são perfuradas pelo adorno labial e brinco. A depilação do rosto e do corpo é também um requisito fundamental de beleza, ao mesmo tempo em que purifica, realça o efeito estético dos adornos e pinturas. Estes índios se tornaram conhecidos pela suntuosidade dos seus adornos, vaidade e preocupação com os enfeites e com a aparência. Claude Lévi-strauss (1996) descreve poeticamente a vaidade desses índios, merecendo se deter fielmente ao parágrafo:

(...) A nudez dos habitantes parece protegida pelo veludo herbáceo das paredes e pela franja das folhas de palmeiras: eles se esgueiram para fora de suas casas como quem se despiu de gigantescos roupões de avestruz. Os corpos, jóias desses estojos de plumas, possuem formas depuradas e de tonalidades realçadas pelo brilho das pinturas e das tintas, suportes-dir-se-ia- destinados a valorizar os ornamentos mais esplêndidos: as pinceladas grandes e brilhantes dos dentes e presas de animais selvagens, associados às penas e às flores. Como se uma civilização inteira conspirasse numa idêntica ternura apaixonada pelas formas, as substâncias e as cores da vida; e que, a fim de reter em volta do corpo humano sua essência mais rica, apelasse-entre todas as suas produções- para as que são duráveis ou fugazes em extremo mas que, por um curioso encontro, são depositários privilegiados²¹.

²⁰ LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p.173.

²¹ *Ibidem*. p. 202, 203.

Segundo o autor citado, os homens viviam nus apenas com cones de palha cobrindo o pênis e alguns se avermelhavam com sementes de urucum, cobrindo até os cabelos. Em ocasiões especiais, como festas, costumam enfeitar o estojo peniano com as cores e formas do clã. As mulheres também se pintavam e cobriam a região entre as coxas, tirinhas de algodão eram apertadas em volta dos tornozelos, bíceps e pulsos, deixando uma marca na pele pela pressão no sangue. Estes povos costumam, no momento de um falecimento, esperar que o corpo apodrecesse para lavar os ossos, pintá-los e enfeitá-los com mosaicos de plumas antes de imergi-los numa cesta e colocá-los num rio. (cf. p. 42).

Já os Tupinambás eram temidos por seus costumes entre os quais o canibalismo e a prática da tatuagem nos guerreiros que capturavam os inimigos (HARRIS, 1987). Hans Städen, um marinheiro alemão que naufragou na costa brasileira em princípios do séc. XVI descreveu como um grupo de índios combinava o canibalismo com o ritual de sacrifício:

(...) El día del sacrificio, el prisionero de guerra, atado por la cintura, era arrastrado hasta la plaza. Rodeado por mujeres, que lo insultaban y lo maltrataban, se le permitía, no obstante, desahogarse arrojándoles frutas o fragmentos de cerámica. Mientras tanto, las ancianas, pintadas de negro y rojo y engalanadas con collares de dientes humanos, sacaban las vasijas ornamentadas en las que se cocinarían la sangre y las entrañas de la víctima. Los hombres se pasaban unos a otros la maza ceremonial que se utilizaría para matarlo con el fin de ‘adquirir el poder para hacer un prisionero en el futuro’. El verdugo vestía una larga capa de plumas y lo seguían parientes que cantaban y golpeaban tambores. Es verdugo y el prisionero se insultaban entre si. Al prisionero se le daban la suficiente libertad para poder esquivar los golpes y a veces le colocaban un garrote entre las manos para que se protegiera, aunque no podía envolver los golpes. Al final, cuando aplastaban su cráneo, todos ‘gritaban y chillaban’...en ese momento, las ancianas ‘corian a beber la sangre tibia’ y los niños mojaban sus manos en ella. ‘las madres untaban sus pezones con sangre para que incluso los bebes pudieran probarla’. El cadáver era cuarteado y cocinado a la parrilla mientras ‘las ancianas, que eran las más anhelantes de la carne humana’, chupaban la grasa que caía de las varas que formaban la parrilla.²²

²² STADEN *apud* HARRIS, M. **Caníbaes y Reyes**: los orígenes de las culturas. Madrid: Alianza, 1987, p. 142.

Pintura corporal indígena



fig. 1 pintura feminina
(acervo: Fundação Joaquim Nabuco - Recife)



fig. 2 pintura corporal
(acervo: DORLÉAC *et al.*, 1997)



fig. 3 índios se preparando para
ritual. (acervo: DORLÉAC *et al.*, 1997)

Na África, alguns povos desenvolveram uma técnica própria para realçar na pele negra. Consiste na infecção voluntária por meio de incisões no corpo com material pontiagudo (bastão, espinho, conchas, cacos de vidro), que cortam a pele e por meio deles se introduzem determinados materiais, tais como: farinha, terra, folha de pimenta, óleo de dendê e bambu. Depois da cicatrização, aparecem os quelóides, também considerados como escarificações (LEUZINGER, 1961). (cf. p. 47). No contexto, a cicatriz epidérmica além de ser um tipo de estética, também pode funcionar como um signo étnico e, em função do local do corpo aplicado, pode ter inúmeros significados: amuleto protetor, representar a relação com os ancestrais, registro de um acontecimento, como um rito de iniciação, indicando neste caso, uma posição social. Apesar da importância da escarificação entre os negros, também há relatos de tatuagens coloridas aplicadas no rosto como complementos de máscara de madeira. Para muitos povos a pintura tem uma linguagem simbólica, aumenta a energia vital, é objeto de culto nas famílias, nas associações secretas e no totemismo. Nos lugares em que predominam os velhos costumes, os pintores negros têm preferência por motivos geométricos: linhas em ziguezague, triângulos e quadriláteros, círculos e semicírculos, pontos e linhas. O adorno guarda uma relação muito significativa com o seu portador. Serve para dignificar o senhor, a posição da mulher casada, a elegância das jovens, o prestígio do rico, o êxito do caçador e do guerreiro.

Leiris e Delange (1967) consagraram uma obra para retratar o quanto a beleza corporal é também objeto de busca explícita em vários povos africanos. Por possuírem bom gosto para o adorno, tiram partido de material mais modesto como casca de ovo de avestruz, conchas, dentes de animais, palhas trançadas, tampas de garrafa, botões de roupa, etc. Para alcançarem a estética desejada não medem esforços nem retrocedem a qualquer forma de dor, chegam até a mutilar partes do corpo sobretudo os orifícios, como os dentes, orelhas, nariz e boca. A esse respeito destaca-se Dos Santos (1948) e sua pesquisa realizada por parte de missões portuguesas antropológicas a Moçambique (1945-1946), em que foi registrado a prática das mutilações auriculares em mulheres como um costume milenar passado de mãe para a filha com finalidades de embelezamento. Por meio de uma faca afiada se cortavam porções maiores ou menores da orelha. Para conseguir dar uma forma arredondada ao buraco, eram introduzidas hastes de caniço até cicatrizarem. Tais mutilações se constituíam por largas perfurações em várias regiões da orelha, que iam de 1 a 3 e, excepcionalmente, 5 buracos.

Em algumas etnias senegalesas, duas incisões na altura dos olhos teria o objetivo de melhorar a visão, os cortes frontais, segundo eles, aliviam dores de cabeça. Na Nigéria é comum fazer três incisões na testa do bebê para preveni-lo de futuras doenças, isto pode se explicar a partir da crença de que o sangue é o causador de muitas enfermidades, e por isso deve ser eliminado. O alargamento do crânio é uma técnica que se pratica em partes do Congo e do Nilo, pelos mangbetu de classe alta. Com tal fim, comprimem a cabeça da criança com pedaços de madeira planos. Para sublinhar e aperfeiçoar a deformação, fazem do penteado uma verdadeira obra de arte, sobretudo as mulheres que costumam enfeitar os cabelos com erva, dando-lhes mais volume. Atestado desde o paleolítico superior, a mutilação dentária é uma prática estendida na zona equatorial e na Guiné. Orifícios do corpo como orelhas, nariz e boca sofrem freqüentemente modificações, por serem considerados lugares de intercâmbio entre o mundo exterior e interior (RAMOS, 2001).

Com a penetração dos colonizadores e missionários em outras culturas, algumas práticas relacionadas às marcas e ritos corporais como a tatuagem ou a escarificação foram condenadas, desaparecendo em populações inteiras ou perdendo seus significados originais²³. Para muitos religiosos, qualquer tipo de enfeite se associava à impureza e ao pecado, uma vez que havia por parte da igreja cristã um rechaço pela cosmética, pois a beleza não deveria ser buscada, já que era dada por Deus, conforme refere Castiglione: “Diría que la belleza proviene de Dios y que es como un círculo cuyo centro es la bondad. De ese modo, resulta raro que el alma mala habite en un hermoso cuerpo y por eso la belleza exterior es el verdadero signo de la belleza interior”²⁴.

Os cristãos acreditavam que o homem era criado por Deus a sua imagem e semelhança e segundo o Gênesis não se poderia mexer no corpo para preservá-lo à eternidade. A integridade do organismo era um dos atributos para guerreiros e sacerdotes, ser santo era ser total, ser uno. Quem tocava o corpo humano era discriminado, pois infringia um tabu cristão, de forma que no século XII o concílio de Trento proibiu os médicos monásticos de proceder à sangria, prática corrente na época, já que violava os limites da carne. A distinção entre corpo e alma, carne e espírito, praticamente não existe nas escrituras, só aparece depois, com a influência da

²³ Ver: Anexo V.

²⁴ CASTIGLIONE *apud* VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**: el cuerpo y el arte de embellecer desde el renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Nueva visión, 2005, p. 34.

linguagem herdada dos filósofos gregos. Os autores do novo Testamento assim analisavam o corpo humano:

(...) El cuerpo corruptible hace pesada el alma. En la nueva terminología, la palabra cuerpo, sôma, sustituirá, en muchos casos, la palabra carne, sarx. Este ultimo sigue siendo sin embargo el que se emplea con mayor frecuencia cuando se trata de evocar las debilidades de la naturaleza humana que dependen de su componente animal: la precariedad de la carne destinada a la corrupción, sus exigencias, que la convierten en sede de las pasiones e instrumentos del pecado, su impotencia natural para elevarse hacia Dios e incluso su predisposición a la lucha contra la acción divina del Espíritu. Todo lo que es propio de la carne se opone a la vida espiritual. Por eso, las que pertenecen a Cristo han crucificado su carne con sus pasiones y deseos. Ciertamente, al igual que todos los hombres, el cristiano es carnal. En razón de su condición humana, vive en la carne, pero non según la carne, es decir, abandonándose a sus impulsos y sus tiranías. En la vida según el espíritu a la que se compromete, el bautizado, integrado en el cuerpo de Cristo, que también se hizo carne, obtiene por su reconciliación en este cuerpo de carne, su purificación y su santificación, es decir, su salvación²⁵.

Conforme a Bíblia faz referência: **“Não fareis incisão no corpo de um morto nem fareis em vós próprios tatuagens”**²⁶ (grifo nosso).

Em outra passagem bíblica, ao relatar a morte de Abel, o Senhor diz a Caim:

(...) Agora, pois serás maldito sobre a terra, que abriu a sua boca e recebeu o sangue do teu irmão da tua mão. Quando tu tiveres cultivado, ela te não dará os seus frutos. Tu andarás vagabundo e fugitivo sobre a terra. E Caim disse ao Senhor: O meu crime é muito grande, para alcançar o teu perdão. Tu me lanças hoje fora da terra, e eu serei obrigado a me esconder diante da tua face, e andarei vagabundo e fugitivo na terra. O primeiro, pois, que me encontrar, matar-me-á. Respondeu-lhe o Senhor: Não será assim, mas todo o que matar Caim será por isso castigado sete vezes em dobro. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para ninguém que o encontrasse, o matar²⁷. (sic)

Segundo informações da ordem franciscana, Frey pacífico viu São Francisco marcando sua testa com uma cruz em forma de TAU. A TAU é um nome em grego que corresponde a letra “T”. A semelhança da letra com a cruz em que Cristo reclinou sua cabeça, a converteu em um anagrama de crenças antigas e é um signo particularizado da Ordem Franciscana. Acredita-se que com ela, o franciscano tatua sua alma e se identifica com Cristo. A TAU confeccionada em madeira é considerada um signo de devoção cristã. Conta-se que os franciscanos negam que se trata de uma tatuagem, assim como não aceitam a hipótese da identificação com a cruz de Cristo. Por outro

²⁵ NOVO TESTAMENTO *apud* SENNET, Richard. **Carne e pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. 3 ed. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 230, 231

²⁶ BÍBLIA *apud* LE BRETON, D. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 26.

²⁷ Alcorão *apud* LE BRETON, D. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 30.

lado, acreditava-se também que o Diabo marcava com um sinal a testa de bruxos recém-iniciados, conforme atestam pinturas do século XVIII²⁸ O Islamismo também proíbe a tatuagem. O Alcorão coloca: **“a tatuagem é uma marca satânica, causa maldição, as abluções rituais não tem efeito nenhum sobre a pele tatuada”**²⁹ (grifo nosso).

Criação divina, o corpo humano era associado ao sagrado, marcá-lo era passá-lo ao profano, ao proibido, pecaminoso e sujo (DOUGLAS, 1966). Mexer na carne significava contaminá-la, desta forma a pele, invólucro protetor, deveria está coberta para nem mesmo receber os raios do sol. Nos tratados de beleza do século XVI há um rechaço por parte de religiosos pela cosmética. Relacionando a brancura do corpo à limpeza da alma, na Idade Média as mulheres nobres empregavam severos métodos para perder sangue e ficarem com o aspecto de palidez. Sangrias, laxantes, esfregamento das extremidades do corpo, ventosas na nuca e nos ombros, escarificações, sangue sugas nas bochechas, na ponta do nariz ou na testa, etc. Locateli em 1664 descreve as francesas: “nacen con esa blancura que conservan absteniéndose del vino, bebiendo mucha leche, recurriendo a sangrías muy frecuentes, a lavativas y también a otros medios: por lo tanto no hay que maravillarse de que sus mejillas sean rosadas y sus senos de color de lirio”³⁰. Nesta época o tema do enfeite evocava a prostituta, que quando era retratada sempre levava a pele avermelhada nas bochechas, os cabelos soltos, despenteados e desarrumados.

Devido à reputação da religião em relação às marcas corporais e às iniciações que correspondiam, os europeus não a praticavam, mas por outro lado, na Idade Média os homens iniciavam-se muito cedo na caça e na guerra e o adolescente deveria demonstrar sua valentia frente ao perigo e a morte. Na Grécia antiga os jovens eram treinados em exercícios militares para serem adultos e poderem lutar, muitas vezes os treinamentos eram voltados ao corpo com o objetivo de que este se disciplinasse e o indivíduo adquirisse aptidão física. Em alguns casos, o jovem era obrigado a ficar descalço e dormir no chão em pleno inverno. Havia ocasiões em que tinha que correr pelo campo toda noite até amanhecer. Com isso, ele passava a ter plenos direitos de cidadão, poderia fundar uma família e participar da vida política da cidade (SCHMITT, 1996).

²⁸ VÁZQUEZ HOYS, Ana Maria. **Arcana mágica**: diccionario de símbolos y términos mágicos. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2003, p. 523-524.

²⁹ *Ibidem.*, p. 30.

³⁰ LOCATELI *apud* VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**: el cuerpo y el arte de embellecer desde el renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Nueva visión, 2005, p. 78.

Escarificações africanas (Acervo : DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997)



fig. 1 escarificação nas costas
África



fig. 2 Escarificação no abdome - África

Na Polinésia, no início do século XIX, uma lei britânica provavelmente sob a influência da moral e ética protestante proibiu a tatuagem sob pena de pesadas multas:

(...) Ninguém deverá tatuar-se. Esta prática deve ser inteiramente abolida. Pertence aos antigos e maus hábitos. Os homens ou as mulheres que mandem gravar tatuagens, se a coisa é manifesta, serão julgados e punidos. A punição do homem será a seguinte: deverá trabalhar num troço de estrada comprida 10 toesas para a primeira tatuagem, 20 toesas para a segunda ou partir pedra numa extensão de 4 toesas e numa largura de 2 toesas. A punição da mulher é a seguinte: deverá fazer dois grandes casacos, um para o rei e outro para o governador³¹.

Segundo Le Breton (2004), em 1885 estudiosos perceberam que nas ilhas Marquesas as tatuagens desapareceram sob a autoridade dos missionários protestantes e dos colonos europeus. Apesar das Leis, muitos religiosos marcaram com um sinal tatuado o rosto daqueles que transgrediram certos costumes por eles impostos. Nesta mesma época há o registro de uma mulher na Polinésia que foi condenada à morte por ter assassinado o marido. No entanto, em troca da vida, aceitou ser tatuada, sendo marcada na testa a partir de ossos e conchas pontiagudas com a palavra *murderer* (assassina)³². Como signo de estigma e exclusão, a marca no corpo, seja por corte, queimadura ou pela própria tatuagem foi utilizada na Grécia antiga para advertir que o portador da marca era um escravo, um criminoso ou um traidor e por isso deveria evitar lugares públicos. Essa prática posteriormente também foi adotada em outros países, como a França, que em 1685, o código *Noir de Colbert* determinava que o escravo fugitivo deveria ser marcado com uma flor de Liz e uma orelha cortada (RAMOS, 2001).

No Brasil, era comum aos escravos sofrerem dores por meio de castigos corporais que foram incorporados ao código penal do império com a intenção de que, sob pressão e torturas que incluíam marcas a ferro e mutilações de partes do corpo, cedessem ao que fosse necessário. Em 1930, no nordeste do Brasil, algumas mulheres foram marcadas na pele com o mesmo ferro usado para marcar o gado, como uma maneira de delimitar o pertencimento ao cônjuge ou por castigo, principalmente, por adultério³³. (cf. p.49).

³¹ LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004p. 246.

³² CARTA, G. Os caminhos da tatuagem: uma mostra investiga a misteriosa história da arte da gravar o corpo. **Revista Carta capital**. Ano IX, n. 203, p. 50-51, ago. 2002. ISSN 0104-6438.

³³ CALHEIROS, Vladimir. Creusa Ferrada. **Jornal do Comércio**. Recife, 24 de jun. 2006.

Mulheres ferradas (Acervo: Museu de Triunfo- Pernambuco)



fig 1. Olindina Marques, ferrada por José Baiano.
Canindé-Sergipe (1932)



fig. 2 Olindina Marques / Maria Marques
ferradas por José Baiano . Canindé-Sergipe (1932)



fig. 3 mulher ferrada com asiniciais de José Baiano

Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães fizeram uso das tatuagens nos campos de concentração para identificar a população de judeus, ciganos, homossexuais e prisioneiros políticos que chegavam aos campos de concentração. Também se mandava fazer abajus com peles humanas tatuadas nos campos nazistas. O pelotão de proteção de Hitler era tatuado nas axilas com as iniciais e grupos sangüíneos para facilitar a captura de algum membro no caso de não agir conforme o que era previsto e, por outro lado, dar prioridade de assistência médica a eles, com transfusão de sangue, se necessário (RAMOS, 2001).

No século XIX houve um grande investimento filosófico e científico, inclusive na área da Antropologia Física, com destaque para as pesquisas em torno da fisiologia natural. Os primeiros estudiosos evolucionistas partiam do princípio de que o homem obedecia a um padrão de desenvolvimento segundo uma escala evolutiva comum a toda raça humana. O máximo da evolução seria atingir o padrão corporal do europeu que serviria de parâmetro ao ápice do progresso. A maioria dos relatos dessa época mostra uma exacerbação do europeu que caracterizava o homem “primitivo” como inferior, tanto do ponto de vista orgânico quanto intelectual. De acordo com essa perspectiva, as marcas corporais, sobretudo a tatuagem estavam associada à “primitividade”. No final do século XIX e início do século XX, os indivíduos com suas peles marcadas eram muitas vezes comparados aos “selvagens” das sociedades tradicionais, ou seja, homens menores, de inteligência curta, pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinquência.

As primeiras propostas de interpretação científica partem da escola positivista italiana com Cesare Lombroso. Segundo Alvarez Licon (1998), Lombroso desenvolveu todo um postulado pautado na biologia, segundo o qual era possível designar o biótipo do criminoso, através dos seguintes fatores: Elementos Anatômicos (assimetria cranial e facial, região occipital predominante sobre a frontal, fortes arcadas superciliares e mandíbulas); Elementos Fisiológicos (insensibilidade, invulnerabilidade e ambidestria); Elementos Psicológicos (tato embotado, olfato e paladar obtusos, visão e audição ora fracas ora fortes, falta de atividade e inibição) e Elementos Sociológicos (existência de tatuagens no corpo). Em 1876 Lombroso publica *El Hombre Delincuente*, descrevendo a 3ª parte sobre a biologia e psicologia do delinquente nato, dedicando o capítulo 1: *Del tatuaje en el delincuente*, a interpretar as tatuagens. A partir das perspectivas dadas pelo positivismo, as causas que levam as pessoas a se tatuarem são:

- 1) la religión, como se ve en las bandas de peregrinos;
- 2) la imitación, que obra tanto en el ejército, como en la marina, como en las cárceles;
- 3) La venganza, que de esta suerte quieren perpetuar, al menos en efígie, como un compromiso y una amenaza: es importante porque corresponde al registro de que se sirven los salvajes, y porque demuestra la imprudencia de los criminales;
- 4) El ocio y la vanidad, como acontece en los salvajes;
- 5) sobre todo, el atavismo, como reproducción de una costumbre difundida entre los pueblos primitivos y entre los salvajes, con quienes los delincuentes tienen tantas afinidades, según ya se ha advertido, por la violencia de las pasiones, por lo de la sensibilidad, por la vanidad pueril y el ocio prolongado, y también el atavismo histórico, como sustitución de una escritura con símbolos y jeroglíficos a la escritura común, alfabética³⁴.

O caráter estigmatizado da tatuagem era claro e as disciplinas encarregadas em estudá-la eram a Antropologia Criminal, que posteriormente deu lugar à Criminalística, à Medicina Legal e à Psicologia. O estudo das *tattoos* era efetuado dentro de prisões, com psicopatas e criminosos. Por meio da marca no corpo e de outros signos se buscavam explicações para as condutas anti-sociais, numa tentativa de explicar os motivos, as causas ou os fatores que levam o homem a ser um delinquente. A tatuagem efetuada nos presídios possui uma significação bastante peculiar, um código próprio que faz parte da cultura carcerária. Para os especialistas a marca é uma forma de identificar a personalidade do criminoso, bem como seus antecedentes sendo um tipo de linguagem codificada presente em desenhos bastante agressivos que se relacionam com a história do crime. As tatuagens das cadeias não mostram vivacidade como as de estúdios, são envelhecidas, feitas com tintas de má qualidade. A marca corporal também pode funcionar como um tipo de liberdade para com o corpo. Em presos, por exemplo, é muito comum gestos de autoflagelação, como queimaduras de cigarro, cortes, escoriações, ingestão de objetos e mutilações, muitas vezes, para se fazerem ouvir pelas autoridades. Cortar um dedo ou engolir um isqueiro é um meio de chegar até o juiz e intermediar a sua causa (PAREDES, 2003).

³⁴ LOMBROSO *apud* ALVAREZ LICONA, N. **Las Islas Marías y la práctica del tatuaje**: estudio de las estrategias de adaptación en una institución total. 1998. (Tese em Antropologia). Universidad Complutense de Madrid.

No Brasil em meados do século XX se desenvolveram os primeiros estudos a respeito de tatuagens bastante influenciados pela teoria Lombrosiana (DA CRUZ RIBEIRO, 1912). De acordo com as análises científicas, o maior número de tatuados estava na classe pobre, sendo desta camada social que procedia a maior quantidade de criminosos. Neste grupo eram comuns símbolos que expressassem ódio, vingança, morte, erotismo, símbolos religiosos, amorosos, etc. (cf. p. 53).

(...) B..., com 30 anos de idade, residente em Messiny, foi em Novembro de 1884 acusado de atentado ao pudor, sendo que as vítimas eram duas creadas. Submetido à exame médico-legal encontrou-se em seu pênis uma tatuagem representada por um diabo cavalcando-o. Interrogadas as crenças para saber se B... tinha mostrado o pênis, ellas responderam: este homem desabotoando a braguilha nos dizia insistentemente que queria nos mostrar o diabo. Devido estas afirmativas, foi o réu condenado a quatro anos de prisão pela corte judiciária³⁵. (sic)

Meio século depois da teoria de Lombrosiana, a Psicologia dava uma nova interpretação à prática da tatuagem como traços de conflitos neuróticos, um tipo de masoquismo e de perversão egocêntrica. Na década de 1960 ainda se dizia que as pessoas que buscavam uma tatuagem eram sujeitos de pouca cultura e de baixa moral, com sensibilidade para a dor diminuída. Segundo Alvarez Licona (1998), o perfil da pessoa tatuada era definido segundo as seguintes características:

- A tatuagem é uma característica psicopatológica;
- Onde existe uma identidade como delinquente e uma conduta de autodestruição;
- Onde o tatuador e o tatuado estabelecem uma relação sadomasoquista;
- Muitos sujeitos se tatuam, eles mesmos, já que têm uma necessidade de se autocastigar;
- A pesar de ser uma conduta que causará danos, aceitam se submeter a ela pela tendência ao autocastigo, pelos componentes sadomasoquistas e pelos sentimentos de culpa do tatuado.

³⁵ DA CRUZ RIBEIRO, Ângelo. Tatuagens: estudo médico legal. 1912. (Dissertação em Medicina legal e toxicologia). Faculdade de Medicina da Bahia, 1912, p. 27.

Imagem de um condenado pelo roubo de jóias em Recife (Acervo: DA CRUZ RIBEIRO, 1912)

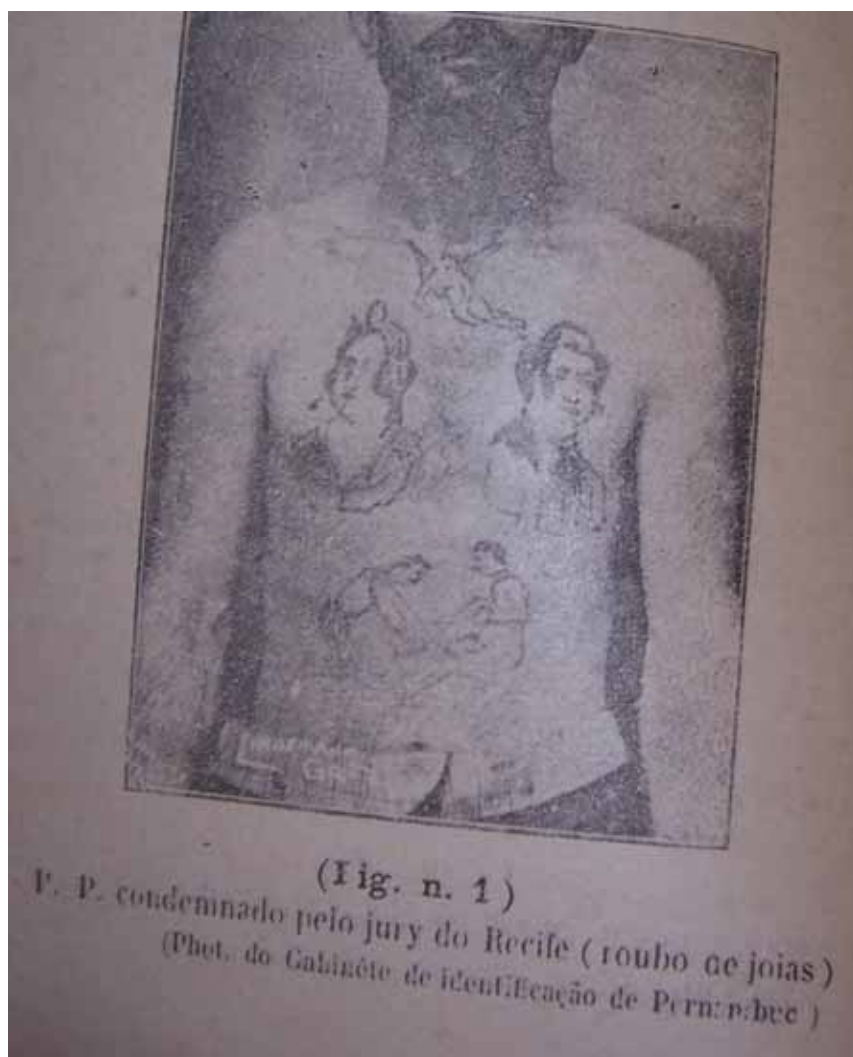


fig. 1 condenado pelo juri de Recife pelo roubo de jóias. Foto do gabinete de identificação de Pernambuco.

Atualmente estas teorias são profundamente criticadas e consideradas ultrapassadas, no entanto elas foram extremamente influentes numa determinada época e responsáveis pela leitura que a sociedade fez das marcas corporais. Por esse conjunto de razões – primitivismo, delinquência, problemas mentais –, pode-se afirmar que por muito tempo houve uma forte associação entre tatuagem e estigma que ainda hoje se faz presente em alguns contextos sociais, os quais serão explorados ao longo da Tese. Na contemporaneidade passou-se a falar em uma nova área do conhecimento, a psicologia da tatuagem, que analisa o caráter das pessoas a partir dos signos impressos na pele. Segundo esta abordagem, sempre que alguém faz uma escolha por uma tatuagem, também está sendo levada pelo seu inconsciente. A escolha do local do corpo onde será gravado o símbolo não é casual, mas expressam o que está oculto no interior da pessoa: o seu caráter e a sua personalidade³⁶.

Como se pode perceber, determinados atos de modificar o corpo, principalmente a tatuagem foram assimilados no ocidente através do contato que o europeu estabeleceu com a alteridade. Na tentativa de explicar a diferença, o corpo foi o centro das análises científicas. As primeiras etnografias realizadas em regiões da África, América, Austrália, Polinésia, entre outros locais, eram levadas a cabo por antropólogos de uma tradição positivista, os quais colhiam algumas informações presentes nas sociedades tradicionais e as agrupavam sem distinção. Considerava-se esse tipo de sociedade um todo homogêneo, preservada de qualquer contato externo, um “laboratório” perfeito para as pesquisas de campo. Com o tempo, os antropólogos foram amadurecendo em suas reflexões, eliminando a idéia de uma dicotomia entre “primitivos” e modernos. Passou-se a considerar que culturas diferentes definem e enfatizam os seus valores de formas bem variadas. É por meio do corpo que cada sociedade constrói os seus significados. As formas de expressão, seja através de uma tatuagem, de uma escarificação transmitem uma linguagem particular, culturalmente valorizada. Os adornos corporais não são aleatórios nem dissociados, mas compõem um sistema simbólico específico cujo estudo permite a compreensão de valores culturais relevantes.

Na literatura antropológica, ou mais especificamente etnológica, grande é a ênfase sobre a importância cultural do corpo, particularmente através de suas representações em grupos ou sociedades culturalmente localizadas, preferencialmente não ocidentalizadas.

³⁶ CORREIA JÚNIOR, M. Tatuagem a alma marcada na pele. **Revista Planeta**. São Paulo, ed. 383, p. 20-27, agosto. 2004. ISSN 0104-8783

Um dos primeiros ensaios antropológicos sobre o corpo e suas manifestações sociais foi o de Robert Hertz (1970), em estudo sobre o simbolismo da preeminência da mão direita e sua relação com a forma com que a sociedade impõe suas regras. Segundo as suas observações, a predominância de uma das mãos é algo que tem relação com a forma com que a sociedade impõe suas regras. Sabe-se que alguns valores são atribuídos à direita e à esquerda. À direita correspondem os estímulos intelectuais, o bom senso, o caráter, a moral. Já com relação à outra, é exatamente o contrário, como: erro, esquisitice. Para o autor, isso se deve a fatores socioculturais, como as idéias religiosas. Suas conclusões foram de que as mãos quando treinadas, possuiriam o mesmo rendimento, assim como se uma pessoa acidenta uma das mãos, a outra a substitui muito bem.

Marcel Mauss (1974) defendia a hipótese de que o corpo se constitui num importante veículo cultural de comunicação, posto que nele se encontrariam impressos diferentes significações sociais. Segundo o autor, cada indivíduo carregaria consigo sua cultura que se expressaria, por sua vez, através das diversas formas de comportamento utilizado, como no andar, no comer, no beber, nas posições sexuais, etc. Outra importante reflexão antropológica aparece em Maurice Leenhardt (1977) em uma etnografia clássica na New Caledonia, *Do Kamo: Persona y el mito en el mundo melanesio*, em que trata do processo de individuação ou fixação da noção de um eu a partir da incorporação da categoria corpo entre os canaques na Melanésia. Segundo ele, até a chegada dos missionários esses povos não possuíam a palavra “corpo”, no final de suas pesquisas também trata da noção de “spirit” (alma) introduzida pelos europeus no pensamento indígena. A partir daí, Leenhardt desmistifica o estereótipo segundo o qual o corpo liga o lado da natureza e o espírito, o lado da cultura e da civilização, concluindo que o corpo não tem existência por si só, é apenas um suporte.

Partindo de um trabalho de campo entre os índios brasileiros, Lévi-Strauss (1996) desconstrói a idéia de que determinados costumes como as pinturas e as marcas corporais estariam relacionados com a “primitividade” e a selvageria. Fazendo uma reflexão a respeito dos simbolismos e significados que perpassam esses hábitos dos nativos, conclui que a pintura humaniza os indivíduos e, por meio deste ato eles estabelecem categorias sociais, operando-se a passagem da natureza para a cultura. O corpo humano é submetido a um processo de humanização e sua experiência é sempre modificada pela cultura. Marcas deixadas por escarificações, perfurações, tatuagens e mesmo algumas mutilações são sinais de pertinência, identidade social ao mesmo tempo

em que assinalam a condição autenticamente humana daqueles que as exibem. Investigando os índios Suyá do Xingu, Seeger (1980) comprova que os processos culturais são responsáveis, em grande parte, pela definição de padrões estéticos e da própria beleza corporal. Entre estes índios, as partes do corpo merecedoras de ornamentação mais elaborada são aquelas ligadas às faculdades socialmente mais valorizadas, neste caso a audição e a fala:

(...) os discos labiais ou auriculares estão claramente associados com a importância cultural atribuída à audição e à fala da maneira como são definidas pelos Suyá. Isso se conclui a partir do que dizem os próprios Suyá. Eles afirmam que orelha é furada para que as pessoas possam “ouvir-compreender-saber”. Dizem que o disco labial é simbólico de, ou associado com, agressividade e belicosidade, que são correlacionadas com a auto-afirmação masculina, a oratória e a canção³⁷.

Com relação aos órgãos associados à visão e ao olfato (consideradas faculdades anti-sociais, a primeira típica dos feiticeiros, e a segunda, dos animais) não recebem a mesma ornamentação.

Como se pôde constatar ao longo do capítulo, a história das marcas corporais na cultura ocidental está impregnada de estigmas que foram se constituindo desde o contato do europeu com a alteridade. Com o tempo a tatuagem chegou ao ocidente por meio dos viajantes que se serviam das marcas talhadas na pele para se auto exibirem e contar histórias, alimentando a crença popular de que os “selvagens” eram perigosos e completamente diferentes de “nós”, realçando a dicotomia entre “primitivos” e modernos. Na tentativa de dar uma explicação científica para determinados comportamentos humanos, num segundo momento o indivíduo tatuado foi analisado por um prisma científico que o enquadrou como delinqüente ou “louco”.

Mas apesar dos estereótipos negativos, desde o século XIX alguns artistas vêm fazendo uma releitura das estéticas e rituais praticados em sociedades ditas “primitivas” para dar um novo enfoque à obra de arte. Além destes, um grande número de intelectuais preconizou um tipo de arte que deixava de estar presa ao museu para se implicar mais no social e no político. O panorama artístico do século XX questionava a pintura e a escultura como meios de representação privilegiados para dar ênfase, entre outras coisas, à natureza corporal como um prolongamento da obra de arte. Muitos abandonaram a adesão estrita às hierarquias tradicionais dos meios de expressão, para

³⁷ SEEGER, A. O significado dos ornamentos corporais. In: **Os índios e nós**: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 51.

adotar novos veículos inclusivos como: cine, vídeo, manipulação de imagens virtuais, etc.

No próximo capítulo, analisar-se-á a perspectiva de alguns movimentos artísticos de vanguardas, os quais através de suas manifestações romperam com os padrões hegemônicos da arte, dando origem a novas formas de criações, como por exemplo, as performances e a *body art*.

Capítulo 2. Movimentos artísticos, performances e *body art*

Mediante a (re) significação de determinadas estéticas e ritos corporais não ocidentalizados, alguns artistas passaram a dar uma maior visibilidade aos movimentos das vanguardas da década de vinte, cuja proposta inicial foi redescobrir a função primitiva do teatro como herdeiro dos ritos tribais. Algumas obras e artistas se destacaram por retratarem uma natureza corporal comprometida com os temas das mutilações sacrificiais, como a lição de anatomia de Rembrandt ou a orelha cortada de Van Gogh. Antes de analisar tais movimentos vanguardistas e suas influências no campo da estética corporal e dos ritos contemporâneos, não se pode deixar de mencionar Antonin Artaud por ser considerado o pai do moderno teatro de vanguarda. Em 1938 o autor criou o *Theater of cruelty* (teatro da crueldade) bastante revolucionário para época e muito influente nos movimentos posteriores de performances (JONES, 1998). Considerando a arte como uma forma superior da realidade, uma das propostas do autor foi a renovação da atitude do artista e do poeta, como por exemplo, o espaço encenográfico que para ele poderia ser utilizado em todas as suas dimensões e aspectos, proporcionando ao público participar emocionalmente da ação.

Em meio às críticas recebidas pela destruição dos princípios convencionais do drama, seus escritos criaram debate por atestarem a atitude do ator comprometida com o corpo, a pele, o êxtase e os transe delirantes. O crédito em Artaud está numa reinvenção do teatro, conforme ele coloca: “El arte en lugar de reflejar pasivamente el mundo, es visto como una forma superior de realidad, en la que la vida material es una copia imperfecta de lo que consistirá en algo que, aunque pueda ser potencial, no está presente en la experiencia del hombre moderno. (...) el deposito de energias integrado por mitos que el hombre ya no encarna, queda encarnado en el teatro³⁸”.

As manifestações artísticas de vanguarda floresceram numa época de conflitos sociais importantes. Em meio a Primeira Guerra Mundial (1915), nascia em Zurich o movimento artístico denominado de *Dadaísmo*, que se caracterizava pela atitude de rebelião contra o academicismo cultural e a situação social e política do momento (MARTEL, 2004a). As ações *dadaístas* questionavam, entre outras coisas, a natureza dos fenômenos estéticos, havendo um profundo desejo de transformação, conforme refere Tsara, um dos fundadores:

³⁸ ARTAUD *apud* INNES, Christopher. El teatro sagrado. El ritual y la vanguardia. 2 ed. México: Fondo de cultura económica, 1992, p. 73.

(...) Dadá no ha intentado destruir el arte y la literatura sino la idea que nos habíamos hecho de ellos... Dadá preconizaba la confusión de las categorías estéticas como una de las maneras más eficaces de dar flexibilidad a este rígido edificio del arte... Dadá no predicaba, puesto que no había teoría que defender, mostraba verdades en acción, y como acción habrá que considerar lo que habitualmente se llama arte o poesía de ahora en adelante³⁹.

Marcel Duchamp foi outra figura emblemática na afirmação de uma estética dadá, inclusive um dos primeiros a adotar uma estética pessoal própria, inscrevendo no couro cabeludo o signo estrelado. Combinando objetos cotidianos em esculturas obrigou a se questionar o que seria arte. (cf. p. 63).

Também utilizando o corpo como meio de expressão, no final da década de cinquenta, Ives Klein lançou na Europa um manifesto vitalício denominado *antropomotries* em que modelos desnudas entendiam seus corpos marcados de tinta sobre uma base de papel ou de tela. Tais marcas ocupavam as três partes do corpo humano: seios, ventre e baixo ventre. Para Klein eram as zonas orgânicas que escapavam ao controle do cérebro em seu funcionamento: os seios, a respiração; o ventre, a digestão; e o sexo, o orgasmo. (cf. p. 64).

Na década de sessenta, a arte-ação ou performance já não se relacionava exclusivamente à pintura, mas misturava teatro, dança e meios digitais como o cinema e o vídeo. Levando a cabo novas maneiras de expressão pautadas no próprio corpo humano, muitos *performes* criaram a *body art* que além do aspecto estético, tinha uma amplitude emocional e íntima que possibilitava a realização total. Segundo a cronologia, em 1968, Françoise Pluchart em *l'art corporel*, começa a usar a expressão arte sociológica. Em 1969 Vito Accioni executa *See throught*, um filme Super 8 de 5 minutos, em que quebra um espelho golpeando-o. Em 1970 se funda em Nova Iorque a revista *Avalanche* e Larry Smith pratica uma incisão em seu antebraço; nesta mesma revista, Acconci morde seu próprio corpo em *Trademarks* (marcas registradas) e *Waterways*, esculpe suas mãos. A expressão mais radical deste tipo de arte foi a de um grupo de artistas vienenses, os chamados “accionistas”, principalmente Herman Nitsch, Otto Muehl, Kurt Kren e Valie Export. Com repugnância à guerra, ao nazismo e rechaçando o modernismo aceito nos museus, tentavam criar uma arte pragmaticamente sensacional. Partiam do princípio de que por meio da destruição era possível criar e para isso os adeptos se manifestavam através da brutalidade, em performances que

³⁹ TZARA *apud* MARTEL, R. **Arte accion 1. 1958-1978**. Valencia: Ivam documentos 10, 2004a, p. 42.

remontavam a automutilação e a agressividade, não havendo limite para a criação artística (MARTEL, 2004a).

Em 1963, escrevia Muehl: “no puedo imaginar nada significativo alli donde no se sacrifica, destruye, desarticula, quema, perfora, atormenta, hostiga, tortura, mascara, apunhala, destroza o aniquila algo⁴⁰”. Um de seus filmes considerado mais provocador foi *muchacho mierda* em 1969, no qual descreve graficamente atos de coprofilia. Para ele, aquilo que é considerado como perversos ou degradantes é um meio de escapar as limitações de costumes sociais. Chris Burden, outro artista, chegou muitas vezes a arriscar a vida em nome da arte. Seus trabalhos mais conhecidos são “Disparo” (1971), em que atira no próprio braço e “Suavemente por la noche” (1973), que é arrastado por uma rua cheia de cacos de vidro. Em *Ícaro* (1973) caído no chão de seu estúdio e diante de alguns amigos que serviam de público, escapa de se queimar enquanto se incendeiam as cortinas que estão penduradas ao seu redor (RUSH, 2002). Igualmente polêmica Gina Pane não se apresentava publicamente e usava uma câmera para filmar suas performances. Em uma de suas atuações se maquia com seu próprio sangue após se barbear. Segundo ela a dor seria uma forma de exteriorizar a própria violência e a respeito do significado da ferida, diz:

(...) Es un signo del estado de fragilidad extrema del cuerpo, un signo de dolor, un signo que pose de relieve la situación externa de agresión, de violencia, a la que estamos siempre expuestos. Se trata ¿como decirlo? de un momento radical, el momento mas cargado de tension y el menos distante de un cuerpo a outro, el de la herida... Herida, posición y alimento, funcionan en mi trabajo como un retrato robot de la carne del cuerpo⁴¹.

Também não se pode deixar de mencionar a atriz cubana Ana Medieta cujas próprias performances foram por ela interpretadas como metáfora do sacrifício e meio de expressar suas emoções e conflitos psicológicos mais íntimos. Assim como Gina Pane costumava utilizar seu corpo coberto de sangue como metáfora espiritual do sacrifício, como com uma finalidade catártica que transcendia a si mesmo. Relacionava as suas ações com a arte, com arquétipos de religiões e ritos primitivos. Seu objetivo era mostrar o quanto se perdeu da dimensão do corpo numa sociedade governada por

⁴⁰ MUEHL *apud* RUSH, Michel. **Nuevas expresiones artísticas a finales del siglo XX**. 2 ed. Barcelona: Destino, 2002, p. 56.

⁴¹ PANE, G. **La chair ressucitée**. Colonia: Kunst station Sankt Peter, 1989, p. 25.

máquinas. Por meio de suas performances explorava temas referentes ao tabu e à transgressão social que se centravam no sacrifício e crime em torno do corpo da mulher.

Segundo Moure (1996), Medieta estabelecia um vínculo entre arte e sua função potencialmente transgressora. Em seus textos era consciente de que teria que escolher entre ser artista ou criminosa, revelando que a arte foi a sua salvação: “Sé que si no hubiera descubierto el arte, habría sido un criminal: Theodore adorno ha dicho: ‘todas las obras de arte son crímenes no cometidos’. Mi arte proviene de la rabia y desplazamiento. Aunque la imagen puede no ser una imagen muy rabiosa, yo creo que todo arte proviene de la rabia sublimada”⁴².

Na contemporaneidade destacam-se os trabalhos de Orlan que são considerados como modelo de crítica a determinados padrões de estética impostos à mulher na contemporaneidade. Desde 1974, a artista dedica-se a reesculpir seu corpo mediante o tratamento digital de vídeo e a filmagem de operações cirúrgicas. Para ela, a pele não é mais que uma carapaça, pode ser modificada a qualquer momento. Seu objetivo não é um aperfeiçoamento estético da imagem e sim, transformar o corpo em obra de arte. Em *la reencarnacion de santa Orlan* (1991), transforma o que normalmente é um procedimento médico numa performance teatral, tentando distorcer a noção de perfeição fixa, produzindo um resultado diferente do convencional. Por meio de cirurgias plásticas e composições de computadores, Orlan combina características de seu rosto com alguns famosos do renascimento e pós renascimento: o nariz de Diana da escola de Fontainebleu, a boca de Europa, o queixo de Vênus de Botitelli, os olhos de Psyché de Gérôme e a testa de Monalisa.

Outro importante performer é Stelarc que com o objetivo de ampliar as funções internas do corpo através da tecnologia, fabricou artificialmente um terceiro braço que está acoplado ao seu corpo por meio do qual acessa circuitos eletrônicos de computadores. Combinando arte, corpo e prótese tecnológica, Stelarc discute os limites das tecnologias questionando o *status* biológico do corpo, que para ele é entendido como obsoleto e vazio. Na medida em que é invadido pela tecnologia, o corpo passa a ser passível de sensações viscerais, proporcionando uma (re) configuração do mesmo, a partir do momento em que a carne é invadida pelo metal, prolongando as noções de sujeito e de corpo. Para ele, não há mais limite entre o natural e o artificial, sendo cada vez mais comum a instalação de aparelhos eletrônicos ao corpo biológico

⁴² MEDIETA *apud* MOURE, Gloria. **Ana Mendieta**. Barcelona: Polígrafa, 1996: 93.

(ZURBRUGG, 2000). Como se pode comprovar, tanto Orlan como Stelarc se interessam em redesenhar o corpo. Orlan testa os limites das novas tecnologias, alterando a aparência por meio de cirurgias plásticas. Stelarc explora a possibilidade de conexão entre o corpo e a máquina através de circuitos eletrônicos que conecta ao seu organismo. Os seus trabalhos são considerados por muitos como agressivos e provocadores, já que desestabilizam as noções clássicas a partir de um questionamento radical dos limites do corpo e da própria noção de ser humano.

Paralelamente a estas manifestações artísticas e em meio ao cenário de miséria e destruição do pós-guerra foram se formando pequenos bandos e se refugiando nas margens das cidades, dando origem a movimentos de “contracultura”, urbanos e localizados. Caracterizados por um estilo de vida que se voltava ao rechaço dos valores sociais, se manifestavam por meio de comportamentos considerados excêntricos e por uma estética própria inspirada na *body art*. No próximo capítulo serão analisados os *punks*, *hippies* e suas influências em gerações e estilos estéticos.

Marcel Duchamp

(acervo: FERRIER, Jean-Louis, 1990)

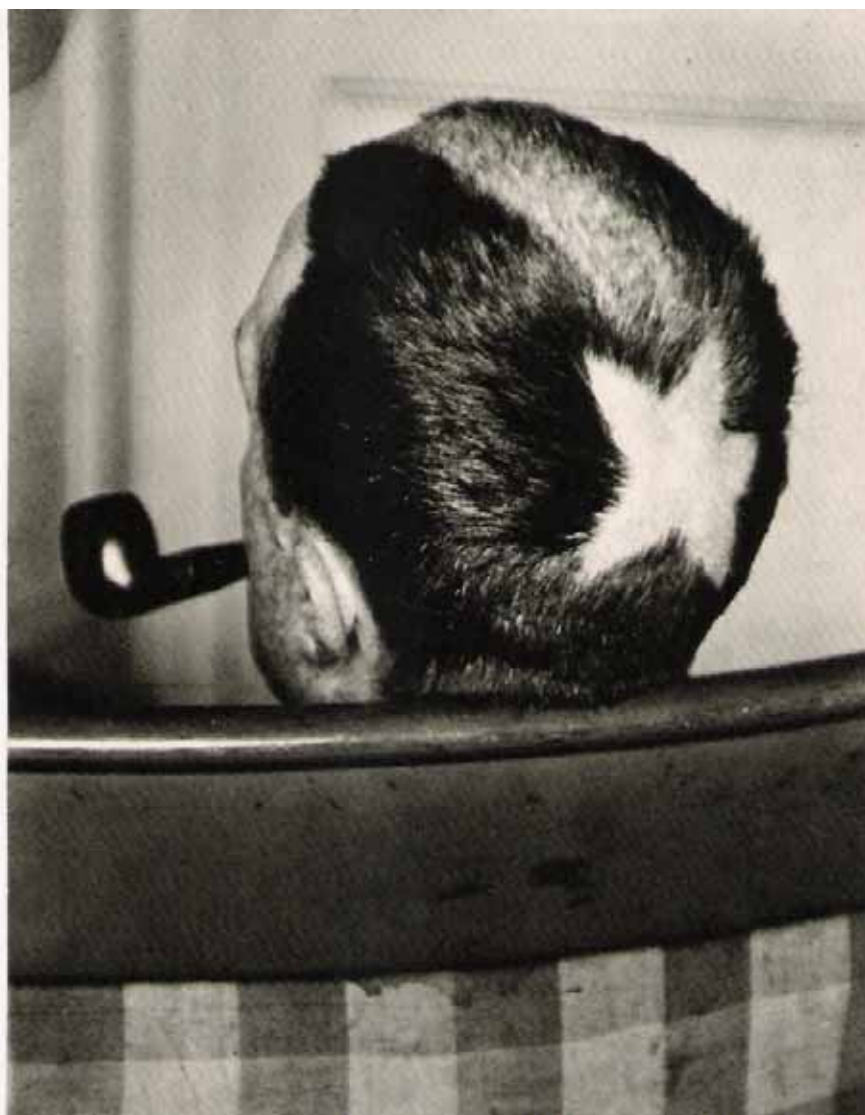


fig. 1 Marcel Duchamp com estrela no couro cabeludo

Antropometries - Ives Klein
(acervo: FERRIER, Jean-Louis, 1990)

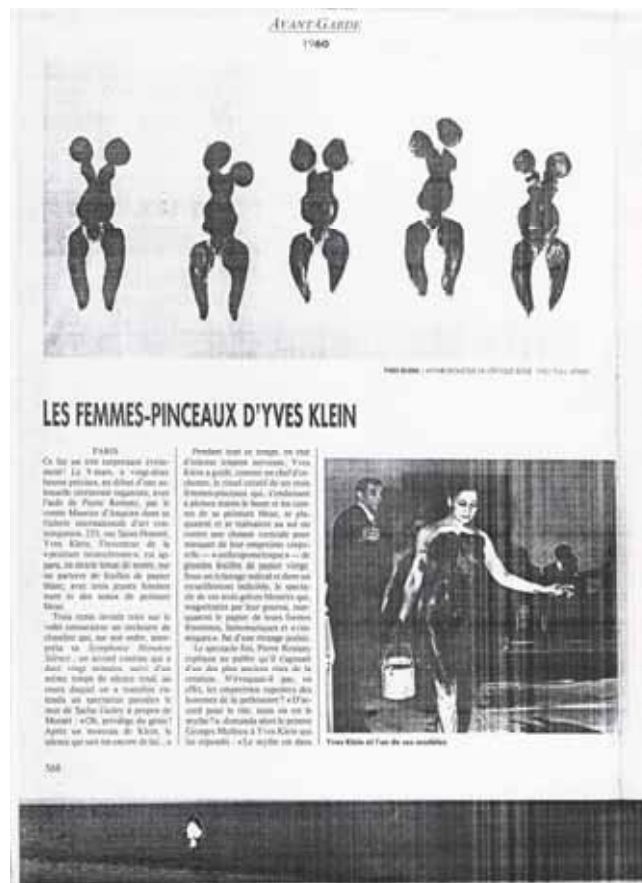


fig. 1 mulheres pintadas (blue Klein)

Capítulo 3. *Hippies e Punks*

Nos anos 60, há uma ascendência do modelo norte americano que se difunde na Europa. O movimento *hippie* floresceu em meados da década de sessenta, inicialmente na Costa Oeste dos Estados Unidos notadamente em São Francisco, chegando depois a Londres. A partir de uma filosofia de vida associada à liberdade e ao prazer, os adeptos se utilizavam de alguns signos estéticos da *body art* como a tatuagem, a indumentária ou o penteado com a finalidade de fazer uma crítica aos valores sociais, promovendo o amor livre e o retorno à natureza. Além desses aspectos, o que chamava a atenção era o comportamento moral destas pessoas que vinham de distintas comunidades se reuniam em diferentes lugares do mundo, realizando festas denominadas “psicodélicas” como *Woodstock* em Nova Iorque, considerado o maior festival de música e arte da história que congregou uma média de 400.000 pessoas. Nestas ocasiões era comum o tributo ao amor livre, ao consumo de drogas, como o LSD, maconha, heroína, cocaína e o speed (methedrina). Pela disseminação de tal movimento, muitos cientistas sociais começaram a se interrogar a respeito do fenômeno como uma nova revolução cultural. (cf. p. 69).

Do “*Peace and love*” dos *hippies*, passa-se ao “*hate and war*” dos *punks*⁴³, movimento que surgiu durante a crise econômica inglesa da década de 70, da qual restou muito desemprego e pobreza. Sempre se destacaram pela forma como provocavam os padrões clássicos da sociedade, sendo através do corpo e da própria estética que se expressavam e adquiriam uma maior visibilidade no contexto urbano. Assim como em algumas performances explicitadas anteriormente, entre os *punks* também era comum a auto-agressão ao corpo, que nesse caso se relacionava a muito mais à estética e a uma maneira de expressar revolta social. (cf. p. 70).

(...) Este grupo adotou um traje anárquico, louco, desesperado e rasgado, moda dramático e sentimental. O vestuário *Punk* era um traje-cenário: botas de couro, correntes, insígnias nazistas e tatuagem. O couro é o material nobre para o vestuário deste grupo. Como a pele é o couro de cada um, assim como se estampa um tecido ou camiseta, a própria pele que deve ser estampada em forma de tatuagem; é na pele que se sofre, onde estão os hematomas, por isso, a roupa-pele é rasgada: o hematoma da roupa. A agressividade do grupo é extensiva ao corpo de cada membro dele. Considerados sadomasoquistas, mostram esse gosto, usando pulseiras tacheadas, alfinetes de gancho, além de guitarras empunhadas como metralhadoras. As bandas Sex Pistol e Sid Nancy foram as primeiras estrelas desse movimento de estilo⁴⁴.

⁴³ Não se sabe a origem do termo *punk*, o que mais se aproxima é lixo, sujeira, podridão.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/2006>>. Acesso em: 27. abr. 2006.

Mais do que afrontar a sociedade por meio da violência, os *punks* voltavam sua raiva contra si próprios com condutas auto-destrutivas. Numa época em que ainda eram pouco difundidos, o uso de *piercings* se destacavam como uma de suas principais marcas estéticas assim como as tatuagens, geralmente de formas agressivas, como caveiras, demônios, etc., além de outras formas de marcar o corpo como o *branding*, as queimaduras de cigarros e as escarificações.

(...) os punks escarificam seus rostos, penteiam-se e tingem os cabelos (com cores vivas); cortam o cabelo bem curto e de forma desordenada; enfiam múltiplos objetos nas orelhas, nariz ou bochechas. Cobrem-se de enfeites, maquilam-se e também escarificam as mãos, em suma, simulam as práticas ornamentais que precedem e acompanham as manifestações sagradas na maior parte das sociedades primitivas. Acrescentemos a utilização sistemática do vinil (rejeição do couro dos roqueiros, matéria demasiado nobre), sacos do lixo e roupas rasgadas e teremos feito, assim, praticamente a descrição da máscara punk, em sua essência, transgressiva, tal como ela se fixou⁴⁵.

Por meio do corpo, se atentava contra as formas, se quebrava com a dignidade perturbando o olhar da sociedade inglesa ou americana. A cultura *punk* reunia a cólera e as frustrações de uma juventude confrontada com o desemprego, as dificuldades econômicas, etc. Tanto os *hippies* quanto os *punks* criaram moda, estilo e disseminaram uma estética própria em diversas partes do mundo. A indumentária, o corte de cabelo, as tatuagens, os *piercings* bem como uma infinidade de comportamentos que os adeptos adotavam foram introjetados por milhões de pessoas, homens e mulheres.

No Brasil, tais movimentos não tiveram uma inserção tão forte, se compararmos com os Estados Unidos e alguns países da Europa. Nesta época, a estética da tatuagem foi saindo dos meios considerados marginais e se incorporando principalmente no Rio de Janeiro, entre grupos de pessoas que valorizavam o contato com a natureza, como os surfistas, o que serviu de inspiração a poetas e cantores que dedicavam suas letras aos surfistas e às tatuagens:

⁴⁵ RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 169.

“Menino do Rio” (Baby Consuelo)

Menino do Rio/Calor que provoca arrepio
Dragão tatuado no braço/
Calção, corpo aberto no espaço/Coração
De eterno flerte, adora o verde/
Menino vadio/ tensão flutuante do Rio/
Eu canto pra Deus proteger-te/
No Havaí, seja aqui/
Tudo o que sonhares, todos os lugares, as ondas dos mares/
Quando eu te vejo eu desejo teu desejo.../
Menino do Rio/Calor que provoca arrepio/
Tome esta canção como um beijo.

Com a mundialização da economia de mercado na década de oitenta, houve uma série de mudanças na sociedade que geraram, entre outras coisas, um individualismo crescente nas grandes cidades e conseqüentemente um significativo enfraquecimento no ideal de alguns movimentos sociais coletivos da década de sessenta, que chegaram a desaparecer em alguns contextos urbanos localizados.

O mundo contemporâneo testemunha o desenraizamento das antigas matrizes de sentido, fim dos grandes movimentos ideológicos, dispersão das referências da vida cotidiana, fragmentação dos valores, etc. Neste contexto de desorientação, o indivíduo traça, ele próprio, os seus limites. Contrariamente aos anos 60, hoje cada ator é levado a uma produção de sua própria identidade que, muitas vezes, está pautada no corpo e na estética, sendo por meio dela que o indivíduo vai se distinguir dos outros e se reconhecer enquanto sujeito. Nos anos de 1980 assistiu-se a uma mercantilização e democratização da moda. Começa-se a consumir produtos para modificar a aparência na busca por um corpo perfeito, tanto por mulheres quanto por homens. As academias de ginástica tornam-se lugares de cultivo e construção de um corpo idealizado. Paralelamente a isto, com os meios de comunicação de massa e o advento da *internet*, passa a haver um bombardeio de imagens e divulgação maciça de informações através da rede. A mídia abriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, criando

modas, expandindo o consumo de produtos de beleza e tornando a aparência uma dimensão essencial da identidade para homens e mulheres (GOLDENBERG, 2002).

Com o objetivo de retardar a velhice, as pessoas estão investindo em produtos de beleza como cosméticos, cremes (auto bronzeadores, firmadores de pele, condicionadores e alisadores de cabelos, etc.), *lifting*, *botox*, cirurgias plásticas, entre outras intervenções oferecidas pelo mercado de consumo estético que prometem juventude, beleza e *sex appeal*, para todas as pessoas, como a campanha publicitária da *Dove* que investe no *marketing* de que a beleza é uma invenção midiática, buscando assim formas diversas do belo, passando a idéia de que toda pessoa deve sentir-se bem do jeito que é⁴⁶. Em muitos dos casos, as tatuagens e os *piercings* entram com força no circuito do mercado de consumo, deixando de está associado a universos marginais e se transformando num estilo, incorporados a um grande mercado capitalista, passando a ser, em muitos casos, um artigo de luxo.

No próximo capítulo será analisado como a tatuagem, o *piercing* e outras técnicas de modificações corporais consideradas radicais (escarificações, implantes, etc.) se incorporaram a um mercado de consumo internacional que se expandiu consideravelmente e atualmente engloba pessoas de ambos os sexos, classes sociais e faixas etárias diversas. Para compreender tal fenômeno serão analisados os estúdios de tatuagens e *piercing* e os seus significados para as pessoas que os freqüentam.

⁴⁶ POSTREL, Virgínia. Esperança à venda. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 08 de abr. 2007. Caderno Mais, n. 784, p. 4.

Hippies

(acervo: www.karenlynngorney.com/hippies.jpg)



Punks

(acervo: www.greazefest.com/photos_gf_06/sunday%20Punters/Punks%20hair.jpg)



PARTE 2: MARCAS CORPORAIS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Capítulo 4. A internacionalização da tatuagem, do *piercing* e de outras intervenções corporais.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e a velocidade da informação digital houve uma divulgação intensa das diversas formas de modificações corporais, fundamentalmente da tatuagem e do *piercing*. Em consequência, observou-se um rápido crescimento das pessoas que passaram a transformar seus corpos. São os grandes centros urbanos internacionais e cosmopolitas (São Francisco, Nova York, Tóquio, Londres, etc.) os lugares de referência na modificação corporal atual. É onde se pode contemplar a maior diversidade, variedade e, sobretudo inovação no que concerne ao mercado de consumo que abrange: instrumentos especializados, (máquinas de tatuar, tintas, agulhas, diferentes tipos de materiais para *piercing*, alargadores de orelhas, ganchos de ferro, etc.) e técnicas (tatuagem, *piercing*, escarificação, corte de língua, distensão de pênis, implante, suspensão, etc.).

Enquanto a tatuagem e o *piercing* são signos mais usuais, já incorporados em alguns contextos sociais a um padrão de beleza contemporâneo comum em pessoas de ambos os sexos, de distintos segmentos etários e sociais, as outras técnicas somente começaram a aparecer há cerca de 10 anos e por isso, muitos dos especialistas e dos adeptos estão buscando centros de referência para se submeterem às mesmas. No caso desta pesquisa foi recorrente entre os interlocutores recifenses a menção a Madri, lugar onde há uma maior visibilidade no que se refere às práticas consideradas radicais ou extremas, se comparadas a Recife e até a São Paulo.

V., 32 anos, *pierce*, prático em suspensão e modificador corporal, é a única pessoa em Recife que escarifica e faz *branding*, foi o primeiro a praticar suspensões corporais nesta cidade⁴⁷. Apesar do seu reconhecimento entre as pessoas deste meio, não se sente satisfeito e sempre vai a São Paulo, a fim de aprender novas técnicas com André Fernandez, pessoa que segundo ele é muito conhecida no *body piercing* brasileiro, que faz performances, inclusive trabalha com a técnica de implantes, que no

⁴⁷ A escarificação, é uma técnica que consiste em cortar a pele (geralmente com uma lâmina) seguindo a forma de um desenho; o branding é uma técnica realizada a partir de uma lâmina de aço esquentada com maçarico.

Brasil ainda é restrita a poucos “profissionais”. Além disso, V. está juntando dinheiro e fazendo um curso de espanhol para ir algum dia à Madri, pois como ele mesmo costuma dizer: “há muita novidade em termos de modificações corporais”. A mobilidade extraterritorial é comum, faz parte do estilo de vida dos que lidam com o universo em questão. Muitos saem de Recife e migram para outros centros urbanos mais reconhecidos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Havendo oportunidade, nutrem a expectativa de irem a Madri. Nesta cidade a indústria das modificações corporais move um comércio importante. É grande o número de ateliês de tatuagens e *body piercing* espalhados pelo centro, muitas vezes administrados por pequenos empresários que se preocupam em fazer um grande *marketing* através de investimentos em publicidade e propaganda veiculados em cartões de visitas, revistas especializadas e *sites* de *Internet*. (cf. p. 73).

Nestes ateliês é muito comum a presença de imigrantes latino-americanos e, em menor número de brasileiros, trabalhando nas recepções ou como tatuadores e *piercers*, muitas vezes admitidos através de contratos temporários, o que representa para os donos maior lucro por se tratar de mão de obra barata. Atualmente tem sido sobretudo através dos *sites* de *Internet*, dos *blogs* e dos *fotologs*⁴⁸ que se colocam em contato com este meio e, mediante a possibilidade de conseguirem um trabalho, deixam seus países para imigrarem à Espanha. Contribui para a escolha deste país, primeiramente, e conforme eles mesmos, o idioma (castelhano) que no caso dos brasileiros é também um canal facilitador por se assemelhar ao português, em segundo lugar o que estimula é o aspecto financeiro, pois na Espanha se ganha mais do que em qualquer país da América Latina no tocante a tais práticas e, finalmente, pelo fato de Madri ser um centro internacional reconhecido no âmbito das modificações corporais. Uma vez estando na Europa alguns dos técnicos acreditam que têm maiores possibilidades de viajar para outros territórios e circular entre pessoas do meio, como uma forma de divulgação do próprio trabalho, uma maneira de aprender coisas novas e se aperfeiçoar em outras técnicas⁴⁹.

⁴⁸ O *blog* é um “sitio [web](#)” periodicamente atualizado que recopila cronologicamente textos ou artigos de um ou vários usuários, aparecendo primeiro o mais recente, onde o autor conserva sempre a liberdade de deixar publicado o que acredita ser pertinente. Habitualmente, em cada artigo, os leitores podem escrever seus comentários e o autor responder, de forma que é possível estabelecer um diálogo. O *fotolog*, é um variante do *blog* que consiste em uma galeria de imagens fotográficas publicadas regularmente. Muitas vezes se aceitam comentários em forma de livros de visitas que se referem à fotografia. Já o *Site* se caracteriza mais pelo seu conteúdo informativo do que pela comunicação entre o autor e os adeptos do mesmo (<http://pt.wikipedia.org/wiki/fotolog>).

⁴⁹ Um dos motivos pelos quais os brasileiros fazem a opção, na comunidade europeia pela Espanha, é pelo fato de Portugal não ser considerado um centro de referência em modificações corporais.

Cartões dos estúdios de tatuagens e *body piercing* (Recife e Madri)
(acervo da pesquisadora)



Como neste universo não se faz necessário um diploma ou um *Curriculum Vitae*, o técnico costuma levar consigo o seu *book*, que inclui imagens de trabalhos pessoais fotografados além de desenhos e pinturas, no caso do tatuador. Depois que começam a trabalhar nos estúdios de tatuagens e *body piercings* muitos pensam em juntar algum dinheiro para voltarem aos seus países e abrirem o próprio negócio, como é o caso de Chapolin (32 anos), tatuador mexicano que está na Espanha há pouco mais de três anos trabalhando em um estúdio no centro de Madri, onde ganha, segundo afirma, uma média de 600 € semanais, o suficiente para viver e ainda economizar. Por estar completamente adaptado à Espanha, não pensa ainda em retornar ao México, a não ser de férias, no entanto, estima que à longo prazo voltará a viver e trabalhar em seu país de origem.

Já Chanok (31 anos), outro tatuador de nacionalidade mexicana, por ainda não ter conseguido os papéis regularizados que lhe permitam viver na Espanha, pensa em casar com sua namorada espanhola para ter a documentação necessária e até a nacionalidade por ele desejada. O caráter da rede de amigos é também uma estratégia recorrente entre os “profissionais” desse campo, como bem ilustra a fala do próprio Chanok: “... eu vim pra cá assim!... (dá um suspiro) ... porque me convidaram. Um amigo que fez aqui um festival de música. As pessoas que me convidaram, por meio delas eu tatuei muitos amigos”..... “porque quando cheguei não havia tantos estúdios aqui, agora tem muito mais. Nessa rua tem quatro, antes só havia um e era pequeno aqui em baixo”. Segundo o interlocutor, por conta do grande número de estúdios de tatuagem em Madri não há muita dificuldade para os estrangeiros em trabalhar como tatuadores. O maior problema está em obter um contrato permanente para residir na Espanha. Muitos dos imigrantes que trabalham nestes estabelecimentos não têm os documentos e para não ficarem como clandestinos são obrigados a retornarem a cada três meses aos países de origem, com a intenção de conseguirem um novo visto de turista, o que implica em custos financeiros e risco de não entrarem na Espanha. Apesar dessas dificuldades, o fato de ir a outro país tem uma repercussão bastante significativa entre as pessoas deste meio. Está num lugar considerado por eles como mais desenvolvido, onde se pode ter contato com outros “profissionais” e com produtos pouco veiculados na América Latina e no Brasil, é muito mais importante do que os problemas que possam vir a se deparar com a imigração. Como a mobilidade entre essas pessoas é tão comum, cruzar fronteiras não se constitui um empecilho, mas faz parte de seus estilos de vida.

Diferentemente dos estrangeiros, J., de 30 anos, espanhol, *piercer*, prático em suspensão e modificador corporal, queixa-se da concorrência entre os estúdios de tatuagens e *body piercing*, principalmente pela saturação de mercado. Segundo ele, os donos destes estabelecimentos estão dando oportunidade às pessoas menos qualificadas e fazendo com que os mais experientes tenham que buscar outros meios de sobrevivência, já que não é mais possível viver na Espanha somente das modificações corporais, que em sua opinião deixaram de ser reconhecidas como uma arte ou um estilo de vida, para se transformarem em um tipo de estética como outra qualquer. Compartilhando com a opinião do *piercer*, Chanok argumenta que as pessoas vão em busca do que diz a televisão, pedem a tatuagem do jogador de futebol David Beckham ou a pantera da Calvin Klein, o que em sua opinião é “extremamente frustrante”, pois a *tattoo* deixa de ser uma criação do técnico para se banalizar e se converter numa moda, em função das imagens veiculadas na mídia.

Isso tudo faz pensar que determinadas formas de modificações corporais, sobretudo a tatuagem e o *piercing* se tornaram na contemporaneidade mais um tipo de prática estética, uma *decoración del cuerpo* semelhante a qualquer outra, como por exemplo os cosméticos e os produtos de beleza de uma forma geral. O que antes era um signo que servia para demarcar uma diferença parece ser hoje um complemento para o visual que serve, entre outras coisas, para dar um toque de sensualidade e beleza.

Objetivando a compreensão dessas transformações sociais todas, no próximo capítulo serão analisados os estúdios de tatuagem e *body piercing*, desde o surgimento até as representações atuais para as pessoas que freqüentam e consomem os serviços oferecidos, tentando entender se tais espaços se configuram num modelo padrão de centro comercial presente nos grandes centros, tais como *El Corte Inglés*⁵⁰ ou funcionam a partir de referenciais alternativos que distinguem às modificações corporais de outras práticas estéticas.

⁵⁰ O *Corte Inglés* é uma das maiores cadeias de lojas de departamentos da Espanha

Capítulo 5. Comércio e consumo

Antes de entrar no universo do mercado de consumo relacionado com as modificações corporais, não se pode deixar de ressaltar que a invenção da máquina elétrica de tatuar ou tautógrafo, em 1891, foi um marco, a partir do qual se operou uma mudança significativa na tatuagem, que se originou nos Estados Unidos e na Gran Bretanha, alcançando posteriormente outros países (LE BRETON, 2004). Substituindo as formas artesanais, era possível que várias agulhas trabalhassem simultaneamente e com maior velocidade, possibilitando o uso de diferentes cores, diminuindo a dor e transferindo com mais rapidez a tatuagem para a pele⁵¹. A partir de então houve um considerável aumento de pessoas que passaram a se tatuar: Em 1900, 90% dos integrantes da Marinha de Guerra dos EUA eram tatuados. Em 1936, estimava-se que 10 milhões de americanos, ou seja, 6% da população tinha pelo menos uma tatuagem. Em 2000, esse número cresceu para 15 % , sendo 22% dos jovens tatuados entre os 15 e 25 anos de idade. No final do século XX, o *piercing* se incorporou a este consumo inicialmente na Costa Oeste dos Estados Unidos quando foi inaugurada a primeira loja que comercializava jóias específicas em Los Angeles⁵².

Segundo informações pessoais, uma tatuagem é uma marca indelével, porque é uma espécie de ferida provocada em camadas profundas da pele que é penetrada por várias agulhas através das quais se injeta tinta na zona perfurada, criando um tipo de desenho. A razão pela qual a tatuagem dura tanto, é porque a tinta é injetada na derme, que é a segunda camada da pele, mais profunda que a epiderme (esta camada é a capa superior da pele que se produz e se renova ao longo da vida). As células da derme são estáveis e portanto a tatuagem é permanente⁵³. Apesar dos métodos para a às vezes desejada remoção, são onerosos e deixam seqüelas, o custo mínimo para a retirada de um desenho de 5 cm é de 300 reais a sessão, sendo necessário, no mínimo, quatro visitas ao consultório para a devida cicatrização. As etapas também são demoradas, podendo-se chegar a quatro meses para se conseguir um bom resultado⁵⁴.

⁵¹ A máquina elétrica foi inventada por Samuel O' Reilly baseada num desenho de Thomas Edson, o inventor da lâmpada elétrica (LE BRETON, 2004).

⁵² CARTA, G. Os caminhos da tatuagem: uma mostra investiga a misteriosa história da arte da gravar o corpo. **Revista Carta capital**. Ano IX, n. 203, p. 50-51, ago. 2002. ISSN 0104-6438.

⁵³ LOS TATUAJES, una forma de expresión personal. **Universia**. Salamanca, 16 de Mai. 2005. p. 21.

⁵⁴ RODRIGUES, P. Tattoo: mais que adereço, questão de atitude. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21 de set. 2003. p. C1.

Com o aumento do número de adeptos, as autoridades sanitárias se conscientizaram para a importância em regulamentar e legalizar estas práticas, instaurando normas e procedimentos técnicos que incluem desde o espaço físico próprio para a tatuagem e o *piercing*, aos materiais e meios adequados para sua aplicação, condições de higiene e outros cuidados apropriados, cujo objetivo principal foi o de evitar infecções ou qualquer dano à saúde da população⁵⁵. Segundo os relatos dos agentes da Vigilância Sanitária de Recife e dos próprios técnicos, o mundo da tatuagem era “bastante marginal”, não havia nenhuma forma de controle. As pessoas não se preocupavam em utilizar materiais esterilizados e descartáveis, o que necessariamente ocasionou uma série de doenças, sobretudo de infecções. Bastante marginalizado, o tatuador trabalhava nas ruas ou em qualquer lugar onde houvesse pessoas interessadas, costumando levar consigo seu material de trabalho, que consistia na máquina de tatuar, agulhas, tintas e rolos de papéis com desenhos muitas vezes confeccionados por ele ou copiados de outros tatuadores, usados para atrair os clientes e motivá-los a se tatuarem.

(...) Conta-se que nesta época, no Rio de Janeiro, um tal Madruga é o chefe dos tatuadores e que quase todos os seus auxiliares são crianças vagabundas, que visitam prostíbulos, quartéis, fundos de tabernas e todo lugar que reina a ociosidade, em busca de clientes. O tal Madruga tem no seu corpo toda a idealização do seu cérebro doentio, desde a simples tatuagem religiosa ou amorosa, até as eróticas ou extravagantes⁵⁶.

Dos poucos registros a respeito de tatuadores e de tatuagens encontrados, no *Amsterdam Museum Tattoo* os mais antigos são os desenhos pintados em papel pelo tatuador Lew Alberts em 1905, em que se chama a atenção para o fino detalhe do traçado, havendo destaque para figuras que representam morte ou pecado: caveira, diabo e serpente. Em 1935, os desenhos de Charlier Wagner enfatizavam as imagens tatuadas na época pelos marinheiros, pela presença do navio, de mulheres quase dentro d'água e de morte, simbolizada pela figura feminina que chora diante de um túmulo. Além disso, os pássaros e a borboleta que são símbolos muito relacionados à liberdade e ao renascimento. No final da década de 1930 aos anos 1950 Milton Zeis já anunciava como se poderia ganhar dinheiro sendo um tatuador, vendendo instruções feitas por ele sobre todo processo de tatuar, dos procedimentos aos materiais: tintas, agulhas,

⁵⁵ Ver: Anexo III.

⁵⁶ DA CRUZ RIBEIRO, Ângelo. Tatuagens: estudo médico legal. 1912. (Dissertação em Medicina legal e toxicologia). Faculdade de Medicina da Bahia, 1912, p.7.

máquinas e papéis para desenho. Em 1940, nos Estados Unidos, o tatuador Percy Waters comercializava desenhos em uma folha de papel que vendia a outros tatuadores.⁵⁷ (cf. p.83).

A *tattoo* prosperou na década de 70 e, aos poucos, foi se incorporando a lugares voltados a esta prática.

(...) Os anos 80 e 90 viram emergir uma preocupação de domínio do corpo, da gestão da aparência, de controle dos afetos. O indivíduo tornou-se produtor de sua própria identidade. Procura construir-se, fazer do seu corpo uma mais-valia, um porta voz da imagem que entende dar de si mesmo. A tatuagem conhece desde então uma difusão social crescente. O sinal na pele tem valor de decoração, traduz uma vontade estética em relação a si. Proclama a independência do indivíduo face ao social. De prática marginal e estigmatizante, a tatuagem passa pouco a pouco a ser valorizada e reivindicada como artística. Diz respeito a todas as classes sociais, não afasta as mulheres e a elas recorre cada vez mais. As tatuagens transformam-se em acessórios de beleza que contribuem para a afirmação do sentimento de identidade⁵⁸.

Embora tenha ocorrido algumas transformações relacionadas a este universo, em Recife ainda é possível se deparar com os chamados “tatuadores da ponte de ferro⁵⁹”, como Mister John Tatto (42 anos), que chama a atenção pelo aspecto descuidado, externado nas roupas sujas e no corpo completamente tatuado, cujas formas já indefinidas se espalham em sua pele enrugada e queimada pelo sol. Para poder sustentar a mulher e os três filhos ainda permanece no mesmo lugar onde tatuava no final dos anos 70: a Rua da Aurora às margens do Rio Capibaribe, local que outrora já foi ponto de encontro de artistas, tatuadores e clientes. Observando os *hippies*, aprendeu a tatuar e fez desse ofício o seu “ganha-pão”. Após a proibição da vigilância sanitária, as pessoas se foram. Somente ele e “Coração” (outro tatuador) insistiram em ficar, porém agora dividindo o lugar não mais com *hippies* e outros artistas, mas com mendigos, pedintes e guardadores de carro. Por meio das tatuagens de *henna*, de fotos e desenhos com trabalhos expostos nas árvores e nas calçadas, às vezes convence o cliente em fazer algo

⁵⁷ Disponível em :

<

⁵⁸ LE BRETON, D. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 20.

⁵⁹ “tatuadores da ponte de ferro” é o termo utilizado pelos tatuadores em Recife para se referirem aqueles que trabalham nas imediações da Ponte da Boa Vista, que é toda construída em ferro.

indelével, levando-o para uma sala alugada que utiliza para tatuar, garantindo assim a sua renda⁶⁰. Mister John acha que com a proibição da tatuagem ao ar livre, as pessoas perderam a liberdade de escolher com quem se tatuar. Por conta da idade, não vê a possibilidade de trabalhar em outra coisa e se entristece ao dizer que a tatuagem virou um negócio e que o perfil do tatuador mudou. Segundo ele, quem tem dinheiro para investir abre um estúdio grande e moderno e quem não tem meios econômicos, sofre as consequências, como é o seu caso.

Em 28 de novembro de 2003 foi promulgado em Recife o Decreto nº. 20.165 que regulamenta a fiscalização e a Vigilância Sanitária dos serviços de tatuagens e adornos (*piercings*) e disciplina os locais apropriados para tais fins, anexando uma norma técnica que dispõe sobre os serviços e técnicas para sua realização⁶¹. No intuito de capacitar os técnicos, também passaram a ser oferecidos cursos, palestras e treinamentos. Enquanto o fiscal da Vigilância Sanitária acha que ainda há muita resistência por parte dos tatuadores e dos *piercers* com relação à legalização deste tipo de trabalho, os técnicos não se sentem motivados em participar das atividades oferecidas, por considerá-las desatualizadas e sem novidades⁶². Com a regulamentação das Leis e dos Decretos houve um aumento significativo de estabelecimentos especializados na tatuagem e no *piercing*, os quais foram se deslocando para os centros das cidades e adquirindo uma maior visibilidade. Segundo alguns dos técnicos entrevistados, a fiscalização provocou uma mudança significativa na forma de trabalho dos tatuadores e *piercers* que foram se conscientizando da responsabilidade de suas atividades. Muitos abandonaram determinados procedimentos que eram comuns neste meio, como o uso do anestésico injetável pelo tatuador no cliente para abrandar a dor das agulhadas na pele⁶³.

Para Negrado (31 anos), tatuador recifense, o trabalho da Vigilância Sanitária tem contribuído significativamente para a desmistificação de estereótipos negativos associados à imagem da tatuagem e do próprio tatuador, que por muito tempo preencheu o imaginário popular. Ao contrário de vários dos tatuadores entrevistados, ele é a favor

⁶⁰ Em contraposição às *tattoos* permanentes, a tatuagem de *henna* não é tão valorizada, considerada por muitos dos tatuadores entrevistados como um trabalho inferior.

⁶¹ Em Madrid, a regulamentação se deu ainda mais tarde, no dia 08 de Abril de 2005.

⁶² Ver: Anexo IV.

⁶³ Em caso dos fiscais se depararem com algum tipo de situação não permitida, como o uso de medicamentos ou falta de condições higiênicas adequadas, são aplicadas punições, que podem ir desde a auto-infração (sic) à multa, até a interdição do estabelecimento. Em Madri, o não cumprimento das normas é considerado uma infração administrativa, podendo ser objeto de sanção, que pode ir desde leves e graves, até a multa de 15.025,30 €

das fiscalizações e das inspeções regulares nos estúdios como uma maneira de preservar a saúde dos clientes. Em sua opinião, os técnicos que não se empenham em fazer a coisa da forma mais certa possível vão sair do meio, sendo da responsabilidade daqueles que ainda não cumprem as normas o descrédito reinante na sociedade em relação ao tatuador.

Com o tempo a tatuagem e o *piercing* foram saindo das ruas e se incorporando cada vez mais a espaços higienizados, que para muitos dos técnicos segue o mesmo modelo que uma clínica de estética médica. Negrado, por exemplo, compara a sua atividade a do profissional de saúde, pois da mesma forma que a pessoa tem o direito de optar por uma cirurgia plástica, também é livre para escolher tatuar seu corpo. Está convencido de que no momento em que regularizarem a profissão do tatuador haverá menos infrações neste meio e os tatuadores serão mais respeitados em suas funções. Com a difusão de estúdios de tatuagem e *body piercing*, muitos passaram a oferecer serviços e a comercializarem uma grande variedade de produtos voltados ao mercado de consumo estético que vem crescendo e se inovando, sobretudo nos grandes centros urbanos. Tem sido muito freqüente nesses últimos anos a incorporação da tatuagem e do *piercing* ao salão de beleza, à clínica de estética ou até aos grandes *shoppings*. Apesar disso, uma das características que ainda diferencia o estúdio de outros centros estéticos é a demanda do público que busca naquele espaço uma estética diferenciada .

Tendo em vista algumas peculiaridades observadas e para fins didáticos, decidiu-se subdividir os estúdios em duas categorias: a) Estúdios Comerciais; b) Estúdios Personalizados.

a) Estúdios Comerciais: Chama-se estúdio comercial todo estabelecimento que se volta a trabalhos mais comuns no que se refere à tatuagem e ao *piercing*, mas que podem englobar, também, outros serviços estéticos como: salão de beleza, massagem corporal, correção de cicatrizes pós-cirúrgicas, micro pigmentação, depilação, bronzamento artificial, etc. Como em qualquer estabelecimento comercial, o usuário é atendido pelo turno do “profissional”, muitas vezes não podendo escolher com quem vai se tatuar ou se perfurar. O técnico, por sua vez, trabalha por comissão e, em função disso, faz o que for necessário para atender o maior número possível de pessoas, não

havendo tempo muitas vezes de tratar com o usuário da responsabilidade e dos riscos que envolvem as intervenções no corpo⁶⁴.

Os adeptos que procuram os estúdios comerciais, em maioria, são jovens entre 17 e 25 anos, considerados “imaturos” e “impulsivos” pelos técnicos, principalmente por não refletirem a respeito da decisão de marcarem seus corpos. Em menores de idade é muito comum que os genitores os acompanhem para se assegurarem do local, das condições de higiene, de esterilização e, principalmente, do técnico. Na opinião deles, os pais vão muitas vezes para testá-los e isto se dá por conta dos estereótipos antigos que ainda são bastante fortes em seus imaginários, sobretudo daqueles que fazem parte da geração dos anos 60, época em que o tatuador era considerado como uma espécie de delinquente e o ato de marcar o corpo muito relacionado aos movimentos de “contracultura”⁶⁵.

Por trabalhar num estúdio em Boa Viagem, a *piercer* recifense A1(25 anos) já se acostumou a introduzir *piercings* nos corpos de pessoas que vão ao ateliê prontas para irem à praia exibir os adornos na pele. Apesar de sempre adverti-los a respeito das contra indicações com relação à exposição ao sol ou ao banho de mar, A1 percebe que não há uma preocupação por parte de quem se submete ao procedimento com infecções ou qualquer outro problema, sendo a beleza e a estética o que mais importa, como ela mesma diz: “Veio uma menina aqui outro dia desesperada (faz um gesto negativo com a cabeça). Eu até me impressionei, porque ela tava agitada demais. Ela queria fazer um furo com V. (refere-se ao *piercer* que trabalha no estúdio). Eu disse: V. ta viajando. Eu nem disse a ela que botava *piercing* e ela: ‘tu fura?’. Eu balancei a cabeça e ela disse: ‘Fura? Então eu quero ir para praia amanhã!!!’. E eu disse: não!!! eu não tenho agulha adequada pra furar umbigo, a que eu tenho é mais fina. Mas ela não desistiu e insistiu perguntando: ‘mas dá pra furar?’. Eu falei: dá, mas demora mais. Ela disse: ‘então fura’. Furei (risos)”.

Em vista do perfil das pessoas que costumam freqüentar este tipo de estabelecimento, é muito comum encontrar indivíduos indecisos na hora de tatuar ou perfurar seus corpos e para ajudá-los há um grande acervo de catálogos e revistas com

⁶⁴ Na Espanha, o salário do técnico é por comissão, ou seja, os tatuadores ganham em função do que produzem, 40 % da tatuagem, no entanto há locais que chegam a pagar 60%. Já os *piercers* ganham um salário fixo de 500 € mensais e mais 1 € por *piercing*.

⁶⁵ Em 13 de Dezembro de 2002, foi promulgada no Recife a Lei nº. 16.818, estabelecendo a proibição quanto à aplicação de tatuagens e adornos em menores de idade, salvo com autorização dos pais. Todo cliente deve assinar um Termo de Responsabilidade afirmativo das suas condições de saúde para se submeter à tatuagem, que deve ficar arquivado por cinco anos no estabelecimento. Na Comunidade de Madri, por três anos, apenas.

inúmeras imagens de tatuagens para todo tipo de gosto, desde figuras pequenas e delicadas, como anjos ou borboletas, até desenhos mais agressivos: monstros, diabos, caveiras, etc. (cf. p. 84) A esse respeito da indecisão dos clientes comenta o tatuador recifense P (31 anos):

“Ta olhando o álbum, gostou do desenho, ‘eu quero esse desenho’, ele gosta do desenho, ele vai lá pelo que ele se identifica mais... tem gente que chega aqui procurando um duende e sai daqui com uma rosa... tem gente que chega aqui procurando um tubarão, saí daqui com um beija flor... totalmente diferente, então isso quer dizer que...não tem mais aquela coisa de fazer só dragões, fazer só serpente, fazer só caveira, não... hoje todo mundo faz de tudo”.

Antes de atuar diretamente na epiderme, o tatuador costuma fazer uma cópia do desenho escolhido pelo cliente e decalcá-lo em sua pele, com o objetivo de que ele se assegure de que é realmente aquilo que está buscando. Depois de decidido, por meio de sua máquina o tatuador vai perfurando a figura delineada. (cf. p. 85)

Com relação aos *piercings* é comum encontrá-los em diversos materiais (silicone, ouro, titânio, acrílico, aço cirúrgico, *teflon*), em várias formas (bolas, argolas, animais, flores, corações), em tamanhos e cores distintos, tudo distribuído em vitrines. Como se sabe, o *piercing* é um adorno bastante flexível e versátil, que pode ser aplicado em diferentes regiões, como: orelhas, nariz, sobrancelhas, lábios, língua, mamilos, umbigo, órgãos genitais masculinos (*ampallang* que atravessa na horizontal a glândula; *príncipe albert* que atravessa por baixo; *dydoe*, em torno da base da glândula para os homens circuncidados), órgão genital feminino (pequenos ou grandes lábios e no clitóris) ⁶⁶. (cf. p. 86).

⁶⁶ Em Madri, as tatuagens podem custar de 30 a 300 € dependendo do tamanho, da cor e do local do corpo. Já os piercings variam em função do tipo de jóia e vão de 9 € (nariz, orelha, cartilagem), 18 € (“tragus” – parte externa da orelha, sobrancelha, língua, lábio, umbigo, peito), até 36 € (genitais). No Brasil, tanto a tatuagem quanto o piercing custam em média de 40 a 50 reais.

Desenhos feitos por tatuadores (início do século XX)
(acervo Amsterdam Museum Tatto)



fig. 1 Desenhos de Lew Alberts (1905)



fig. 2 Desenhos de Charlie Wagner (1935)



fig. 3 Instruções de Milton Zeis (1940)

Catálogos de tatuagens

(acervo da pesquisadora)



fig. 1 catálogo de tatuagem de um estúdio comercial de Madri.

categoria: monstros, diabos, caveiras.



fig. 2 catálogo de tatuagens de um estúdio comercial de Madri

categoria: letras orientais

Tatuador tatuando



fig. 1 O tatuador tatuando um cliente
Estúdio personalizado - Madri.
(acervo da pesquisadora)



fig 2. O tatuador tatuando um cliente e sua mulher (do tatuador)
observando. Estúdio personalizado - Madri.
(acervo da pesquisadora)



fig. 3 tatuagem pronta
Estúdio personalizado - Madri.
(acervo da pesquisadora)

Aplicação do *Piercing* (acervo da pesquisadora)



fig.1 Yunik colocando o *piercing* no cliente do estúdio comercial em Madri



fig. 2 introduzindo o catéter no supercílio para a colocação do *piercing*



fig. 3 terminando de introduzir



fig. 4 *piercing* já introduzido

Apesar do *piercing* ter surgido no ocidente quase um século depois da tatuagem, perfurar o corpo é um tipo de prática bastante antiga em outras culturas:

(...)Una exploración de nuevas sensaciones a base de imperdibles en las cejas, argollas de ombligo, bolas en las partes (Palang). Los Veddas de la India se traspasaban el cuerpo cinco mil años antes de Cristo. Los Nunivak de Alasca se perforaban diversas partes para ser animales, no para imitarlos superficialmente. Como los Matis de la Amazonia peruana y brasileña, que se llenan la nariz de agujeros para meter ahí púas finísimas: buscan tener los mismos bigotes de jaguar. En el *piercing* destacan numerosas tribus de Papuasias que estiman las perforaciones del cuerpo humano con propósitos ornamentales. Se pasan colmillos de cerdo por el tabique nasal, o últimamente bolígrafos, y usan latas de caballa como pulseras. Por el choque cultural, algunos Masai llevan carretes fotográficos en las orejas y, si les caben, que a veces es posible de tanto estirar el lóbulo, hasta latas de piña⁶⁷.

Diferentemente de quem usa o *piercing* por vaidade e estética, a pessoa que decide colocar um desses objetos no pênis, na glândula, na vagina ou nos mamilos e, em certos casos na língua, tem como objetivo principal proporcionar e intensificar as sensações de prazer durante a relação sexual. Neste caso, o *piercing* deixa de ser apenas um adorno estético voltado a atrair o olhar do outro para se tornar uma espécie de jogo daqueles que procuram cumplicidade erótica⁶⁸. Apesar da sexualidade ser um fenômeno biológico, o erotismo faz parte do humano e por meio dessa capacidade, o indivíduo é levado a buscar um objeto para o converter em objeto de desejo. As partes do corpo que atuam como estímulo erótico são em grande medida sociais e estão influenciadas pela moda. (cf. p. 92).

B1, que não revela a idade, é um cabeleireiro costarriquenho que vive em Madri. Apesar de trabalhar no salão de beleza que faz parte do ateliê, passa a maior parte do tempo na recepção das tatuagens, assessorando os clientes e os tatuadores. Muito sedutor, gosta de chamar a atenção das jovens que frequentam o estabelecimento, parecendo sempre disponível para uma conversa ou uma paquera. Seu corpo adornado por *tattos* e *piercings* serve muitas vezes de modelo. B1. não hesita em exibir suas marcas e falar a respeito das mesmas. Certa vez, mostrando os seus *piercings*, abre a boca e aponta para a língua, em seguida diz: “Tenho esse na boca porque eu gosto. Os

67 Luis Pancorbo. Abecedario de antropología. Madrid: Siglo XXI, 2006, p. 417.

68 Assim como as tatuagens, muitos piercings foram usados por nobres europeus, como, por exemplo, o Príncipe Albert da Bélgica que, por levar um anel no pênis incorporou seu nome a este tipo de adorno. (BOLETÍN ANTROPOLÓGICO. Los Andes, n. 49, mai./ago. 2000. ISSN 1325-2610.).

outros seriam mais uma forma de estimular sexualmente. E isto eu gosto muito... sexo. Então, porque não fazê-lo? Por exemplo, eu faria um na sobrancelha ou aqui (aponta ao canto da boca), mas não por conta da bobagem que ta todo mundo fazendo. Me parece bem, na parte sexual (faz um gesto em direção ao seu Pênis, como se estivesse se referindo ao prazer genital). Se eu tenho uma namorada, eu daria a ela o maior prazer sexual possível. Igual comigo, se eu quero ter mais prazer sexual, pode ser com o *piercing*. Eu também recorro a essas coisas, porque eu acho que é sadio. Se você tem um namorado que sexualmente é bom, então queres que esteja contigo, também tens que dar algo, sabes”..... “E também todos temos gostos, fantasias e coisas que gostamos de provar. E porque não? Porque negar a tua namorada ou a quem quer que seja, não sei, algum gosto, algum desejo? Tem que ensinar a ela a jogar também”. B1. demonstra claramente no seu discurso que ao mesmo tempo em que o *piercing* se banalizou, enquanto uma estética que todo mundo faz uso na contemporaneidade, pode ser também um veículo de prazer sexual, e dependendo do local do corpo aplicado é prazeroso tanto para o portador do mesmo quanto para o parceiro. Neste sentido, o próprio espaço do estúdio oferece aos clientes mercadorias que se associam com a sexualidade, não sendo por acaso que ao lado da vitrine dos *piercings*, muitas vezes, estão expostos objetos eróticos como preservativos e jogos sexuais. (cf. p. 93).

Segundo a literatura especializada, a prática não é exclusiva do ocidente, no sul da Índia acredita-se que o verdadeiro prazer não pode acontecer se não houver a perfuração do pênis. Depois de furado com um instrumento pontiagudo, o jovem permanece na água até parar de sangrar. Para evitar infecção deve ter relações sexuais intensas por toda a noite. Nos locais perfurados são introduzidos pedaços de junco cada vez maiores, sendo a ferida lavada com mel. Atualmente, essa experiência também tem sido praticada em algumas cidades européias, norte-americanas e canadenses⁶⁹.

De acordo com o que foi observado durante a pesquisa, também é possível constatar que há uma relação entre os significados associados ao *piercing* genital e o gênero. Para os homens era mais fácil falar a respeito e, em geral seus discursos apontavam para uma relação desses adornos com os signos de “masculinidade”, “força” e “potência sexual”. Já com relação às mulheres, parecia haver alguns tabus, inclusive por parte de *piercers* do sexo feminino, que mesmo lidando com este tipo de prática diariamente, sentiam-se envergonhadas quando se tratava delas mesmas, como diz A1:

⁶⁹ *Ibidem*.

“É engraçado porque quem vai fazer fica morrendo de vergonha. Eu queria fazer um, mas eu tenho vergonha de fazer. Eu namorando com V. não tenho coragem de fazer... não sei, é porque é tão constrangedor, você pensar que vai ficar pelada com a perna aberta pra colocar um *piercing* (risos)”. Ao mesmo tempo em que A1 se refere naturalmente ao *piercing* genital masculino, demonstrando inclusive que já tem suficiente experiência nesta prática, com relação às mulheres se recusa a perfurá-las nas partes íntimas, sente-se insegura, conforme diz: “Se chegar uma mulher pedindo pra eu colocar um *piercing* genital eu não vou fazer”... “Eu não tenho prática, tenho medo de pegar um vaso que não pode”.

Apesar dos técnicos serem orientados a não interferirem e respeitarem a escolha dos clientes, muitas vezes não se controlam. Muitos se sentem frustrados pela falta de criatividade dos mesmos e opinam na tentativa de convencê-los a mudarem de idéia e fazer algo mais original, principalmente no caso de uma tatuagem. Chanok prefere os clientes que se deixam aconselhar, acha que uma tatuagem pode ficar muito mais bonita se a pessoa dialogar com o tatuador, pois mesmo que traga uma cópia, ele pode personalizá-la, dando a mesma uma exclusividade. Mas isso dificilmente acontece num estúdio comercial, como reclama o tatuador acima referido: “As pessoas que vem aqui costumam tatuar coisinhas bem pequenas, quase imperceptíveis e sem a mínima originalidade... horrível, sem sentido nenhum”... “Eu às vezes fico tão p. que peço a outro companheiro que faça”.

Toda a epiderme é válida para que se criem desenhos, com exceção das mãos. Na visão dos tatuadores é um dos órgãos do corpo que mais troca de pele e uma das partes mais afetadas pelo sol. Assim como o rosto, é uma das regiões que a pessoa não tem como esconder, o que pode ser prejudicial em alguns contextos, principalmente no que concerne ao ingresso do indivíduo no mundo laboral. Entre os tatuadores não parece haver problemas, visto que a marca é também um signo de sua identidade, sendo muito bem aceita no grupo. Da mesma forma que não gostam de tatuar as mãos dos clientes, também não aconselham iniciais ou fotos de companheiros, por saberem de várias histórias de traições e rompimentos amorosos que ocorreram após a inclusão da marca no corpo. O tatuador já referido P. tem várias histórias curiosas a esse respeito. Em sua opinião, a pessoa só deve tatuar algo que gostaria de lembrar pela vida toda, como um filho ou até os pais, mas com o namorado ou com a mulher não há esta certeza, o que representa um risco para aquele que faz essa opção, como passou com um cliente seu: “... eu já vi casamento de 11 anos de um sargento aqui do Derby. Ele chegou aqui

querendo botar o nome da esposa dele, eu disse: não faça! Eu sei que cobreí cinco vezes o preço pra esse homem pra fazer um nomezinho. Aí ele fez! Depois de uma semana, exatamente uma semana, no outro sábado ele chegou: ‘dá pra apagar o nome dessa p. daqui do meu braço? Cheguei em casa ela tava com outro cara’. Eu te falei rapaz!!! Eu tenho pra mim que isso dá azar, eu nunca encontrei ninguém que fizesse e não se arrependesse”.

A fim de vigiar os funcionários, seus comportamentos e, sobretudo o trato com os clientes, nos grandes estúdios comerciais é comum o uso de câmeras de vídeo. Mas, apesar da aparente segurança por parte dos donos, eles são conscientes de que muita coisa foge de seus controles, principalmente dentro das cabines de tatuagens e *piercings* por serem locais que não se permite filmar, só excepcionalmente, em casos que o cliente e o técnico estejam de mútuo acordo. Este espaço é a sala do “profissional”, ali ele decora à sua maneira, com imagens de trabalhos seus e outras coisas de interesse pessoal. Símbolos religiosos se misturam com fotos de pessoas desnudas, grupos de rock, personagens televisivos, etc. Algumas cabines são limpas e organizadas, outras desordenadas, sujas, com objetos espalhados, manchas de sangue no chão, nas paredes, etc. Estas particularidades dão ao espaço um ar de informalidade, descontração e refletem a personalidade de cada “profissional”. É neste *locus* que se pode ter um maior acesso à intimidade dos interlocutores, é onde passam grande parte dos seus dias trazendo para dentro de tais espaços memórias de suas vidas, de seus cotidianos: fotos, músicas, objetos pessoais, etc. Na cabine o tatuador ou o *piercer* assumem o controle da situação. São eles que ditam as regras, chegam muitas vezes a negociarem o valor de seus trabalhos, independentemente das normas do estabelecimento. Em muitos casos, costumam iniciar a tatuagem no estúdio e terminá-la na própria residência. (cf. p. 94).

Para além da questão do poder coloca-se a sexualidade, as modificações corporais mostram a nudez. Naquelas salas privadas vivenciam momentos íntimos e secretos, em geral, irreveláveis que guardam para si. Ali, o técnico tem contato com peles e partes íntimas, manuseia seios, ventres, bocas, vaginas e pênis. Neste sentido, trata-se de um trabalho delicado, em que há o contato físico com o corpo do outro, lugar de sua intimidade. O tatuador P., atualmente, já não se constrange mais em ter que tatuar determinadas zonas corporais dos clientes, conforme revela: “Eu levo tanto tempo trabalhando nisso, quando eu comecei sim, eu tinha aquele negócio. Pô, vou tatuar uma bundinha, vou tatuar um peitinho”... “pô eu era novo, tinha aquela idéia, hoje em dia eu já tatuei tanto que já me tornei um ginecologista”. Na opinião de Le Breton (2004), a

relação é algumas vezes vivida sob a forma de um contato sexual sublimado, citando alguns autores que comparam a tatuagem a um ato sexual entre um parceiro ativo e um outro passivo, que se conclui através da injeção de tinta na pele. Segundo o autor, há relatos que chegam a descrever casos de amor entre o tatuador e seu cliente, inclusive citando homens em que a tatuagem os levou a um orgasmo⁷⁰.

É comum aos tatuadores e *piercers* se envolverem afetivamente com os seus clientes desde uma amizade até uma relação mais íntima. O *piercer* espanhol Paco (20 anos), revela que na cabine já fez de tudo: “... no momento em que se tem uma sala para si não há limite”. Segundo ele, já transou várias vezes ali dentro. O contato com o técnico é forte porque é raro entregar o corpo desnudo para receber uma marca, sobretudo quando é indelével. Chanok fez vários amigos por intermédio das tatuagens. Assim como Paco, também conheceu muitas mulheres. Com algumas chegou a se envolver mais intimamente como foi o caso da sua atual namorada, com quem vive há dois anos e meio, o que não o impede de conhecer outras garotas e se relacionar também. O contato com o corpo da mulher durante uma tatuagem é muito excitante para ele e, dependendo da reciprocidade da cliente não hesita em sair com a mesma.

A partir dos relatos das mulheres entrevistadas, a entrada no mundo das modificações corporais se dá geralmente através da busca pela tatuagem e/ou pelo *piercing*. Na maioria dos casos, começam a se relacionar com o técnico e a depender de como esta relação evolua, passa a haver uma imersão mais profunda neste universo. No caso de A1 sempre houve interesse de sua parte pela estética das *tattoos* e *piercings* e a partir daí ela conheceu V., que se tornou seu namorado. Com o tempo passou a trabalhar na recepção de um estúdio e, à medida que foi observando, aprendeu a introduzir *piercings*. Com o tempo, A1 também passou a ajudar V., tanto no estúdio quanto em trabalhos mais difíceis, como nas suspensões corporais, adquirindo independência financeira e autonomia. Algumas interlocutoras que são *piercers*, também acham que dentro do universo muitas passam a ser conhecida por intermédio de um homem e não pelos seus próprios méritos, até porque, segundo elas, muitos técnicos não admitem que se sobressaiam mais do que eles. Já a tatuadora belga E. (23 anos), não compartilha dessa opinião, pois se sente bastante respeitada no meio em que trabalha, pois mesmo sendo um universo essencialmente masculino, ela como mulher não tem problemas com os colegas tatuadores.

⁷⁰ LE BRETON, D. **Sinais de identidade**. Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa, Miosótis, 2004, p. 219.

Piercing genital
(acervo: www.BMEzine.com)



fig. 1 *piercing* genital feminino



fig. 2 *piercing* genital masculino

Vitrine com *piercings* e objetos eróticos
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 vitrine de *piercings* de um estúdio comercial em Madri



fig. 2 vitrine de objetos eróticos localizada ao lado da vitrine com os *piercings* em um atelier comercial de Madri.

Cabine de tatuagem e *piercing* de um estúdio comercial de Madri
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 teto e paredes da cabine



fig. 2 decoração da cabine



fig. 3 pia utilizada pelo técnico e cliente



fig. 4 cadeira do cliente

Atualmente, o universo da tatuagem, notadamente do tatuador, como bem se pode constatar, é basicamente dominado pelo sexo masculino, no entanto, rodeado por uma corte de mulheres que na maioria dos casos, estão instaladas nas recepções das lojas, exercendo trabalhos burocráticos. Apesar de não haver uma equivalência de tatuadoras se comparado aos tatuadores do sexo masculino, muitas já são donas ou gerentes de estabelecimentos, o que demonstra uma mudança de paradigmas dentro do universo de quem lida com este tipo de modificação corporal⁷¹. Os técnicos também costumam se deparar com todos os tipos de pessoas. Escutam histórias as mais distintas possíveis, aprendem a cada dia e conhecem diferentes mundos. Assim como cada tatuagem é única, cada cliente também, como assinala P.: “Então nesse meio onde a gente tem o convívio da tatuagem, a gente conhece ladrão, assaltante de banco, assassino, estuprador, conhece todo tipo de gente, mesmo que a gente não queira, mas são clientes, a gente não sabe quem é... eles acabam dizendo, porque ali dentro a gente se torna um confidente, se torna o melhor amigo deles, a gente ta trabalhando neles ali, puxa uma conversa, conversa vai e puxa outra e termina abrindo o jogo. Eu já fiz tatuagem em gente que tinha acabado de assaltar um banco, rapaz, eu olhei assim... ‘Eu assaltei de manhã e por isso que peguei essa grana e vim fazer uma tattoo’, eu, meu irmão olhe, vou rasgar sua ficha”.

Ainda que a relação seja breve, o técnico é em certos casos encarado como um iniciador. Depois de transformar seu corpo, muitos se sentem completamente metamorfoseados, vivendo, à sua maneira, um ritual de passagem, no qual acreditam que mudando a forma do corpo mudam, igualmente, a sua existência. A sala de tatuagem é também uma sala de aula, lugar onde o “profissional” aprende e, posteriormente, ensina seu labor, conscientizando outras pessoas para um universo bastante delicado, em que para poder desempenhar suas funções deve está preparado para lidar com seres humanos, aprendendo a respeitar as diferenças, os gostos, os estilos de vida, bem como os limites de cada um.

O uso da droga associado à dificuldade em lidar com regras por parte dos técnicos é um dos motivos de muitos dos desentendimentos com os donos e gerentes dos estúdios. Carmem (35 anos), gerente de um estúdio comercial de Madri, precisou repensar algumas condutas pessoais para poder lidar com os funcionários. Quando começou a trabalhar como gerente do estúdio, chegou a ser advertida por um dos donos

⁷¹ Ver: Gráficos I e V.

para que não confiasse jamais nos técnicos, com a única exceção de um deles, que é de uma família de médicos. Para evitar grande rotatividade de funcionários, tenta adequar algumas regras em função do perfil das pessoas com quem trabalha, como por exemplo, permite o uso de haxixe desde que seja fora do estabelecimento, pois segundo ela: “é o café da manhã deles, sem isso, não produzem”. Por outro lado, mediante uma transgressão também os castiga em função daquilo que mais gostam, privando-os do horário do almoço ou os obrigando a trabalhar em dias de feriado, como coloca: “... eu acho que foi a maneira que consegui para eles não desobedecerem tanto, pois eu já não agüentava mais. Se eles passam muito dos limites, eu me vejo obrigada a demiti-los. Muitas vezes eu não me sinto bem por ocupar esta função, parece que minha tarefa é está descobrindo coisas, é está delatando, mas nesse meio é assim, acho que em todas as partes”. Carmem reconhece que trabalha com um universo de pessoas bastantes difíceis, que para ela vivem em um mundo bem particular.

A droga tem uma importante representação para as pessoas deste meio e a grande maioria faz uso. Para muitos dos tatuadores entrevistados, a maconha e o haxixe estão bastante associados com o ato de tatuar, notadamente com a inspiração para criar. Fora do estúdio é comum usarem drogas mais pesadas como cocaína, êxtase e álcool, que os deixa bastante debilitados no outro dia, muitas vezes até impossibilitados de irem trabalhar, pelos efeitos da ressaca, principalmente os tremores. Apesar de conseguirem facilmente quem os substitua nos momentos em que estão muito debilitados, se prejudicam por perderem dinheiro já que trabalham sob comissão como Chanok reconhece: “... eu já usei droga, muito tranquilo. Eu não poderia vir trabalhar se usasse muito. Sim, depende como sais. Por exemplo, este sábado não pude trabalhar porque estava mal. Se estás mal, é melhor que não venhas e é isso. Outro dia eu saí, tomei todas, cheirei, fiquei doido. Cheguei super tarde em casa... Sim, vim trabalhar, mas fiquei dormindo aqui, não trabalhei. Disse a eles que não podia trabalhar. Foi tranquilo. Eu perdi um pouco de dinheiro, pois eu ganho de comissão, mas tanto faz, eu me sentia muito mal”.

No caso dos clientes, o uso no momento de uma intervenção no corpo é uma maneira de relaxar e sentir menos dor. Enquanto alguns técnicos permitem a droga, inclusive fazendo uso juntamente com o cliente, outros dizem proibir pelas conseqüências que podem ocasionar, conforme assinala P.: “Aqui a gente não trabalha nem com gente embriagada, nem drogada. Se eu sentir cheiro de álcool, eu não trabalho. Porque prejudica o meu trabalho e ele vai fazer um desenho que ele não quer, porque se

ele tá sob o efeito de droga ou de álcool, ele vai olhar aquele desenho, ele vai gostar do desenho na mão dele, só que depois que o efeito da droga passar... ele: ‘p... pra quê eu fiz isso?’.”. Pela sua própria experiência, acha que a droga não minimiza a dor de uma tatuagem, pois segundo ele a pessoa tende a ficar até mais sensível depois que usa maconha ou bebida, verbalizando a esse respeito: “... eu fiz tatuagem drogado de pó, de cocaína, biriba... como eu tava fazendo as costas inteira, aí toda semana a gente fazia um pedaço, aí eu falei com um amigo: ó, toda semana eu tô doidão de alguma coisa (suspira) eu nunca agüentava mais de meia hora. Num dia eu disse a ele: meu irmão, não vou mais usar droga não, vou fazer agora de cara. No dia que eu fui de cara eu agüentei cinco horas de trabalho, cinco horas tranquilo, sem sentir dor, sem nada, então quer dizer o quê? Eu mesmo fui minha própria cobaia pra eu poder dizer aos meus clientes que sob o efeito de droga, dói mais, entendesse”.

Como se pode perceber, apesar da tentativa de controle por parte dos donos e gerentes, são os funcionários que ditam algumas regras entre eles, manipulando de certa forma o ambiente de trabalho. Muitos têm autonomia, inclusive para decidir a respeito da contratação de um técnico, na medida em que são eles próprios quem indicam os conhecidos, conforme se refere Chanok: “Quando o dono te contrata, ele não sabe como trabalhas, nunca sabe. Nós que estamos aqui falamos de outros companheiros e vemos detalhes, sua forma de trabalhar, o dono não sabe, não se inteira, não dá nem conta, o que interessa a ele é o dinheiro, o resto tanto faz. O que fazemos é cobrirmos por nossos amigos, para que não chegue alguém que não gostamos. Somos como um círculo, uma máfia. É só colocar amigos nossos. Por exemplo, eu vou viajar e vou deixar uma amiga, senão eu não sei quem ele chamaria”. Mesmo com todas as críticas por parte dos técnicos com relação aos estúdios comerciais por funcionar muito mais como um modelo de empresa, pode-se perceber que neste espaço o tatuador e o *piercer* têm uma função social. Além do mais, o fato de ter que cumprir com horários, normas e regras é uma maneira de controle por parte deles mesmos, principalmente com relação ao uso de droga, já que não é indicado tatuar um cliente em caso de estarem muito debilitados e, em vista disso, os próprios tatuadores e *piercers* reconhecem que não se deixariam tatuar por alguém que estivesse trêmulo e cheirando a bebida.

Conclui-se portanto que apesar de se tratar de um sistema convencional formado por regras e normas, o estúdio comercial se beneficia da fragilidade formal dos seus funcionários, visto que ao mesmo tempo em que eles – os donos – permitem uma grande flexibilidade com relação ao cumprimento das normas por parte de seus

empregados, estes deixam de receber direitos enquanto trabalhadores principalmente em se tratando de imigrantes, já que a formalização dos papéis de trabalho implicaria em prejuízos financeiros para os donos.

b) Estúdios Personalizados:

Ao contrário dos estúdios comerciais, os personalizados são considerados pelas pessoas desse meio como mais flexíveis, nos quais a equipe que trabalha, inclusive o próprio dono, é formada por pessoas que têm contato direto com o universo da tatuagem, do *piercing* e/ou das modificações corporais radicais. Segundo os técnicos que trabalham neste tipo de estabelecimento, ali se dá mais prioridade à qualidade do atendimento, que pode ser com hora marcada, tendo o usuário a liberdade de escolher com quem vai fazer o serviço. De acordo com o que dizem, como não se trabalha por comissão, costumam conversar com o cliente a respeito da decisão de modificar o corpo, esclarecendo as dúvidas, dando dicas a respeito do desenho e do local escolhido, bem como das formas de cicatrização e cuidados. Assim, tenta-se fazer com que o cliente saia o mais satisfeito possível, sendo ele o principal responsável pela imagem e propaganda do estúdio. Já nas entrevistas realizadas com os clientes, o principal motivo que os levava a optar pelo tipo de estabelecimento era o técnico que nele trabalhava.

J. um dos informantes já mencionados, iniciou seu trabalho com *piercing* num estúdio comercial na Calle (Rua) Montera. Depois de se tornar conhecido foi para um estabelecimento personalizado, tendo aí percebido a diferença entre os dois tipos de lugares. Segundo ele, nos estúdios comerciais o que importa é a quantidade e não a qualidade do atendimento, como reconhece: “Eu cheguei a fazer 80 *piercings* em um dia, isso é carnificina. Não se pergunta nada, se a pessoa tem algum tipo de doença, nada. Não vá pra estes estúdios senão não vais entender os verdadeiros significados da *body art*. A calle Montera f... a gente, desmoralizou nosso trabalho. São todos estúdios comerciais de má qualidade e péssimo trato com o cliente, mas com preços bem mais baratos, uma ofensa a *body art*, no começo estavam bem, mas agora estão horríveis... não se podem fazer coisas só pelo dinheiro!!!”.

O perfil do usuário dos estúdios personalizados é similar ao dos comerciais, com a exceção de que é mais comum se deparar com pessoas que vão em busca de algo original, muitas vezes da criação do próprio tatuador. As chamadas tatuagens “*free hands*” são mais caras por serem diretamente aplicadas na pele do cliente a partir da

criatividade do técnico e, segundo estes, trata-se de um tipo de trabalho completamente artístico, que nem todos os tatuadores são capazes de executá-lo. Segundo alguns tatuadores entrevistados, este tipo de tatuagem está cada vez mais comum, visto que muitas pessoas estão optando por motivos originais que se destaquem no corpo ao olhar do outro. Muitas vezes, a decisão em se tatuar é pensada e amadurecida, muito mais freqüente em pessoas que já não são tão jovens. A respeito do aumento da idade em que se busca modificar o corpo, os técnicos compartilham da opinião de que, contrariamente ao adolescente, que muitas vezes é inconseqüente, a pessoa madura tem mais segurança na hora de se decidir por uma tatuagem ou mesmo por um *piercing*. Dedé (advogado, recifense) resolveu aos 50 anos cobrir sua pele com tatuagens e, desde então não conseguiu mais parar: já tatuou os dois braços, o tórax e vai fazer as costas. Como é advogado e trabalha em um escritório bastante formal, leva sempre camisas de mangas compridas para que as pessoas não se inteirem da sua estética corporal. Apesar das dificuldades, a tatuagem representa para ele a liberdade que desde então não tinha alcançado em sua vida.

Apesar das distinções e particularidades entre os dois tipos de estabelecimentos, uma das características que mais chama a atenção é a incorporação naqueles estúdios personalizados de práticas de modificações corporais que são consideradas pelas autoridades sanitárias como ilegais, por colocar em risco a integridade do organismo. Os técnicos são bastante cautelosos ao falarem a respeito das mesmas e, em muitos casos, preferem omitir ou não fornecer informações. Segundo eles, não costumam exercer estas práticas livremente, somente em casos de pessoas confiáveis, como amigos ou parentes. Mesmo com as mudanças ocasionadas desde a regulamentação e instauração de normas e procedimentos técnicos para este tipo de trabalho, é freqüente que alguns funcionários, sobretudo o *piercer* que, neste caso, é também um modificador corporal, proceda de maneira própria no manejo de suas funções, tanto se submetendo quanto executando trabalhos que fogem completamente ao que é considerado legal. Apesar de saberem que qualquer tipo de lesão corporal é motivo suficiente para um processo judicial, muitos preferem arriscar. Entre as práticas mais executadas, destacam-se:

Escarificação – Vem do inglês “*scar*” e significa cicatriz. Diferentemente da tatuagem e do *piercing*, é uma técnica que consiste em cortar a pele, geralmente com um bisturi seguindo a forma de um desenho. Sarada a ferida, volta-se a abri-la várias

vezes, com o objetivo de que a cicatriz chegue a ser bem visível, o desenho ressalte sobre a pele e não se apague com o passar do tempo. (cf. p. 103).

Orelhas de gnomo – Como o próprio nome diz é uma técnica efetuada para deixar a orelha com o formato pontudo, para isto costura-se a parte de cima deixando uma ponta. (cf. p. 104).

Branding – Técnica realizada a partir de uma lâmina de aço esquentada com maçarico como as que se usam para marcar o gado cujo resultado são marcas em relevo na pele. (cf. p. 105).

Implantes Subcutâneos – Objetos fabricados em teflon, silicone ou titânio que são hipoalérgicos e introduzidos subcutaneamente, deixando uma ondulação com o formato do objeto na pele. Atualmente estão muito na moda em partes do corpo como braços, mãos ou pênis e, neste caso, a função principal é de provocar prazer durante a relação sexual. (cf. p. 106).

Distensão do Órgão Genital Masculino – Procedimento que tem o objetivo de alargar o pênis. (cf. p. 107).

Língua Bífida – Cortar a língua ao meio com bisturi no formato da língua dos ofídios. (cf. p. 108).

Paco, por exemplo, antes de qualquer procedimento, conversa bastante com a pessoa que vai se submeter a alguma intervenção mais intensa, como uma escarificação ou implantes. Procura saber se o cliente é alérgico a algo, se tem algum tipo de problema e, em caso negativo, testa a anestesia injetando aos poucos, pois tem consciência de que este tipo de medicação pode ser fatal. Também sabe como fazer para estancar o sangue. Assim dispõe de indicativos de que pode desempenhar as suas habilidades tranqüilamente. Entre estes técnicos também é comum o uso do estúdio de modificações corporais, como via de acesso à compra e venda de materiais proibidos, como os bisturis e anestésicos injetáveis. Além disso, esses espaços também são utilizados como intermediários para a prática das suspensões, seja através de reuniões para exercê-las em outros lugares, seja através do próprio espaço físico do estabelecimento, que pode funcionar como um local adequado a esta experiência.

Enquanto a tatuagem e o *piercing* se incorporaram a um tipo de estética aceita na sociedade, essas práticas não se configuram enquanto tal. Contudo, cresce o número de adeptos que começam a aparecer nos programas sensacionalistas de TV, em horários noturnos.

Apesar de extremas, na opinião de Paco, são intervenções que dão ao indivíduo a capacidade de controle da mente e dos pensamentos, dizendo a esse respeito: “Eu conheço quatro ou cinco pessoas que entendem da escarificação, não conheço muito mais, não é que pensem como eu, mas que compreendem. Tu me entendes se eu vou cortar uma perna? Não te parece estranho? Todo mundo é assim, ninguém entende, ninguém compreende”... “Cada coisa que faço utilizo o interior do cérebro, desenvolvo coisas que as pessoas não desenvolvem, quando tu estudas desenvolves uma parte da tua cabeça, tem gente que não estuda, não desenvolve, então eu ao fazer isto, desenvolvo”.

A partir deste percurso pelos ateliês de tatuagens e *body piercing*, pode-se afirmar que apesar das diferenças existentes entre os estabelecimentos comerciais e personalizados, ambos se configuram enquanto lugares de sociabilidade e de consumo estético. Como foi visto, muitos dos clientes que freqüentam os estúdios de tatuagem e *body piercing* vão com o objetivo de realçarem seus corpos e mediante as suas demandas de consumo há todo um acervo de produtos e serviços que são oferecidos com o objetivo de que satisfaçam seus desejos. Mas ao mesmo tempo em que muitos dos clientes estão fazendo uso dos serviços estéticos para realçarem seus corpos, outros também têm recorrido aos estúdios numa busca por resultados completamente distintos do que se considera como padrão de beleza no tempo contemporâneo. Fazer a opção em rasgar a pele, introduzir implantes ou cortar a língua é completamente contrário ao que a sociedade estabeleceu como modelo de estética. Devido ao aspecto inusitado dos corpos transformados ou à agressividade das técnicas utilizadas, que muitos consideram como masoquismo ou loucura, as práticas mencionadas costumam chocar, ao passo que as outras técnicas, como as lipoaspirações, os implantes de próteses, etc., são legitimadas pelo saber científico e dotadas de um número cada vez maior de pessoas em busca de uma aparência idealizada.

Como se sabe, atualmente é grande o número de pessoas que recorrem às técnicas mais diversas para retardarem o envelhecimento, emagrecerem ou ficarem mais bonitas. A cirurgia plástica, o *lifting*, o botox, os cremes anti-idade e muitos outros serviços passaram a ser um tipo de consumo quase que obrigatório para uma camada média e alta da população que se preocupa com os cuidados corporais, tanto homens quanto mulheres. Neste sentido, são os grandes centros comerciais como *El Corte Inglés* ou o *Shopping Center Recife* os lugares que colocam à disposição da clientela uma infinidade de produtos de beleza, os quais movem, atualmente, um grande

comércio nacional e internacional. Assim, pode-se concluir que o atelier de tatuagem se diferencia de outros centros comerciais enquanto um espaço de consumo alternativo, já que modificar o corpo com uma tatuagem ou uma escarificação podem ser formas de diferenciação na sociedade atual, pois no momento em que o indivíduo faz a opção pela estética alternativa ele escolhe se tornar diferente dos demais.

No próximo capítulo será analisado o quanto os meios de comunicação de massa, especialmente com o advento da *Internet* ampliaram consideravelmente o universo das modificações corporais, gerando uma maior visibilidade das diversas formas de estéticas, assim como de produtos que também passaram a ser veiculados, implicando numa expansão do espaço físico do estúdio de tatuagem e *body piercing* que se incorporou também à rede virtual. Além disso, essas tecnologias foram também responsáveis por novas formas de sociabilidade, nas quais através de *chats* ou de *blogs* e *fotologs*, as pessoas se colocam em contato com centros nacionais e internacionais e com outros técnicos e adeptos que compartilham de interesses comuns.

Escarificação

(acervo da pesquisadora)



fig. 1 escarificação enviada pelo modificador corporal M 2 em Madri.



fig. 2 escarificação realizada por Paco em um cliente (Madri)

Orelhas de gnomo
(acervo: www.BMEzine.com)



fig. 1 orelhas costuradas



fig. 2 orelhas cicatrizadas

Branding
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 Branding em M 2 (Madri)



fig. 2 Branding realizado por M2 em uma cliente

Implantes

(acervo da pesquisadora)



fig. 1 implante em amigo de Paco (Madri)



fig. 2 imagens enviadas por Paco

Distensão do órgão genital masculino

(imagens fornecidas por Paco a partir do site de um modificador corporal venezuelano que esteve em Madri)

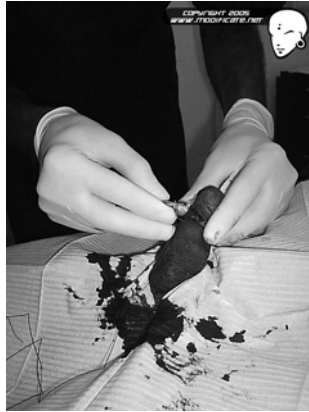


fig. 1 cortando a parte acima do pênis



fig. 2 pênis cortado



fig. 3 pênis já costurado
com a parte cortada costurada por cima

Língua Bífida

(acervo: www.BMEzine.com)



fig. 1 cortando a língua para ficar com o formato dos ofídios

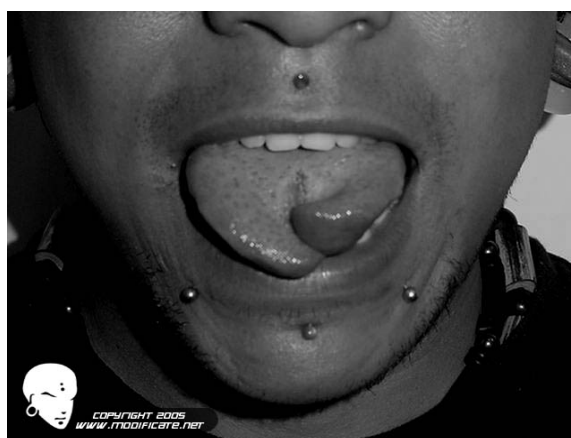


fig. 2 língua cicatrizada

Capítulo 6. Redes e novas sociabilidades

Como se sabe a sociedade contemporânea se caracteriza por uma revolução sobretudo tecnológica que opera por uma instrumentalização cada vez mais intensa e acelerada. Através da informação a comunicação ultrapassou os limites e operacionalizou uma quebra de fronteiras, gerando algumas consequências sociais. Entre estas, passou a haver uma maior interação e reciprocidade entre os seres humanos e a técnica, produzindo novas formas de sociabilidades. Com a ferramenta da *Internet*, o fenômeno social da modificação corporal foi se incorporando à sociedade cada vez mais, alcançando uma rede de adeptos que, por sua vez, fazem uso de determinadas técnicas como uma moda, estilos de vida e meio de sustento econômico, no caso dos “profissionais”. Como vem sendo visto ao longo do capítulo, o ateliê de tatuagens e *body piercing* é atualmente a porta de entrada para as pessoas que têm contato direto com este universo. São nesses espaços de sociabilidades que se forma uma rede de interação entre pessoas que partilham de interesses comuns que, neste caso, se voltam, sobretudo para a experiência estética da modificação corporal. No entanto, muitas dessas pessoas não se limitam ao espaço físico do estúdio de tatuagens e *piercings* e, com a intenção de ampliarem suas redes de contatos criam seus próprios *blogs*, *fotologs* e *sites* na *internet*. Por intermédio destes veículos tornam-se bem mais visíveis, na medida em que se comunicam com outros centros e com as pessoas que acessam o canal. Assim, há um intercâmbio de informações técnicas, de imagens, de fotografias, bem como de vivências e experiências pessoais. No caso dos técnicos, estes veículos também funcionam como uma espécie de vitrine, ou seja, é uma via de acesso ao cliente, pois muitos contatos passam a ser estabelecidos através da rede virtual.

Um dos *sites* mais antigos de modificações corporais é o *Body Modification Enzine* (BMEzine), criado nos Estados Unidos em 1997, sendo atualmente ainda considerado um dos mais completos, principalmente pelo seu conteúdo. Ao entrar nesta comunidade virtual pode-se ter acesso à história de algumas formas de modificações corporais, os diversos usos dessas estéticas em diferentes culturas não ocidentais, bem como a inúmeras imagens de trabalhos mais recentes que as pessoas enviam ao *site*, incluindo aí *piercing*, tatuagem, escarificação, suspensão, etc. Dentro das categorias exibidas pode-se destacar a denominada *Extream/Heavy Mods and Erotic Mod* cujo conteúdo, em parte, é limitado às pessoas que possuem uma senha fornecida exclusivamente àquelas que enviam trabalhos pessoais para serem virtualmente

expostos. O usuário pode se deparar com fotos consideradas extremas, que incluem implantes em partes do corpo, inclusive na cabeça, suspensões variadas, amputações de dentes, língua, falanges de dedos das mãos e dos pés, pedaço do braço, pênis, testículos, seios, clitóris, etc. (cf. p. 113).

Segundo alguns interlocutores algumas dessas práticas são muito perigosas, envolvem grande risco para quem se submete. Uma dessas é o corte do pênis em duas partes, cujo objetivo é proporcionar uma penetração simultânea pela vagina e ânus. Na opinião de J., as pessoas que se submetem a estas intervenções estão em busca de maiores prazeres, não havendo limites para consegui-los. Apesar do interlocutor achar muitas dessas práticas interessantes, faz questão de enfatizar que isso se passa principalmente em algumas cidades dos Estados Unidos, país, segundo ele, mais desenvolvido no âmbito deste tipo de modificação corporal, conforme explicita: “... aí as pessoas estão fazendo de tudo com seus corpos, cortando e amputando dedo das mãos, dos pés.... Aqui é que as pessoas são mais conservadoras, mas já tem muita gente pedindo pra escarificar e pra colocar implantes...”⁷².

O *site* também funciona como um meio de comércio e consumo voltado aos produtos especializados nas modificações corporais que são divulgados e vendidos, sendo possível encontrar os aparelhos mais modernos que estão em circulação no mercado, como *piercings*, alargadores de orelha e ganchos para suspensão. Além disso, também há um grande acervo de instrumentos cirúrgicos, que nesse caso são utilizados em algumas das intervenções mais extremas: tesouras cirúrgicas, *biopsy punch* (instrumento utilizado em biópsia, mas neste caso serve para arrancar a carne do lóbulo da orelha e alargá-la), anestésicos em creme, injetáveis, espelho vaginais, anais e penianos, etc. Também há um grande *marketing* em torno dos produtos que levam o slogan do referido *site*, estando aí incluídas peças como camisas, calcinhas, bermudas, *botons*, chaveiros, bolsas, anéis, livros, revistas e DVDs.

Conforme se referiam alguns dos interlocutores da pesquisa, um dos criadores do BME zine, Lucas Zpira é atualmente uma das pessoas mais famosas e conhecidas no cenário internacional. Por ser médico (cirurgião), tem autorização legal para a prática de determinadas técnicas e, em vista disto, é convidado no mundo todo para demonstrar suas habilidades, o que tem lhe proporcionado fama e dinheiro. Em contraposição, outras pessoas estão sendo procuradas pelas autoridades por estarem divulgando em

⁷² Tanto em Recife quanto em Madri, a maioria das pessoas entrevistadas se referiam a essas técnicas como mutilações e, para eles, iam além de suas compreensões.

rede imagens que não são permitidas. Com toda esta circulação de informações, começa-se a observar um crescimento do número de pessoas, sobretudo nas grandes cidades, que sem nenhuma formação médica estão se apropriando dessas práticas, se submetendo e as executando de maneira clandestina em estúdios de tatuagens e *body piercing* bem como em outros locais, como na própria residência. Por meio dos contatos estabelecidos em rede criam grupos de adeptos que se reúnem com o objetivo de praticarem algumas modificações no corpo, que neste caso já não se trata mais da tatuagem e do *piercing*, mas de verdadeiras transformações, podendo chegar inclusive à mutilação, conforme será analisado ao longo dos próximos capítulos.

Através do seu *fotolog*, Paco tem contato com pessoas do mundo todo. Ali gosta de exibir as fotos de trabalhos seus, assim como de colegas que enviam imagens a ele. Também costuma receber comentários de outras pessoas a respeito do que está exposto em seu *site*. Numa dessas vezes, foi contatado virtualmente por uma pessoa anônima, que pedia para ser castrada. Impressionado com a proposta, o *piercer* e modificador corporal preferiu excluir o tal contato do seu *fotolog* e não se comunicar com o mesmo, desconfiando de que poderia ser a polícia o seu anônimo cliente.

Ao mesmo tempo em que a divulgação das modificações corporais em rede trás muito risco, foi por meio dela que surgiram os *workshops*, feiras e convenções de tatuagem, como espaços de sociabilidade voltados às pessoas que apreciam o universo em questão. Na Europa as convenções acontecem em grande parte dos países, são conhecidas por reunirem os “profissionais”, sobretudo os tatuadores internacionais mais famosos. Sempre há muita novidade que circula nas convenções, principalmente com relação ao acervo de instrumentos utilizados nas diversas formas de modificar o corpo. (cf. p. 115). Nestes eventos, em meio ao ecletismo de estilos estéticos e gerações, são exibidos *shows* de *rock*, música eletrônica, exposições de *piercing*, concursos de tatuagem, *body painting*, etc. A convenção também é um espaço de performance. Alguns grupos apresentam danças étnicas (Bali, Índia, Polinésia; Brasil e África). Outros atuam em *shows* de suspensões corporais em que os atores se pendurarem por ganchos para chamarem a atenção da platéia, como o “Freaks Conction”, o grupo de Lucas Zpira, já mencionado anteriormente⁷³. Um dos *workshops* bastante apreciado é *Art fusion experiment*, que consiste em agrupar em folhas grandes de papel, desenhos de

⁷³ Disponível em: <www.pro-arts.com/pro-arts.htm>. Acesso em: 20 de abr. 2007.

tatuadores famosos que se misturam dando origem a um resultado original e surpreendente.

O espaço da convenção é também de uso de droga e sociabilidade. Chapolin pediu uma semana de folga no ateliê onde trabalha em Madri para ir à convenção de Londres. Depois que retornou ao seu trabalho contou que o evento em si tinha sido muito bom, viu muitas novidades e até comprou um livro, no entanto esteve mais “do lado de fora” bebendo e se drogando com os amigos e, por conta disso, estava bastante debilitado para trabalhar.

Inspiradas nas convenções internacionais, em Recife a primeira foi realizada em 2003 e, segundo Negrado, organizador do encontro, com o objetivo de “legalizar a arte no mundo”. De acordo com ele, a repercussão desta convenção foi tamanha, que a partir daí as autoridades municipais promulgaram um decreto regulamentando algumas práticas, bem como os fiscais da vigilância sanitária passaram a atuar nos estúdios de tatuagens e *body piercing*. Ainda, segundo ele, os tatuadores despertaram para a importância de criarem uma associação, o que representou numa mudança de paradigmas relacionados a este universo, conforme comenta: “A convenção nesse ponto mexeu, mexeu com a população inteira eu acho. Não teve nada melhor do que ter esse evento aqui, você viu o resultado agora né? A exigência da vigilância ali, de querer a coisa o mais certa possível. Não tinha exigência, eu procurava fazer o melhor possível para o meu cliente, esterilização, eu sabia que um dia isso ia acontecer com a prefeitura, a exigência. É o esperado. Então quer dizer tá passando por um código positivo né, virar uma empresa e no caso, mais um respeito”.

Pode-se então concluir que as diversas formas de modificação corporal desde a tatuagem, *piercing* até a escarificação e os implantes estão cada vez mais adquirindo visibilidade social. A tatuagem saiu das ruas e juntamente com o *piercing* se incorporou a espaços especializados, integrando-se aos poucos ao cenário das grandes cidades. Ao mesmo tempo em que se veiculam nestes estabelecimentos serviços e produtos estéticos voltados à beleza corporal, os estúdios se diferenciam por serem espaços que ainda se voltam a um tipo de público que busca uma diferença, na medida em que escolhem, muitas vezes, um padrão de estética alternativa que, em muitos casos, quebra completamente com os modelos de beleza. Além disso, os meios de comunicação de massa e a *Internet* abriram espaços a este tipo de estética, que ultrapassou as fronteiras locais, internacionalizando-se. Os *workshops* e as convenções têm ampliado ainda mais o universo em questão atraindo cada vez mais um público eclético e diversificado.

Práticas Extremas

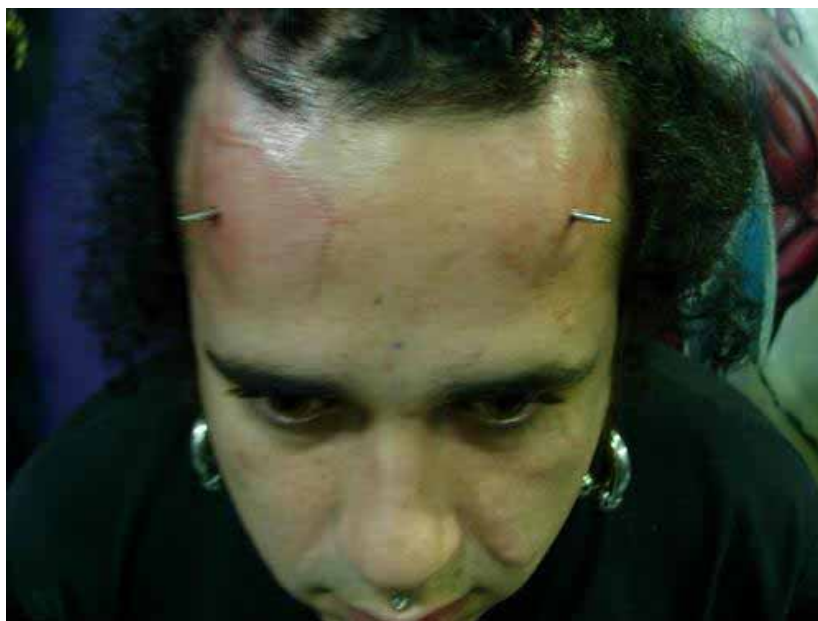


fig. 1 implantes na cabeça



fig. 2 serragem dos dentes



fig. 3 corselet



fig. 4 mutilação do clítoris

Performances em convenções



PARTE 3. Para além do limite do corpo

Capítulo 7. Da tatuagem e do *piercing* à suspensão

De acordo com o que vem sendo analisado ao longo deste trabalho, a modificação corporal engloba atualmente várias técnicas que são constantemente inventadas e reinventadas pelas pessoas que lidam com este universo. A tatuagem foi a pioneira, seguindo-se do *piercing* que pela própria versatilidade foi muito bem aceito, incorporando-se ao universo em questão. Conforme o que foi analisado, as formas de marcar o corpo passaram por transformações na sociedade, relacionadas inicialmente a estigmas, foram aos poucos se (re) significando em alguns contextos sociais e, em certos casos, se associando a signos de embelezamento. Da mesma forma que no Recife, em Madri foi possível se deparar constantemente com pessoas que possuíam tatuagens assim como piercings cuja finalidade era simplesmente o adorno. Em Recife, pela própria cultura das praias isto se tornava ainda mais visível, o que se davam igualmente nos meses de verão na Espanha, época em que as pessoas estão mais desnudas.

De acordo com o que foi observado no contexto dos atores sociais da pesquisa, aqui incluídos os adeptos assim como os técnicos, a transformação do corpo geralmente se inicia na adolescência, entre os 15 e 18 anos de idade, ocorrendo mais cedo nos homens do que nas mulheres⁷⁴. Isso tanto em Recife quanto em Madri. Mas não se cresce querendo modificar o corpo bem como se tornar um tatuador, um *piercer*, um prático das suspensões ou um modificador corporal, são as circunstâncias da vida que os leva a fazer este tipo de opção estética e, em alguns casos, a descobrir que possuem talentos e habilidades para determinadas práticas, que por suas naturezas e especificidades, não estão ao alcance de qualquer pessoa. Com relação aos técnicos, a maioria abandona os estudos antes de se incorporarem a este universo. Os tatuadores em geral se iniciam no meio como bons desenhistas ou grafiteiros, outros descobrem a vocação através de cursos ou com os amigos e pessoas mais experientes. Para treinar o processo da tatuagem costumam usar o próprio corpo, sendo muito comum tatuarem a si mesmos, o que eles próprios não indicam porque além de doer bastante, o desenho raramente fica bem feito. Em menor número, sobretudo na Europa também se utilizam da pele de porco sintética, com o objetivo de treinamento. A trajetória do tatuador é, de certa forma curta, apesar de iniciarem cedo, por volta dos 18 anos, aos 40-50 anos já

⁷⁴ Ver: Gráficos II, III e IV em Anexo.

vão diminuindo o ritmo de trabalho⁷⁵. Assim como nos anos setenta, ainda hoje alguns começam trabalhando em ambientes por eles considerados marginais e com condições precárias de higiene, no entanto é no momento em que passam a desempenhar suas atividades em um estúdio de modificações corporais que há um maior reconhecimento tanto por parte dos outros “profissionais” como por parte dos adeptos. Tatuando ladrões, Negrado se iniciou neste universo marcando suas peles em troca de coisas roubadas, como *walkmans* ou bicicletas. Para juntar dinheiro, comprar sua máquina elétrica e montar o próprio estúdio, trabalhou em uma concessionária e chegou a ser recepcionista de um cinema pornô, passando posteriormente a tatuar ao ar livre. Só depois de muito tempo conseguiu alugar uma sala, passando desde então ser reconhecido e respeitado no meio. Atualmente é dono de duas lojas de tatuagens, uma no centro do Recife e outra em Olinda.

No caso do tatuador, a marca no corpo é também um sinal de identidade, de reconhecimento e de respeito entre as pessoas do meio. Dos 21 tatuadores contatados durante a investigação, somente um não tinha o corpo tatuado, possuía apenas um cavalo pequeno no braço, quase imperceptível. “Mau”, por exemplo, acha fundamental às pessoas que trabalham neste ramo terem tatuagens, pois o sinal na pele mostra um pouco da sua sensibilidade, dos seus gostos, contrariamente aos que não têm que, segundo ele, “*parece falso*”. Escolhe os tatuadores a partir da quantidade de tatuagens que levam no corpo, signo de sua experiência pessoal como diz: “Quanto mais tatuado pra mim melhor, se ele tivesse mais tatuagem eu sabia que ali ele já sentiu dor, então vai poder me dizer onde dói, onde não dói, explicar em matéria de anatomia. Além de ta me tatuando, eu também tava aprendendo, eu nunca fui a um tatuador que soubesse menos do que eu”.

Neste grupo a marca na pele é um ato de inspiração e desejo, basta ter vontade e escolher o local do corpo. A dor não é mencionada nem relevante para este grupo, o mais importante é vê o desenho pronto. Para a maioria a tatuagem é como um vício, quando começam não conseguem parar. Aí entra em cena uma mistura de signos e formas que dão vida a uma segunda pele. *Maoris*, tribais, animais, flores, caveiras, entre muitos outros símbolos mesclam-se completamente num corpo, dando a impressão de que se trata de uma só figura que, por sua vez, concede a um determinado sujeito uma estética única, singular e exclusiva. A fim de que as *tattoos* sejam apreciadas tanto pelas

⁷⁵ Ver: Gráfico III em Anexo.

peessoas do meio quanto por outros que tenham igualmente sensibilidade para admirar este tipo de arte corporal, é comum que deixem propositalmente seus corpos expostos como verdadeiras telas de arte. E. (23 anos) tatuadora belga radicada em Madri, chama a atenção pela quantidade de desenhos que cobrem completamente um dos braços. Orgulhosa pela originalidade das suas marcas e pelo estilo de pintura que o tatuador criou em sua pele declara: “Eu busco os tatuadores e aquilo que eles gostam de tatuar, não buscas o desenho, mas a pessoa. Depende de quem conheces e aí defines algo. De que artistas se vai conhecendo e pensas o motivo”. (cf. p. 119).

Subordinado ao tatuador que, em geral, é o dono do estúdio, os *piercers* também são identificados por um tipo particular de estética das modificações corporais que levam em seus corpos, se diferenciando como um grupo que se reconhece enquanto pessoas que “gostam de furar”. A grande maioria possui o corpo coberto de *piercings*, de tatuagens, bem como outros adornos. Costumam aprender a perfurar com os mais experientes ou sozinhos, utilizando o próprio corpo ou instrumentos inadequados, como broches de fraudas de crianças. J., que se diz autodidata, por muito tempo praticou a perfuração em si mesmo e também no corpo de uma ex-namorada que, segundo ele, tinha orgasmos cada vez que era perfurada.

Além da tatuagem e do *piercing*, algumas pessoas passam a praticar intervenções mais extremas como as suspensões corporais e as modificações consideradas “radicais” que se constituem respectivamente em rituais e práticas extremas que podem ir desde perfurações e cortes em diferentes partes do corpo, implantes subcutâneos e até mutilações. Estes tipos de intervenções são consideradas tanto pelos praticos da suspensão como pelos modificadores corporais como técnicas mais elaboradas, em que o “profissional” precisa ter muita coordenação motora, controle e cuidado para realizá-las, visto que qualquer descuido pode ser perigoso para a pessoa que se submete. Para realizar uma escarificação, por exemplo, o técnico tem que está habilitado a usar bisturi para separar a pele do músculo, sendo fundamental saber até onde cortar, pois qualquer erro pode ser fatal.

Tatuadora Belga (23 anos)
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 tatuadora na cabine de tatuar em um estúdio comercial em Madri



fig. 2 tatuadora durante a entrevista na cabine do estúdio

Como já foi colocado em capítulos anteriores, os modificadores corporais ou os práticos da suspensão não têm formação nenhuma para exercer práticas dessa natureza, para aprenderem, geralmente buscam pessoas mais experientes, chegam, em certos casos a pagar para se submeter a algum tipo de intervenção no próprio corpo e com isso vão se inteirando e ao mesmo tempo aprendendo. A maioria começa executando operações mais simples como o *piercing* ou o alargamento das orelhas e com o tempo vão se aperfeiçoando, como coloca Paco: “A escarificação é bem mais complicada do que o *piercing*, é preciso muito controle para escarificar, tens que saber milimetricamente o que estás cortando, como estás cortando, manejar agulha de bisturi e tudo. Eu quero aprender também, então quando eu me escarifico eu também estou olhando o tempo todo, estou aprendendo”.

Os tatuadores em geral “não viajam” nas técnicas radicais. Negrado, por exemplo, considera a tatuagem como arte e estética, concebendo as outras intervenções como “um tipo de masoquismo”, como ele mesmo assinala: “...tenho até foto de escarificação, já vi algumas vezes, mas não quero isso pra mim, prefiro ficar com as minhas *tatoos*, não tenho coragem não. Admiro os corajosos que se penduram e se cortam, mas eu não quero (risos), não trabalhamos com essa linha aqui não. Quem faz escarificações é V., lá em Boa viagem. A gente não gosta dessa área”. Contrariamente à opinião dos tatuadores, os modificadores corporais acham que as escarificações ou os implantes são estéticos. Devido à crescente demanda do público, muitos têm buscado se atualizar, inovando em criatividade e propostas. Uma novidade é a incorporação da tinta colorida às escarificações cujo objetivo é dar mais vivacidade à marca. Os novatos, ou seja, aqueles que estão se iniciando na referida técnica, costumam esboçar formas retas e traços geométricos, mas à medida que vão adquirindo experiência fazem formas arredondadas e até desenhos.

Mesmo em se tratando de um processo completamente informal, inclusive considerado ilegal e ilícito pelos órgãos de saúde pública, o que chama a atenção em algumas destas práticas são os riscos que envolvem as mesmas, embora não pareça haver qualquer receio por parte de quem se submete ou executa tais procedimentos, mas ao contrário, o próprio risco e a ousadia parecem ser estimulantes para tais intervenções, como comenta V.: “Eu boto implante, eu costuro olho, boca, o que me pedirem, não tem problema, eu sei onde não se pode fazer, tem veias no corpo, por exemplo, essa aqui da

cabeça (aponta para a testa), que se tocar a pessoa morre na hora, é fatal. Eu admiro quem tem coragem de fazer isso, é muito risco, mas tu sabe, são os riscos, a adrenalina que faz a gente ter vontade dessas coisas.... (risos)”. Apesar de V. falar naturalmente destas práticas, reconhece que passou por uma série de dificuldades até conseguir assumir sua identidade e estilo de vida. Desde os 16 anos de idade que o interlocutor faz uso de *piercings*, de maneira que atualmente, já com 32 anos não se reconhece mais sem tais adornos, que passaram a representar um prolongamento do seu corpo. O que mais lhe atrai nos *piercings* é o aspecto estético e sensual daquele que o porta.

V. passou grande parte de sua vida numa cidade do interior de Minas Gerais onde as pessoas eram, segundo ele, bastante conservadoras e, curiosamente aí havia um rapaz que trabalhava com tatuagens e *piercings*, tendo aprendido com ele a perfurar. Aos poucos V. foi modificando completamente a aparência do seu corpo, inicialmente escondido dos pais, mas à medida que o tempo foi passando, V. cresceu e as marcas se tornaram visíveis. A partir de então passou a ser completamente discriminado em sua cidade inclusive pela própria família que desconfiava que ele fosse um drogado. Era comum que seu quarto fosse revistado pelos pais nos momentos em que se ausentava. As brigas e desentendimentos passaram a ser uma constante. Aos 25 anos de idade V. saiu de Minas Gerais e foi para Recife trabalhar em um estúdio de tatuagens, desde então não tem mais contato com a família que desconhece completamente o que ele faz. Não se arrepende e se sente realizado com o estilo de vida que escolheu, pois se não tivesse feito esta opção não seria ele mesmo, teria que assumir uma outra identidade. Com a experiência dos *piercings*, V. foi descobrindo o quanto o ato da perfuração corporal o estimulava: “eu libero muita adrenalina, é como um *poiting*”. A partir desta descoberta, foi sentindo necessidade de ir mais além, passando a se pendurar por ganchos de ferro, podendo sentir o que significava desafiar os próprios limites do corpo. A primeira vez que viu uma suspensão corporal tinha 10 anos de idade, quando assistiu ao filme “Um Homem Chamado Cavalo”. A história, que retrata o ritual a que se submete um homem para fazer parte de uma tribo, não saiu mais de sua memória. Apesar de ter se chocado com o que presenciara na infância, anos mais tarde se tornou uma pessoa de referência no Recife em matéria de suspensão. Com a experiência que foi acumulando, passou a se sentir cada vez mais seguro, experimentando novas posições e atingindo *recordes* no Brasil, sendo atualmente capaz de ficar horas pendurado pela pele. Em seu último aniversário se presenteou com um *o-kee-pa* que para ele é umas das suspensões corporais mais doloridas, incômodas e arriscadas, pela

possibilidade de faltar ar ou de que os pulmões se contraíam. Segundo o interlocutor, a sensação de prazer foi tão intensa que o sacrifício, a dor e o próprio risco foram recompensados⁷⁶. (cf. p. 123).

Numa das vezes que se pendurou pela pele chamou a atenção de todos que o assistiam pelo seu semblante. Contrariamente ao que muitos imaginavam, ao invés de dor, transmitia muito prazer através daquela experiência. De tão incorporado à vivência, parecia está numa espécie de transe, como se estivesse fora da realidade por alguns instantes. Nos momentos em que voltava a si dizia: “Não me tirem daqui não!!!”. Ao ser questionado pelo investigador sobre sua sensação naquele instante revelava: “... um momento especial, agora... só de êxtase, muito prazer. Felicidade total. É como um orgasmo, nem sei.”..... “Não, é diferente... é uma maravilha, você não imagina como. É algo indescritível que palavras não dizem a sensação que você sente... é muito... (suspiro) prazer. Dor não to sentindo nenhuma agora mesmo... a dor some totalmente, você sente assim, puxando a pele, mas não ta doendo, não ta incomodando em nada”.

Segundo V. a suspensão pode conduzir alguns indivíduos a um estado de alteração de consciência associado à sensação de um intenso prazer: “... o corpo submetido a grande estresse vai jogar endorfina, vai enganar. O que seria dor, seria prazer. Então você vai sentir meio extasiado em si, não dá para explicar a sensação, é uma sensação boa... eu não me drogo, dizem que seria mais ou menos a sensação de você está meio drogado, em alguns casos a pupila se dilata”. “Você se sente sei não, poderoso. Superar a dor me dá poder. Pôxa eu consegui, velho!!! Você pensa que jamais ousaria superar este limite. Quando você consegue fazer isso, é quando consegue entender os seus domínios”⁷⁷.

⁷⁶ O termo *O-Kee-Paa* se incorporou ao ocidente para se referir a um tipo de posição da suspensão corporal em que os adeptos se penduram verticalmente pelo peito através de dois ganchos de ferro.

⁷⁷ Segundo informações fornecidas pelo Dr. Mário Sette, nos momentos em que o corpo sente tensão imediatamente libera neuromônios ou neurotransmissores (endorfinas, encefalinas e outras substâncias químicas) que são analgésicos e portanto atenuam a sensação desagradável. Essas endorfinas são responsáveis pelo prazer, inclusive do orgasmo. Muita dor pode fazer com que o indivíduo chegue a um estado de prazer ou de êxtase induzidos por estas substâncias opiáceas.

Suspensão *O-kee-paa*
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 V. em seu aniversário realizando um O-Kee-Paa



fig. 2 Detalhe da suspensão

Apesar de ser uma prática recente em determinados contextos urbanos (mais ou menos dez anos), em algumas sociedades tradicionais da Índia data de cerca de cinco mil anos e está ligada a idéia de usar o corpo para se superar espiritualmente. Conta-se que em um festival da perfuração (Thaipusan), os fiéis oferecem como presente à divindade uma dificuldade física que é considerado o mais puro dos presentes. Perfuram seus corpos com lanças, ganchos e pinças para entregarem o presente que é aceito e bento pela divindade *Murugan*, deus da perfuração⁷⁸. Embora tenha sido originária do *O-kee-paa*, nas grandes cidades têm sido efetuada em várias posições: pelas costas (*suicide suspención*), joelhos (*knee suspension*), em posição de meditação (*lotus*), entre outras. (cf. p. 125). Para realizar uma suspensão usam-se ganchos de ferro que perfuram a pele. Por meio deles são introduzidas cordas grossas que atravessam uma superfície alta e através de roldanas vão repuxando os ganchos até que a pele vai se estendendo e o indivíduo se suspende. Segundo os interlocutores, o momento mais doloroso e incômodo é quando se enfiam os ganchos, havendo um pequeno sangramento que se segue do rápido instante em que a pele vai se descolando da musculatura e que a pessoa vai saindo do chão. Há um intenso ardor que se misturam a muita dor, chegando a certa intensidade que o indivíduo pára de sentir, confrontando-se imediatamente com um extremo prazer.

Após o processo, a região perfurada fica bastante dolorida, a pele se enche de ar e se formam bolhas, sendo aconselhado massagear-se o local. Mas apesar das dores e incômodos, muitos saem das suspensões e vão se divertir como se nada tivesse acontecido, conforme ilustra a fala de A1: “... a pele descola e enche de ar. Aí no outro dia quando você aperta você escuta as bolhinhas. Você sente o ar correndo ssssssssss. É um saco!!! Eu fiz uma vez uma suspensão junto com quatro pessoas”..... “a gente depois foi prum bar, um amigo da gente apertou o ar das minhas costas, quando ele apertou o sangue espirrou roxo, aí o ar saiu na hora. O buraco fecha muito rápido, não precisa passar remédio. A marca sai, oh, não to com nada aqui nas costas, pode vê” (levanta a camisa e mostra as suas costas).

⁷⁸ Disponível em: <http://allboutelwood.com/flesh_hooks.htm>. Acesso em: 22 mai 2005.

Suspensões diversas

(acervo www.bmezine.com)



fig. 1 suicide suspensión



fig. 2 suspensão em posição de ressurreição

O processo da suspensão (Recife)
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 V. marcando a pele para enfiar os ganchos



fig. 2 V. enfiando os ganchos na pele do adepto



fig. 3 adepto já com os ganchos enfiados



fig. 4 V. coloca a corda nos ganchos



fig. 5 V. repuxa um pouco a pele do músculo para que a pessoa vá se preparando



fig. 6 já suspenso com um grupo de amigos em volta.

Devido ao grande esforço físico, as pessoas são aconselhadas pelos mais experientes a passarem um tempo sem praticar, para que o corpo se recupere e os tecidos se regenerem. Os práticos e os adeptos referem não haver risco de que a pele se rasgue, tanto pela distribuição de peso quanto pela espessura dos ganchos. Também dizem que há pouca possibilidade de infecção, pois são usadas luvas em quem introduz os ganchos e esses são esterilizados depois de usados. Vale salientar que muitas das pessoas que se submetem à prática preferem permanecer com os ganchos enfiados na pele depois de terem se suspenso, com o objetivo de se pendurar novamente e não precisar furar outra vez. Nesse caso, especificamente, há muito risco de infecção, visto que a pessoa fica com o corpo completamente exposto pelas incisões abertas na pele. No Recife usam-se ganchos para pesca de tubarão adaptados para essa prática, segundo informações custam em torno de 5 reais a unidade. Em Madri, são fabricados em aço cirúrgico, exclusivamente para a suspensão e comercializados em estúdios, convenções de tatuagens, lojas especializadas na modificação corporal e *Internet*. Os ganchos custam em média 20 €. Cada adepto tem seu próprio material que é de uso restritamente individual.

Para se submeter a uma suspensão num contexto ocidental urbano, em alguns casos, o futuro adepto passa por uma preparação que se constitui em provas físicas, cujo principal objetivo é fazer com que o indivíduo se sinta mais confiante e seguro, tanto do ponto de vista físico quanto emocional. M. (20 anos), *piercer* espanhola, é uma garota dotada de uma beleza difícil de descrever. Chama a atenção das pessoas por onde passa pelo visual pouco habitual que leva: além da indumentária incomum, roupas escuras e folgadas, tem os cabelos e sobrancelhas raspados, tatuagens, *piercings*, alargadores na orelha, olhos negros adornados por uma fina sobrancelha artificialmente desenhada que transmite à sua expressão facial um misto de revolta e raiva. Infância difícil, sobretudo pela rigidez do seu pai que não permitia nem a ela nem a irmã terem contatos com crianças da sua idade, relatando a esse respeito: “Era da casa pro colégio e do colégio pra casa. Ele obrigava que eu e minha irmã terminássemos os deveres para poder jantar... eu passava a manhã na escola e a tarde em casa fazendo as tarefas, senão eu não jantava, ia dormir com fome, eu tinha medo também... ele batia na minha irmã, eu não podia fazer nada. Eu me trancava no quarto e ia desenhar para não escutar ela chorando”.

Há dois anos, desde a separação dos pais não tem mais contato nenhum com o genitor que passou a estar completamente ausente de sua vida. A primeira vez viu uma

suspensão foi pela televisão e, apesar da cena ter chamado sua atenção, até então não pensava em se submeter a algo daquela natureza. Numa determinada noite, em uma discoteca de Madri, assistiu a uma performance em que J. e os amigos se suspendiam pela pele. A partir daí não parou mais de pensar na cena, encantando-se completamente com o que presenciara. Como não conhecia os rapazes, não teve coragem de se aproximar para dizer o quanto aquilo tinha lhe impressionado, mas como uma amiga sua estava saindo com J., foi aos poucos conhecendo aquelas pessoas e manifestando para elas o desejo em passar pela mesma experiência.

Numa determinada ocasião J. lhe propôs passar por um “*pool*”⁷⁹. Como não esperava tal iniciativa, sentiu-se tensa e com medo do que poderia passar com seu corpo sobretudo pela dor, questionando-se sobre o real desejo em se submeter ao procedimento. Conscientizando-se de que não poderia deixar passar aquela oportunidade, teve vontade de dedicar a preparação aos ex-namorados, pelos quais tinha sofrido, depois se deu conta de que seria algo para ela e não para outros. Fez uma reflexão sobre sua vida em torno dos conflitos pessoais que precisaria resolver, convencendo-se finalmente de que teria que provar aquilo. Foram à casa de J., ao seu quarto. Ele perfurou a si mesmo, depois a ela e, simultaneamente, cada um foi puxando por uma extremidade até que começou a sangrar e a pele foi gradativamente se descolando da musculatura. Enquanto mostrava fotos deste ato em que ambos estavam com dois ganchos enfiados na região acima de cada um dos peitos e ela com os seios descobertos, somente tapados por fitas adesivas de cor preta, que desenhavam um “X” na região dos mamilos, dizia que foi muito importante ter passado por esta preparação com J., por ser uma pessoa de sua inteira confiança.

Assim como numa relação sexual, o prazer provocado pelo ato foi mais intenso do que o medo e a própria dor, pois proporcionou a M., entre outras coisas, uma sensação de tranquilidade semelhante a um orgasmo, conforme se reporta: “... só sei que me senti limpa e renovada depois de tudo. Eu pensava em muitas coisas, tinha muitas idéias na cabeça, depois disso, parei de pensar”.....“Não sei até vai o limite entre a inteligência e a loucura, Van Gogh era um gênio e cortou a própria orelha.”. Apesar de M. não conseguir explicar seu comportamento, pode-se fazer uma analogia com o do próprio Van Gogh que a interlocutora trouxe em seu discurso. Como se sabe, o artista expressava seus sentimentos através de pinturas. Suas telas foram interpretadas como

⁷⁹ *Pool* é uma técnica através da qual são introduzidos ganchos finos em partes do corpo, como nos antebraços ou no tórax, puxados por outra pessoa com o objetivo de distender a pele da musculatura.

“bombas atômicas”, cujos traçados não se constituíam em linhas ou formas retas, mas em “coisas agitadas”, que transmitiam o dramático e o psicológico do autor em sua natureza mais real (ARTAUD, 1983). Assim como o pintor que expressava seus conflitos mais íntimos através das suas criações artísticas, a experiência pela qual M. passou pode está associada a uma maneira de se exprimir, em que o corpo é também uma espécie de tela na qual se agregam signos e intervenções diversas, entre tatuagens, *piercings* e outras intervenções. Como Van Gogh que cortou a própria orelha, M. perfura ou corta a sua pele e através deste ato consegue liberar, momentaneamente, os pensamentos que a atormentam, sentindo-se renovada e limpa. Desde este momento, refere ter passado a se sentir mais livre, conseguindo até liberar sua raiva do pai e agressividade reprimida, por meio das perfurações tem feito no seu corpo. A interlocutora é consciente de que precisa resolver alguns conflitos pessoais, sobretudo da sua infância, pois sabe que ainda refletem em sua vida atual e, em vista dos pensamentos por ela nomeados “obscuros” sente muita depressão e tristeza. Depois desta experiência, passou a se sentir mais animada, voltando a sair com os amigos, retomou seu trabalho com os *piercings* que havia interrompido em decorrência da depressão e, além disso está estudando alemão para passar um tempo com sua irmã que mora com o namorado na Alemanha. Considerando seu corpo como uma “bomba relógio” que a qualquer momento pode explodir, vê nestas técnicas uma maneira de se controlar e não se deixar afetar pelos problemas do mundo. M. pensa em se submeter em breve a uma suspensão e para este ritual faz questão da presença da genitora, pois quer mostrar o quanto àquela experiência tem um significado importante para a sua vida. Acha até que a mãe vai se impressionar com o ato, podendo classificá-lo de prática “masoquista”, no entanto não abre mão de sua presença.

Com relação à suspensão, a pessoa responsável pelo procedimento é em geral alguém bastante respeitado, que tem muita visibilidade no meio, por já ter se submetido a experiências similares, as quais denotam o conhecimento da técnica. Dotado de grande responsabilidade, é ele quem fica encarregado de todo o processo, desde a perfuração da pele até a retirada dos ganchos. Apesar da diferença entre os ritos praticados em sociedades tradicionais daqueles executados em contextos urbanos, pode-se fazer uma analogia com algumas práticas dos *Ndembu*, povos africanos, em que o responsável pelo rito de iniciação masculina, notadamente da circuncisão, também passa por algumas provas, como chutar uma árvore com a perna e golpear a panturrilha com a mão. Em cada cerimônia que participa são feitas incisões nas suas costas e abaixo do

umbigo com a mesma faca usada para circuncidar, demonstrando por meio destas marcas o número de cerimônias assistidas. Muitas vezes os iniciadores adotam o papel de mães nutridoras, exigindo práticas sexuais como a felação, ingestão de sêmen, etc.⁸⁰.

Como foi observado durante o trabalho de campo em Recife, as práticas não são divulgadas, a não ser entre pessoas conhecidas, que se reúnem com o objetivo de se suspenderem, bem como de se sociabilizarem. São pessoas que advêm de distintas comunidades, mas que naquele momento se configuram enquanto um grupo informal e temporário, na medida em que compartilham de interesses comuns. “El grupo se define como dos o mas personas que interactúan mutuamente de modo tal que cada persona influye en todas las demás y es influida por ellas”⁸¹. Parte do grupo pode realizar uma ação conjunta que vai ser conhecida por outros membros. Essa ação pode ser uma indicação de um caminho a seguir pelos outros membros, ou simplesmente uma reafirmação de identidade. Geralmente as suspensões são executadas em locais privados como galpões e garagens de residências ou estúdios de artistas plásticos. Eventualmente são realizadas em espaços públicos, como praias ou parques. Apesar de reservada, é comum se fotografar o ritual e divulgar as imagens nos estúdios de tatuagens e *piercings* assim como na *Internet*. Em vista disso, os adeptos costumam se embelezar antes de se suspenderem. A2 fez questão de retocar o tribal que tem na cabeça para exibi-lo numa das vezes em que se suspendeu. As mulheres costumam se maquiar, pentear os cabelos, sendo muito freqüente se pendurarem com pouca roupa, de calcinha e sutiã ou até se desnudarem. Assim, a suspensão é também um momento em que o indivíduo aproveita para exibir as suas modificações corporais (os *tatoos*, os *piercings*, as escarificações, etc.) e sua intimidade.

A platéia é composta por pessoas que vão para se suspender ou simplesmente para assistir ao ritual e prestigiar algum conhecido. Muitos participam do ato com gestos de aplausos, assobios, gritos e palavras que servem de estímulo à pessoa que está se pendurando, sobretudo se ela manifesta algum indício de que vai desistir. Por conta do nervosismo, é comum nas primeiras vezes o adepto apresentar sensações de vertigem e mal estar. Pode-se dizer que se trata, simultaneamente, de um momento de tensão, já que há uma expectativa em torno dos que praticam o ritual, assim como de sociabilidade

⁸⁰ TURNER, Victor **La selva de los símbolos**. Madrid: Siglo XXI, 1980.

⁸¹ CANTERAS, Murillo Andrés. **Sociología de grupos pequeños: sectas y tribus urbanas**. Madrid: Consejo general del poder judicial, 2000, p. 39.

e descontração. Em meio à música, os expectadores e alguns adeptos comem, bebem e fumam maconha, enquanto assistem às pessoas penduradas pela pele.

Pela curiosidade advinda da reação dos que se submetem, é freqüente que alguns indivíduos se sintam contagiados e manifestem o desejo em se suspender, após presenciarem tal prática. Aproveitam a ocasião e, sem nenhuma preparação, se penduram pela pele. Outros preferem se resguardar para uma próxima vez, mantendo contato com os responsáveis para que o incluam, como diz V.: “... quando as pessoas vão se suspender comigo, eles querem saber como é que é, o que sente. Uma pequena parte procura suspensão como rompimento de limites, foi o meu caso, eu comecei por isso e, alguma parcela, seria por status, que é o pessoal do sul, em Recife as pessoas fazem mais para saber o que é. A maioria das meninas que eu conheço, eu adoro trabalhar com mulheres, passam em média de 40 minutos, então as mulheres, os meus trabalhos mais ousados são em mulheres (risos)”.

Como já foi mencionado, esse tipo de suspensão, reservada está mais voltada a um contexto particular compartilhado geralmente por pessoas de confiança por implicar em um instante íntimo, descrito por alguns como um “momento em que a pessoa se sente como se estivesse desnuda, se mostrando completamente para o outro”. Sobre a importância da suspensão enquanto um ritual reservado, A1 relata a experiência que ocorreu com uma amiga que só se submeteu a uma suspensão porque sabia que seria algo entre o seu grupo de amigos: “Teve uma menina aqui que suspendeu e foi lindo. Ela pesava 77 kg e tinha medo de não conseguir porque era gordinha. Aí quando ela conseguiu foi lindo! Ela gritando: ‘po, eu consegui!!!’. Ela superou o medo dela de... até o trauma dela de ser gorda. Ela não queria que muita gente visse, só quem era amigo dela. A gente contou piada, tudo pra ver se ela saía do chão, aí quando ela saiu foi lindo. Ela tava morrendo de medo, mas era uma coisa que ela tinha que provar pra ela que conseguia fazer. Ela agora ta pesando 70 kg, perdeu 10, ta emagrecendo. Depois disso ela viu que pode fazer outras coisas, ela sabe que se ela tentar, se esforçar, consegue. No caso dela foi coisa de superação mesmo”.

Enquanto uma ação tradicional e eficaz, a prática da suspensão em alguns contextos urbanos funciona como uma espécie de rito de passagem da contemporaneidade caracterizado tanto pelo ingresso e pertencimento do indivíduo a uma sociedade secreta, cujos membros se identificam notadamente por uma estética e um estilo de vida em comum, quanto pela própria mudança de status provocada por intermédio de uma prova física. De acordo com inúmeros relatos etnográficos, em

algumas sociedades tradicionais muitos ritos deixam marcas indeléveis e cicatrizes. A mudança de status, por exemplo, implica em provas e combates que inclui uma operação que marque o corpo permanentemente, como cortes na pele, mutilações, entre outros procedimentos que podem por em perigo a vida do neófito, que, por sua vez, se arrisca até alcançar um novo status no seio do seu grupo social. Muitos rituais de iniciação africanos passam por nuances sacrificiais como cerrar os dentes, mutilar partes do corpo com escarificações, tatuagem, que têm por finalidade inscrever no corpo a memória da iniciação, ou seja, marcar na ordem natural um acontecimento cultural. Nas iniciações masculinas é comum o derramamento do nariz ou do pênis. Entre os *ndembu* pessoas não circuncidadas são consideradas sujas e contaminantes, assim como uma criança, não podem ter relações sexuais e só comem com as mulheres. Por meio de provas acredita-se que a pessoa está pronta para enfrentar o mundo adulto, já que adquiriu maturidade suficiente para algumas funções como a de procriar. O pênis circuncidado, por sua vez, está diretamente relacionado com a ereção, sendo portanto saudável. As iniciações definem fronteiras entre os membros de um grupo e os estranhos (TURNER, 1980). De acordo com Pierre Clusters (2004), no contexto das sociedades ágrafas e sem formação estatal, os preceitos mais importantes ao grupo são escritos por meio de perfurações, tatuagens, escarificações e outras ações dolorosas no próprio corpo dos iniciados, para que estes jamais esqueçam das lições que lhes são transmitidas durante esses ritos. O que se grava na carne (e na memória) humana é uma imagem da sociedade.

Émile Durkheim (2003) já falava da importância da dor e do sofrimento presentes em muitos ritos como condição necessária para a aquisição de privilégios em algumas sociedades.

(...) O culto negativo não pode se desenvolver sem fazer sofrer. A dor é uma condição necessária dele. Assim, acabou-se por considerá-la como constituindo ela mesma uma espécie de rito; viu-se na dor um estado de graça que é preciso buscar e suscitar, mesmo artificialmente, por causa dos poderes e privilégios que confere tanto quanto os sistemas de interdições, dos quais ela é o elemento natural⁸².

⁸² DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 331, 332.

Dentro de um contexto urbano, por meio do confronto com a dor da suspensão, a pessoa passa a ter maior visibilidade no grupo e, conseqüentemente, a se sentir mais capaz e a acreditar nos seus próprios potenciais, conforme comenta A2: “Dói muito mais do que o *piercing*. A dor vai aumentando, chega um ponto que você sai do chão e vem aquela dor por todo o seu corpo”..... “eu acho incrível porque você fica sem apoio, parece que ta voando. Eu sempre peço para me balançarem... você está pendurado, parece que está com uma asa... quanto mais balança vai aliviando até que não sente mais dor, você consegue ver a dor abaixo de você, olhando pra você. Depois você passa a ver que a dor não existe, isso é uma descoberta indescritível, que a gente não sabe nem descrever. Tudo isto que a gente vê aqui é horroroso, mas eu consegui superara a dor, então o seu ego...você se sente mais do que todo mundo que está aí. Para mim foi muito importante”..... “o pessoal adorou, quando eu tava lá em cima, eles gritavam, batiam palma, foi uma emoção! Depois o povo ficou atrás de mim pra saber o que eu tinha sentido. Onde eu chego, tem gente que me pergunta. Eu acho que eles acharam o máximo e com certeza muitos vão querer fazer porque viram que qualquer pessoa é capaz e notaram que eu fiquei nas nuvens... há tu tens que fazer, é bom demais!!!”.

O rito funciona como um instrumento capaz de proporcionar uma integração pela reconstrução do sujeito, de suas potencialidades, de seu valor. A partir da credibilidade do grupo vem o respeito por si mesmo, um descobrimento da própria confiança e das possibilidades. No momento em que os indivíduos estão juntos partilhando das mesmas crenças, a consciência se modifica. A parcela de ser social participa dessa renovação coletiva e a parte individual se regenera, se sente mais fortalecida. É na vida em grupo que tais representações se formam e atingem o máximo de intensidade no momento em que as pessoas estão interagindo uns com os outros (DURKHEIM, 2003).

Como se pode constatar, os ritos outrora praticados e com outros significados culturais estão se difundindo nos grandes centros urbanos e encontrando uma expansão notável. Influenciado pelo pensamento durkhemineano, segundo Marfessolli (1987) o ressurgimento de certas práticas é uma maneira de expressão de solidariedade. A emoção coletiva torna os indivíduos solidários uns com os outros e, uma das características dessa ligação afetiva é o desenvolvimento de rituais, cuja função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. Para o autor, quando nos identificamos com uma atividade em grupo experimentamos com prazer os seus rituais,

sendo das satisfações com os resultados obtidos e na participação dos mesmos que sentimos prazer.

Já na visão de Martine Segalen (2005), os ritos não morrem na modernidade, mas se recriam a partir de performances que se distinguem das sociedades tradicionais, por não estarem associadas ao carácter religioso. Os ritos contemporâneos, tais como as mutilações do corpo, em que o centro é a dor física podem pertencer à mesma ideia de sacrifício, mas contrariamente aos grandes ritos africanos, esses ritos falam pouco sobre si mesmo.

(...) São ações que não reivindicam um pensamento religioso, uma relação com o sagrado, no entanto, devido às pulsões emotivas que acionam, as formas morfológicas que assumem e a sua capacidade de simbolizar, atribuímos a elas o qualificativo de ritual com todos os efeitos que lhe são associados⁸³.

Partindo desta ideia de performance, no próximo item será analisado o carácter de teatralização da suspensão, que perde algumas características de um rito reservado, compartilhado entre poucas pessoas, para se configurar numa espécie de performance pública, que gira em torno de um corpo que é objeto de intervenções extremas e espetacularizado ante uma platéia.

⁸³ SEGALLEN, M. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: alianza editorial, 2005, p. 91.

Capítulo 8. A espetacularização em carne viva

E o feio trás a tona o horror do real.

Oscar Wilde.

Com o advento da modernidade, novas formas de se entender os significados dos ritos são instaurados nas sociedades complexas, em que estes se destacam do sagrado sem perder sua eficácia. Os ritos sem mitos se multiplicam no cotidiano, na música, dança, esporte e nas performances como manifestações simbólicas presentes nas ações que se caracterizam pelo aspecto lúdico, o jogo interacional e a corporalidade em ação (RIVIÈRE, 1997). Da mesma forma que a suspensão corporal pode ser praticada em locais reservado, como foi analisado no Capítulo anterior, em contextos mais cosmopolitas, são também realizadas em lugares públicos: bares, discotecas, inaugurações de estúdios de modificações corporais, convenções de tatuagens, etc. Em Madri, J. e dois amigos fundaram o grupo *a sangre fria*, com o propósito de se apresentarem e dramatizarem em pleno palco modificações corporais consideradas extremas, assim como algumas suspensões em posições variadas. Durante a representação, diversos conteúdos se combinam: a música, a iluminação, o cenário, a indumentária, a maquiagem, etc. Apesar de se tratarem de ambientes poluídos e sujos, considerados por muitos como inadequados para estas práticas, os adeptos não medem esforços em suas apresentações e fazem o que for necessário para chamar a atenção do público, bem como para chocar, sem se preocuparem com infecções ou possíveis danos corporais.

Assim como num ritual mais reservado, trata-se também de uma manifestação simbólica, por meio do corpo que se diferencia pelo seu caráter público e mais teatralizado, configurando-se enquanto em um tipo de performance. Conforme foi analisado no Capítulo 3, este movimento – o de performance – foi influenciado por tendências vanguardistas que se caracterizavam pela destruição dos princípios convencionais do drama, a partir de um questionamento da natureza dos fenômenos estéticos, em que o corpo passou a ser utilizado como um meio de manifestação artística. Numa suspensão se apela para a emoção dos presentes. Os *performers*

dramatizam os limites do corpo, cortando-o, rasgando-o e perfurando-o em meio a uma platéia cujas reações são as mais variadas possíveis, desde a euforia e excitação, até o horror e o asco provocados por cenas em que a pessoa se defronta com corpos em sua mais real natureza, ou seja, em “carne viva”. Apesar de não ser muito comum a presença de mulheres nos espetáculos, nos momentos em que aparecem costumam atuar seminuas ou com acessórios que evocam as práticas sadomasoquistas. Nos *shows* fazem uso de *corselet* de castigo e praticam os chamados *deportes de sangre* que consistem em fazer feridas, deliberadamente, por meio de cortes, perfurações e chicotadas⁸⁴.

Como se sabe, o ser humano sempre se sentiu atraído pelo deforme. Espetáculos com animais e gladiadores foram, no passado, muito bem freqüentados. A estória de Alypius, contada por Santo Augustinho mostra a fascinação exercida nos jogos dos circos mesmo em homens mais cultos. Alypius prometeu a si mesmo fechar os olhos mediante ao terrível espetáculo e não conseguiu, sentindo-se seduzido como os outros expectadores. (BOULLIER, 1865). Na Idade Média, para ganhar dinheiro, algumas pessoas costumavam exibir publicamente indivíduos com defeitos físicos. Quando ocorria um nascimento monstruoso, alguns pais chegavam a ponto de expor os filhos mortos antes que o cadáver se decompusesse⁸⁵. Muitos se disfarçavam ou infringiam marcas ao corpo de uma vítima, sendo difícil comprovar a autenticidade das deformações, como descreve Bovistauu (apud : DEL RIO PARRA, 2003, 128)⁸⁶:

(...) sé que de ellos hay otra especie, que de unas tierras a otras andan engañando la gente, y es que toman las criaturas cuando son pequeñas y están tiernas como masa, y las desfiguran, cortándoles y torciéndoles los rostros y miembros, e hinchándoles de suerte que parecen monstruos, con los cuales después ganan dineros, enseñándolos como cosa maravillosa. Y acueste embuste no es cosa nueva, porque Hipócrates en su libro de aere & locis dice que en su tiempo había en Asia hombres que cometían semejantes maldades.

Para aludir a uma realidade que não se gosta, a melhor forma é acudir ao deforme, que ao proporcionar o assombro, permite desviar o indivíduo de seu cotidiano. Segundo Bajtin (1974), esta presença foi um dos motivos que influenciou Gargantua e

⁸⁴ Segundo VIGARELLO (2005), O *Corselet* foi por muito tempo um acessório utilizado pelas mulheres para afinar a cintura. No século XX foi proibido por ser considerado um objeto mutilador.

⁸⁵ A palavra “monstro” vem do latim *monstruo* significando *demonstret*.

⁸⁶ DEL RIO PARRA, Elena. **Una era de Monstruos**: representaciones de lo deforme en el siglo de oro español. Navarra: Universidad de Navarra, 2003, p. 128.

Pantagruel, personagens criados por Rabelais em 1532 e em cuja obra seminal, *Pantagruel*, se mostram elementos relacionados com o grotesco. O livro está atravessado de corpos despedaçados, órgãos separados do corpo, excrementos, urinas, morte, nascimento, etc. Segundo Bajtin, o nome Pantagruel não foi inventado por Rabelais e introduzido na literatura anterior por um dos demônios de las diabladas e significava, a afonia que segue ao excesso de bebida.

(...) Lo encontramos por primera vez en la segunda mitad del siglo XVI, en el *Mystère des Actes des Apôtres*, de Sinon Gréban. Propesina, ‘madre de los diablos’, presenta a Lúçifer cuatro ‘diablillos’. Cada uno de ellos personifica a uno de los cuatro elementos: tierra, agua, aire, fuego. Al comparecer ante Lucifer, cada diablillo imita sus actividades en su elemento propio, lo que traza un amplio fresco cósmico de la vida de los diferentes elementos. Pantagruel, uno de los cuatro diablos, encarna el agua. ‘Mejor que un ave de rapiña sobrevuelo los dominios marinos’, afirma. Al decir esto, debe impregnarse de sal marina, pues posee un poder particular; el de atizar la sed. Lucifer dice luego a Pantagruel, no teniendo otra cosa que hacer en la noche, echaba puñados de sal en la garganta de los borrachos⁸⁷.

O personagem está ligado, por um lado a elementos cósmicos (água e sal do mar) e por outro a imagem grotesca do corpo (boca aberta, sede, embriaguês). Segundo Bajtin (1974), Rabelais conservou bem o núcleo tradicional desta figura, pois Pantagruel foi escrito no ano em que o verão foi muito seco e quente a ponto que as pessoas andavam de boca aberta de sede. A França passava por calamidades naturais. Pantagruel era uma réplica jocosa oposta ao clima religioso. As calamidades naturais e a peste despertou na época um sistema de idéias escatológicas e místicas. O nome Pantagruel na etimologia burlesca de Rabelais significa “todo sedento”. A imagem da boca aberta se associa à deglutição e absorção, assim como as de ventre, entranhas. Tudo gira em torno da boca aberta, que é a expressão mais notável do corpo aberto, não fechado. É a porta aberta para os transtornos corporais.

Segundo Ruiz Fernandes (2004), o grotesco como categoria estética não se perfila com certa nitidez, até o século XIX e ainda aparece relacionado ao feio. Vive no campo do marginal. O corpo grotesco é um conceito definido a partir do estudo da tradição carnavalesca, pois seria o momento de uma liberação das ataduras impostas pela religião. O carnavalesco estudado por Bajtin há uma série de elementos

⁸⁷ BAJTIN, Mijail. *La cultura popular en la edad media y renacimiento*. 3. ed. Barcelona: Barral, 1974, p. 293.

carnavalescos que reaparecem: a presença constante do exagero, da degradação, a decomposição orgânica, a relação nascimento-morte, a mistura do corpo humano com traços animais caricaturados, a provocação, blasfêmia, etc. Há uma reivindicação da loucura e da bobagem como alternativa a rotina cotidiana.

A atração pelo disforme é uma válvula de escape, sua presença não é só ameaçante e segundo se demonstra, há a necessidade de mantê-la. Como bem se pode comprovar a curiosidade teratológica não ficou pra trás. Atualmente nos grandes centros urbanos, sobretudo nos Estados Unidos, algumas pessoas estão se dedicando à recuperação dos antigos espetáculos circenses, em que as pessoas tatuadas fazem parte do elenco, juntamente com anões ou gêmeos siameses (ARAÚJO, 2005). Uma das atrações de um desses espetáculos é Enigma, um homem completamente tatuado com formas de peças de quebra cabeça azuis e com implantes na testa que simulam chifres. Sua mulher Katzen, também tem o corpo inteiro tatuado com desenhos imitando pele de tigre e *piercings* no rosto em formato de bigodes. Em meio aos espetáculos, o casal pratica suspensões corporais, Enigma recita poesias, atua como engolidor de espadas, toca guitarra, piano, flauta, entre outros instrumentos. Mediante ao sucesso, ambos têm sido convidado para se apresentar em várias cidades da Europa e Estados Unidos, onde estão rodando um filme⁸⁸. (cf. p. 144).

Assim como Enigma e Katzen, os integrantes do grupo *a sangre fría* passaram a ganhar dinheiro e fama com os espetáculos. Por cada evento se cobrava, segundo J. uma média de 400 € que era dividida entre os *performers*. Além do aspecto financeiro, os integrantes do grupo alcançaram um status importante e se tornaram famosos em toda Espanha e em algumas cidades da Europa, entre pessoas do meio da modificação corporal, por conta de seus espetáculos. Em vista dos desentendimentos entre os integrantes e da prisão de um deles por envolvimento com drogas, o grupo se desfez. J. foi trabalhar em um ateliê no centro de Madrid e, desde então, passou a se apresentar sozinho. Apesar dos espetáculos serem mais simples e os ingressos mais baratos do que na época do grupo, o interlocutor ainda se sente motivado com o que faz, no entanto acha que estes espetáculos não são suficientemente valorizados e reconhecidos na Espanha, se comparados aos Estados Unidos, lugar de referência nessas práticas.

Muitos dos adeptos consideram que é completamente diferente fazer uma suspensão mais reservada por ser um momento em que o indivíduo se defronta com ele

⁸⁸ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Enigma>. Acesso em: 24. mar. 2007.

mesmo, do que para um público grande, pois nesse caso se faz por dinheiro, reconhecimento e divulgação do trabalho, perdendo-se completamente o sentido original. Segundo Paco, depois que a pessoa se torna conhecida e famosa, é muito comum que passe a desempenhar as atividades de forma mecanizada, se importando unicamente com a visibilidade e o reconhecimento do público: “... muitos chegam a se apresentar doidão de morfina pra nem sentir dor. Isso pra mim não vale nada, eu conheço muitos que como eu fazem suspensões, mas eu vou por aqui, eu me corto e fico alucinando, eles não”.

Pode-se dizer que para adquirir um status, o indivíduo incorpora a identidade de um personagem e, assim como um monstro, transforma-se em objeto e mercadoria. Enquanto que na tradição clássica o monstro era a alteridade, atualmente é o próprio homem. O monstruoso não se define por ele mesmo, mas por contradição, pela transgressão da norma e do padrão. Na medida em que se espetacularizam os limites corporais, o sangue, a pele dilacerada e rasgada, se transgride um padrão. Segundo Mary Douglas (1978), aquilo que está fora da ordem para os ocidentais é símbolo de perigo, já que pode confundir os sistemas classificatórios. Aquilo que não pode com clareza ser classificado segundo os critérios tradicionais ou se situar entre fronteiras é muitas vezes considerado “contaminador” ou “perigoso”.

(...) Todas as margens são perigosas. Se são empurradas desta ou daquela maneira, a forma da experiência fundamental é alterada. Qualquer estrutura de idéias é vulnerável em suas margens. Deveríamos esperar que os orifícios do corpo simbolizassem seus pontos especialmente vulneráveis. O que sai deles é material marginal da mais óbvia espécie. Saliva, sangue, leite, urina, fezes ou lágrimas, atravessaram pela simples saída física, o limite do corpo. Assim também as coberturas do corpo, a pele, a unha, mechas de cabelo e o suor. O erro consiste em tratar as margens corporais isoladamente de todas as outras. Não há razão para atribuir qualquer primazia à atitude do indivíduo com relação a sua experiência física e emocional, mais do que a sua experiência social e cultural. Esta é a chave que explica a irregularidade com que diferentes aspectos do corpo são tratados nos rituais do mundo⁸⁹.

⁸⁹ DOUGLAS, M. **Símbolos naturales**: exploraciones en cosmología. Madrid: Alianza, 1978, p. 149, 150.

O *performer* mostra os limites, as margens corporais, indo de encontro a uma imagem que a sociedade cultua. Na mídia não são mostrados corpos defeituosos e quando ocorre são em programas de sensacionalismo. A transformação digital em vídeo tem sido utilizada em campanhas publicitárias para realçar as características mais bonitas das pessoas e amenizar os traços que não sintonizam bem no conjunto. A civilização ocidental sempre associou o corpo à plenitude, unidade, coerência e poder. A perfeição é da ordem da forma, da unidade, da regularidade e da proporção, contrastando com o disforme, considerado grotesco e excessivo. Apesar do horror ao que não se configurar enquanto padrão estético da maioria, pode-se afirmar que o monstruoso é humanizador, pois ao se deparar com ele, necessariamente, o expectador é obrigado a pensar a respeito da sua própria condição de ser humano, mortal. Na excitação e agitação do corpo do outro o indivíduo tende a se defrontar com a própria dor. Os monstros espelham a precariedade da vida humana, refletindo as próprias inseguranças.

(...) La fealdad, por ejemplo, tiene su efecto primero y principal en situaciones sociales, amenazando el placer que, de lo contrario, podíamos sentir en compañía de quien posee ese atributo. Percibimos, sin embargo, que esta característica no debe tener ningún efecto sobre su idoneidad para realizar tareas solitarias, aunque claro está, establecemos esta discriminación en perjuicio de dicho individuo simplemente por los sentimientos que nos produce mirarlo⁹⁰.

Mas não se trata simplesmente de um espelhamento do real. São nestes momentos marginais, liminares ou de transição que, segundo Victor Turner (1974), se manifestam elementos essenciais para se compreender uma sociedade, sendo aí que as tensões são desveladas e que a cultura se mostra. Como se sabe, as características do sujeito ritual são ambíguas. Durante o período liminar os neófitos se encontram em “outro lugar”. Tem uma “realidade física” mas não social, daí a necessidade de permanecerem escondidos, pois seria um escândalo, ter a vista o que não deveria ter existência.⁹¹

Victor Turner (1982) utilizou a teoria da performance como instrumento analítico de culturas, enfatizando as experiências que ocorrem no comportamento do indivíduo pelos gestos, dança, canto, prece, como formas de expressão dessa

⁹⁰ GOFFMAN, E. **Estigma**: La identidad deteriorada. Buenos Aires: Amorrotu, 2001, p. 65.

⁹¹ Palavra derivada do latim, *limen*, *umbral*, lugar que não se está nem dentro nem fora.

experiência. Segundo o autor, os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo, os homens expressam aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. A presença do rito numa sociedade é interpretada como o índice de uma contradição estrutural que a organização não é capaz de resolver com regras e processos políticos. A eficácia depende da dramatização ou representação de um conflito empírico, sendo eficaz quando permite que o conflito seja esclarecido, tornando público o que é privado, oculto. Como assinala:

(...) À medida que nos tornávamos cada vez mais parte do cenário da aldeia descobrimos que com grande frequência as decisões de executar o ritual estavam relacionados com crises na vida social das aldeias... Aqui lembrarei apenas que, entre os ndembu, existe uma conexão estreita entre conflito social e ritual, nos níveis de aldeia e 'vizinhança', e que a multiplicidade de situações de conflito está correlacionada com uma alta frequência de execuções rituais.⁹²

Pode-se dizer que a abordagem de Victor Turner é especialmente propícia para análise da experiência da suspensão tanto como um rito reservado quanto num contexto público. Assim como um ato dramático apresentado por adeptos a essa prática, uma antropologia feita à moda de Victor Turner observa a sociedade a partir de suas margens; margens estas em que se mostra a falta de acabamento, dirigindo-se aos resíduos, rupturas, interrupções e coisas não resolvidas da vida social. Victor Turner mostra como os símbolos são capazes de unificar grupos, articulando diferenças e parcialmente resolvendo tensões sociais, surgem com força em momentos de liminaridade e interrupção do cotidiano. Mas o que chama atenção no caso dos práticos das suspensões são essas montagens carregadas de tensões. O palco é uma superfície onde se projetam signos, um espaço de transformações. Ir além de si mesmo, ultrapassar limites, descobrir limites, se ultrapassar, provar a si mesmo que se pode fazer, são as propostas dos atores, as quais, segundo o autor acima citado, representam uma forma de

⁹² ITURNER, V. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-Estrutura. Petrópoles: Vozes, 1974, p. 24.

afrontar a si mesmo, frente a um público que valoriza tal espetáculo íntimo. Encontrar uma fronteira física onde os limites simbólicos são falhos, traçar em si mesmo um conteúdo para sentir-se, enfim, existente. Ir ao limite de si passa a ter um sentido pleno.

Em palcos, a performance é vivida, possivelmente, como uma manifestação estética. De acordo com Victor Turner, os palcos surgem como momentos extraordinários, como momentos de loucura que se contrapõem ao cotidiano. Mas, no caso dos adeptos e dos práticos, esses instantes muitas vezes fazem parte do trabalho, ocorrem nos próprios estúdios de tatuagem. Não se trata, simplesmente, de uma loucura que se contrapõe à normalidade do cotidiano, o próprio dia-a-dia está relacionado com essas atividades. Uma etnografia em estúdios de tatuagens ou palcos armados para uma teatralização, sugere a possibilidade de que o cotidiano de certos grupos, tal como o dos práticos e adeptos de alguns tipos de intervenções no corpo, apresente os traços de um estado performático. Se Turner leva a entender a vida social a partir dos momentos de suspensão dos papéis, seria difícil imaginar um caso em que esse princípio metodológico seja mais relevante do que o dos *performers* (TURNER, 1987, 81).

Com essa noção de performance, fica longe a visão de que os rituais são seqüências de ações que deviam ser reproduzidas e que alguns tomaram como vestígio do passado, sobrevivências. O campo ritual passa a ser entendido como um espaço de tensão social e cultural, de criatividade e plasticidade, ao invés de estabilidade e manutenção de uma ordem. Processo ativo e dinâmico que cobre de sentido os fatos da vida social, como os processos de elaboração de um texto ou de uma dramatização que dão sentido às histórias que se quer contar e interpretar.

A partir desse recorrido pelos rituais de suspensão corporal e suas modalidades, no próximo Capítulo será analisada a experiência de Paco que, como muitos outros interlocutores desta pesquisa, vêm fazendo do corpo um objeto de intervenções variadas que tanto implicam em experiências subjetivas quanto repercutem na sua identidade e estilo de vida.

Casal que se apresenta em performances nos Estados Unidos e Europa
(acervo: http://en.Wikipedia.org/wiki/The_Enigma)



fig. 1 Enigma e Kartzen

Capítulo 9. “O galo decapitado”: a estória de Paco

Paco é um jovem espanhol de 20 anos que há cerca de dois vem investindo no ofício de *piercer* e de modificador corporal. Desde então tem transformado progressivamente sua aparência com tatuagens, *piercings*, escarificações e implantes, que são para ele signos de estética. Mas além disso, o interlocutor também tem realizado algumas intervenções em seu corpo com o objetivo de controlar seus pensamentos. Para compreender tais nuances, serão analisados fragmentos da estória de Paco, que parecem ter uma representação bastante significativa na relação que ele estabeleceu com seu corpo e com seu estilo de vida.

O interlocutor falava de si através dos seus signos corporais, sendo por meio de tatuagens, *piercings* e escarificações que a pesquisadora teve acesso à intimidade desse jovem. Se identificando, certa vez, pela *Internet* como “*el gallo decaptado*” (o galo decapitado), narra a seguinte estória: “... o galo decapitado continuou correndo ao redor da forca fazendo um círculo de sangue fresco”..... “A forca é um pau com uma corda onde as pessoas são penduradas até morrer, te colocam a corda no pescoço e te penduram. Na forca tem um homem morto com o pescoço quebrado e com a cara roxa e ao redor tem um galo correndo sem cabeça e do pescoço jorra sangue e, como o galo corre em círculo em volta da forca, forma-se um círculo de sangue vermelho em cima da neve branca”. Por meio desta narrativa aparentemente desconexa, Paco recorre às lembranças de infância das matanças de galos e perus que eram realizadas na fazenda do seu pai e que, em algumas ocasiões, era ele (Paco) quem sustentava os animais para serem degolados. Não consegue apagar de sua memória a cena em que as aves corriam sem cabeça e jorravam sangue pelo pescoço até caírem mortas no chão.

Como a grande maioria dos interlocutores, Paco também não falava de sua vida. Do pouco que conseguiu verbalizar conta que seu pai era um homem agressivo, que bebia muito e nunca estava em casa, quando estava sempre batia nele e nos irmãos. Também tem como recordação da infância uma família materna que sofria de problemas mentais, os quais já lhe chamavam muito a atenção desde pequeno, conforme comenta: “... por que pela parte da minha mãe, meu avô era esquizofrênico, são seis irmãs que são esquizofrênicas também... minha mãe já teve problemas de depressão, outra tia minha também, então desde pequeno...”. Dos três irmãos, Paco foi o mais inquieto e nunca gostou de estudar. Mesmo tendo sido levado a um psicólogo, abandonou completamente a escola.

Saiu de casa ainda na adolescência vivenciando muita coisa na rua. Contato com drogas, sexo e violência deixaram seqüelas que prefere não relembrar. Como a maioria dos jovens, gostava muito de sair e se divertir. Para conseguir dinheiro, vendia drogas em pleno centro de Madri. Inserido em um contexto considerado perigoso, comercializava com haxixe, cocaína e êxtase. Vendia nas ruas principalmente às prostitutas e aos travestis, assim como também costumava negociar dentro de discotecas. Nesta época também consumia bastante; pela manhã o haxixe o acalmava, à noite, cocaína e comprimidos o ajudavam a suportar o ritmo de vida frenético que levava. Paco diz que o perigo e o risco estiveram muito presentes em sua vida, não sabe como ainda está vivo depois de tantos incidentes e acidentes, muitos dos quais não consegue recordar ou prefere não falar: “... minha vida sempre foi muito louca,... pois não sei, me atropelaram, tive acidente de carro... sempre estive por aí, perdido fazendo coisas más... eu vou tatuar na perna a morte japonesa, a dama com a foice, sabes como se representa a morte? Um esqueleto com uma túnica negra e uma foice, sabe a típica morte, mas assim numa adaptação japonesa, porque a morte nos acompanha sempre, está toda a vida conosco, até que... diretamente nos abate, desde pequeno sempre morre pessoas a sua volta, até que chega o fim da tua vida que é tua própria morte, mas sempre está contigo”.

Dentro desta rede de comerciantes de drogas, alguns conhecidos de Paco foram presos e um dos seus companheiros encontrado morto num matagal. Após estes episódios, o interlocutor passou a se sentir triste e perseguido, a olhar para trás enquanto caminhava nas ruas com medo de que alguém o estivesse seguindo. Além do amigo, por problemas de bebida, Paco também perdeu seu pai, cujas cinzas foram enterradas na mesma fazenda onde se matavam os galos e os perus. Depois deste episódio, Paco tatuou por trás de um dos ombros uma árvore seca, sem folhas, que segundo ele representa o genitor que, à semelhança da árvore, não pode mais dar frutos, pois está sem vida. (cf. p. 152).

M2, um dos seus clientes e também *piercer*, percebendo a situação que Paco se encontrava, propôs ensiná-lo a perfurar com a condição de que ele deixasse a venda de drogas. Aceitando a proposta, o interlocutor passou a acompanhá-lo no estúdio de tatuagens e *piercings*, primeiramente só observando. Aos poucos foi descobrindo que sentia atração e talento para este tipo de trabalho, fazendo dele o centro de sua vida. Com o tempo passou a ler e a se interessar por tudo o que se relacionasse com o corpo, pele e anatomia. À medida que foi estabelecendo uma rede de contatos nesse meio,

passou a trabalhar em estúdios, tanto no centro de Madri quanto nas redondezas, reconhecendo-se desde então como *anillador*⁹³. Para conseguir trabalhar bem, o interlocutor tem evitado o consumo abusivo de drogas e algumas saídas à noite. Mais controlado, sente-se muito mais responsável que na época em que ainda não fazia parte deste universo. Apesar de ainda vender haxixe e fazer uso desta droga, parece ter encontrado nos *piercings* uma maneira saudável de dar sentido à sua vida. Além de ser seu meio de sustento econômico, a modificação corporal passou a representar para Paco um estilo de vida, comentando a esse respeito: “Eu antes não trabalhava, trabalhava em discotecas até tarde e, desde que comecei a colocar *piercing* que eu me tranqüilizei bastante, parei de sair mais, comecei a encontrar trabalho, não sei passei a conhecer muita gente, mas principalmente é que é muito interessante... eu gosto muito de aprender, sabe e, no *piercing*, na escarificação sobretudo tem muita coisa pra aprender”..... “Porque todo mundo é diferente, cada tipo de pele é diferente e qualquer mínimo detalhe pode melhorar ou piorar. Eu antes dos *piercings* tinha uma vida irresponsável... Saindo de festa o tempo todo (risos)... e mais. Depois eu tive que ter mais responsabilidade, eu tinha que está na loja todos os dias, então tinha que ter mais controle sobre minha vida”.

Há cerca de um ano Paco tem regularmente se submetido a algumas suspensões corporais e também vem investindo em técnicas mais radicais, principalmente no que concerne aos implantes e às escarificações. Na medida em que o interlocutor tem se aprofundando nessas práticas, vem descobrindo o quanto o ato da perfuração corporal, seja nele mesmo ou em terceiros, o acalma e o tranqüiliza. Sem entender, passou a sentir muitas vezes necessidade de furar seu próprio corpo, sobretudo nos momentos em que se sente ansioso ou frustrado. Conta por exemplo, que certa vez foi abandonado por uma ex namorada com quem tinha muita confiança: “Quando eu e L. nos separamos, senti vontade de me perfurar o tempo todo, era um desespero. Furei meu rosto e os meus dois mamilos... também retirei alguns *piercings* do meu corpo”. Paco foi se dando conta de que por meio deste ato conseguia controlar sua mente, como ele mesmo explica: “... cada vez que me escarifico, cada vez que faço um *piercing*, eu me coloco a prova, conheço minha mente um pouco melhor, até onde eu posso chegar, até onde não, cada vez posso me controlar um pouco mais. Em cada escarificação feita eu vou notando, na verdade são sensações super estranhas pela descarga de adrenalina... eu fico

⁹³ “Anillador”, sinônimo de *piercer* na língua espanhola.

muito estranho, eu me sinto muito bem. Eu fico feliz, é como fazer *pointing*, acabas viciando, cada tempo tens que fazer uma”.

As tatuagens, os *piercings*, as escarificações, as suspensões corporais, etc., passaram a ter um significado bastante importante para o interlocutor que tem se sentido cada vez mais estimulado em praticá-las. Nos momentos em que está cortando a pele se concentra bastante naquele ato que envolve ao mesmo tempo muita adrenalina, pois qualquer erro pode ser muito perigoso: “Tem gente que coloca anestésico, usa comprimidos, agüenta... eu não. Busco o resultado final, gosto muito, mas sobretudo isso sabe, é como me colocar em prova, eu sempre necessito me colocar a prova, porque quanto mais vou aprendendo das reações do corpo, vou dando conta, cada vez mais que a dor... que não existe, que tu crias sozinho, se tua cabeça não cria, não existe dor”. A cada vez que Paco se submete a uma intervenção, tem vontade de ir mais além, testando aos poucos seus limites. Seja por meio de escarificações ou de outras práticas, vai simultaneamente mudando a aparência assim como experimentando novas sensações, fazendo do seu corpo um veículo de experiências estéticas e subjetivas. (cf. p. 153, 154, 155).

Paco, que se define como uma “pessoa completamente louca”, fala do seu comportamento de forma natural, como algo normal, no entanto associa a relação que estabeleceu com seu corpo, de cortá-lo e perfurá-lo, com a doença mental da família materna. Identificado a uma mãe que é diagnosticada esquizofrênica, Paco diz: “Minha mãe me contou uma estória há pouco tempo que meus irmãos não sabem nada. Eu estava falando com ela da escarificação, estava tentando fazer com que ela compreendesse e, em determinado momento ela me disse: ‘te entendo perfeitamente’, e foi quando me contou essa história (refere a um internamento da genitora em um hospital psiquiátrico, durante um surto de esquizofrenia). O que faço eu, minha mãe vem fazendo há 30 anos, só que eu me controlo para perfurar meu corpo, minha mãe se controlava para não ter ataques”..... “... bom, ela vê minha perna e se choca com as fotos de coisas que eu faço e ela não gosta porque sou seu filho, porque não gosta disto de cortar, de agulhar e que maltrate meu corpo, mas entende perfeitamente e respeita muito agora.”..... “...sim que teve muitas frustrações, decepções, e disse que quando tinha isto, de repente começava a ver coisas estranhas, disse que quando começava a ver coisas estranhas, começava a se acalmar, ela sozinha e começava a pensar naquilo... a se tranquilizar e sempre passava. Eu sou igual a minha mãe. Eu acho que ela é também esquizofrênica, como

minha tia. Ela via coisas e foi internada. Você sabe, esquizofrenia pode está na genética. Então quando eu me corto ou me perfuro eu também aprendo a controlar minha cabeça”..... “Mas eu não sabia que isto tinha acontecido com minha mãe”..... “a escarificação, a primeira que eu fiz faz um ano e isso, minha mãe me contou, faz um mês, um dia estávamos conversando, eu tava mostrando minhas coisas..., e ela me contou...”.

Tendo como modelos de referências um pai que morre de alcoolismo e uma mãe fragilizada por uma doença mental, Paco parece buscar em si mesmo, no próprio corpo um limite. Segundo Georges Bataille (1973), o gozo pela dor é uma maneira de escapar ao sentimento de incompletude, pois neste momento há um desligamento momentâneo da realidade em que o corpo se torna um meio para a busca de prazer que, por sua vez, se converte em gozo. O autor estabelece uma analogia entre estes fenômenos da contemporaneidade com a experiência mística e, segundo ele, o gozo ou o êxtase funcionam num ambiente religioso, podendo ter conseqüências mais complexas nos casos em que estão fora de contexto. “Lo que habitualmente se llama experiencia mística: los estados de éxtasis, de arrobamiento, cuando menos de emoción meditada⁹⁴”. Nos êxtases místicos se ascende, se transcende a condição humana e se chega a um estado de perfeição através da união com Deus. Santa Tereza de Ávila no século XVI se tornou conhecida por seus atos de mortificações corporais. Muito devota e fascinada pelos santos penitentes, tanto se castigava quanto ordenava que suas seguidoras se exercitassem em atos de martírio, com o objetivo de domar as paixões castigando o próprio corpo. Por meio desses atos e de oração contemplativa também atingia episódios de êxtases nos quais referia ter contato com santos através da transcendência a um plano divino. Dentro do contexto das pessoas que se suspendem, é muito comum encontrar aquelas que buscam alcançar sensações semelhantes a um transe. Os líderes religiosos para afirmarem sua autoridade muitas vezes recorriam ao êxtase, alguns eram inclusive incentivados por influências populares da época e da cultura. Apesar do cristianismo ortodoxo ter procurado diminuir as interpretações místicas do transe que foram muitas vezes atribuídos ao diabo e tratados com exorcismo, algumas culturas ainda costumam acolher com muito respeito a pessoa que está em estado de êxtase, sendo por meio deste ato que se adquire status, respeito e visibilidade, a exemplo dos líderes carismáticos, como sacerdotes ou xamãs.

⁹⁴ BATAILLE, G. **La experiencia interior**. Madrid: Taurus, 1973, p. 13.

Segundo Bataille, a experiência não tem seu princípio em um dogma, nem na ciência. Não pode ter outra preocupação nem outro fim que ela mesma. Por não ser demonstrável logicamente, o conhecimento científico não dá conta. (cf. p. 156).

O ser humano cria símbolos conscientes para expressar conceitos que muitas vezes são de ordem inconsciente. O símbolo ocupa uma função de substituto, uma solução de satisfação na medida em que substitui um conflito ou um desejo. Expressa o mundo percebido e vivido tal como experimenta o sujeito, não somente em função de sua razão crítica e sua consciência, mas segundo todo seu psiquismo (JEAN CHEVALIER, 1988). Através do signo tatuado Paco estabelece a representação do genitor, dizendo: “Meu pai morreu há cinco anos... Sua última vontade foi que suas cinzas levássemos para sua fazenda e repartíssemos aí, então levamos as cinzas e jogamos em uma árvore que ele havia plantado há 25 anos, essa árvore que eu me tatuei. Tu não vês que está seca a árvore que levo? Está morta, por isso... meu pai está morto também.”..... “... porque as árvores também representam vida eterna. Uma árvore quando morre, a cortiça cai no solo, apodrece e isso é bom para a terra, se enriquece. As árvores nunca morrem de verdade, por que... uma maçã que cai de uma árvore, morre, apodrece, mas a terra volta a absorvê-la e então volta a sair. As árvores morrem, mas a terra volta a filtrar para dar vida a outra planta, então sempre estão vivas”..... “... isso tem um duplo significado (refere-se à tatuagem), por isso, e na verdade eu levo esta tatuagem, porque enquanto eu estiver vivo, meu pai vai continuar vivo também...não sei, vai viver na memória...”.

Destacando o papel dos desejos inconscientes que estão presentes nos símbolos rituais, Turner (1980) considera que no rito há tanto conteúdos sociológicos quanto psicológicos, como experiências infantis. A escolha pela marca no corpo, assim como os motivos, muitas vezes atestam um simbolismo que se relaciona a momentos importantes, recordações e passagens, ou seja, contam a história de vida do portador. Tatuado o corpo tem uma conotação de prazer associado à imagem delineada, que por sua vez pode tornar público os eventos privados e subjetivos. No caso de Paco não se trata simplesmente de marcar a pele, mas de contar uma trajetória e evocar a memória, suprimir uma falta para se constituir enquanto sujeito.

A estória do “galo decapitado” é bastante simbólica e serve de metáfora para estes novos ritos da contemporaneidade. Assim como o galo que é degolado, o corpo é “mutilado”. O homem pendurado na forca com o pescoço quebrado e a cara roxa pode simbolizar o Pai que assim como Paco, se pendura, no entanto morre e o deixa vagando

sem rumo, rodando em círculos como os perus que perdem a cabeça e jorram sangue do corpo. Para se constituir enquanto sujeito, o indivíduo precisa de interditos, reclusões, ritos e leis que estão vinculadas aos códigos socioculturais. Se ele não ritualiza nos momentos adequados, vai buscar alguma forma que possa dar-lhe alguma segurança, já que poderá encontrar-se perdido, vagando sem direção. Na medida em que não se ritualiza as passagens, a pessoa não se localiza frente ao seu contexto e passa a ultrapassar as barreiras das regras e interdições, inclusive ritualizando a seu modo, numa tentativa de se enquadrar ou criar uma identidade. O universo da modificação corporal está dando um sentido à vida de Paco; além de ser seu meio de sustento econômico, é por meio dela que se o interlocutor vem sendo reconhecido como “profissional” e, além disso é a maneira que ele tem encontrado para se expressar, se conhecer, criar uma identidade, bem como controlar sua mente e dar vazão aos seus conflitos mais íntimos. Paco se constitui em meio a uma estética e, além disso, tem nos seus *piercings*, tatuagens, escarificações, etc., uma forma de expressão e canalização de sentimentos.

Partindo do princípio de que as intervenções corporais, em alguns dos casos, têm uma conotação subjetiva, no próximo capítulo serão também analisadas as relações sociais e estilos de vida que envolvem alguns dos atores contemplados nesta pesquisa

Imagens de Paco
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 Paco na cabine de *piercings*
atelier personalizado – Madri



fig. 2 Árvore seca que representa o pai de Paco



fig. 3 suspensão corporal secreta
Paco com dois amigos - Madri



fig. 4 Paco se auto escarificando



fig. 5 implante genital em Paco por um modificador corporal venezuelano que estava em Madri.



fig. 6 implante genital em Paco



fig. 7 Paco sendo escarificado por M2.



fig. 8 Escarificação cicatrizada na perna de Paco.

O êxtase de Santa Teresa (1645-1652)

Benini. Obra confeccionada em Mármore branco. Localizada na Capela Cornaro da igreja de Santa Maria da Victoria- Roma.



Capítulo 10. Relações sociais e estilo de vida

Assim como no caso de Paco analisado no capítulo anterior, na contemporaneidade se pode presenciar cada vez mais indivíduos que estão provocando intervenções em seus corpos com finalidades diversas. Em vista do crescimento do número de adeptos às práticas de modificações corporais, alguns movimentos se formaram, como foi o caso do *Modern primitivism*, cujo propósito, por parte dos adeptos, é a colagem de práticas advindas de culturas tradicionais com outras dentro de um contexto urbano (KLEESE, 2000). Fakir Musafar, seu fundador, desde jovem modifica a aparência tendo como objetivo provocar prazer e poder chegar ao estado de êxtase através de diversos exercícios. (cf. p. 162). Segundo Le Breton (2004), trata-se de uma incansável exploração das possibilidades do corpo. A dor não o afeta porque ele controla através de uma disciplina mental. Graças a estes momentos em que se liberta do trivial, vive momentos de consciência alterada.

(...) fura o nariz, as orelhas, os mamilos, enfia agulhas no corpo. Entrega-se a práticas de constrição com corpetes, cintos, laços, cadeias, choques elétricos. Faz experiências de privação do sono, de alimentos, etc. Cobre integralmente seu corpo com uma pintura dourada que impede a respiração tegumentar; com anzóis prende no peito objetos pesados, aplica cargas aos piercings, submete-se com todo o conhecimento de causa a uma operação que alonga seu pênis graças a pesos que aí fixa, aceita assim perder a sua faculdade de gerar e vive outras formas de sexualidade com a sua companheira. Carrega usualmente uma pesada estrutura de metal copiadas dos discípulos hindus de Shiva, constituída por uma série de longas pontas de metal que penetravam o seu corpo e formavam uma espécie de leque a sua volta. Suspende-se por ganchos fixados no peito ou em todo o corpo, deita-se em leitos de lâminas de barbear ou de alfinetes, etc⁹⁵.

Contrariamente às sociedades tradicionais, a preocupação principal dos adeptos deste movimento é com a dimensão estética e a sensação pessoal. Os contextos “primitivos” são evocados unicamente pelas práticas de modificação corporal não havendo um real conhecimento de seus significados originais. O “primitivismo moderno” encena uma apropriação de práticas revistas e resignificadas por atores

⁹⁵LE BRETON, D. **Sinais de identidade**. tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 243.

sociais que estão mais voltados para criarem uma identidade estética do que fazer uma crítica da condição de existência. A sua cultura é transformada em tatuagens, em escarificações ou em performances sem preocupações do que significavam estes passos na sua cosmologia. O sincretismo cultural, a flutuação geral dos sinais permitem gravar na pele numerosos estilos, uma vez que apenas importa a beleza e a ornamentação, não o seu significado cultural ou uma busca pela eficácia simbólica.

Os ritos e modificações corporais praticados num contexto urbano adquirem outros sentidos na medida em que não se estabelece enquanto um ritual religioso. Mas apesar das diferenças existem alguns pontos em comum; tanto nos contextos tradicionais quanto modernos há uma importância coletiva. No momento em que o grupo compartilha do ritual, algumas pessoas podem sofrer os seus efeitos. Ao mesmo tempo, não deixa de ter uma eficácia individual, já que funciona para algumas pessoas como um dispositivo que serve para dar vazão aos conflitos pessoais. Como a sociedade não estabelece limites, alguns fenômenos acontecem para que o indivíduo crie rituais pessoais ou vá em busca de referências em outras culturas, onde parece haver uma maior tradição e valorização de práticas que se constituem para dar um sentido à existência das pessoas que delas compartilham. No contexto de alguns dos atores sociais contemplados na pesquisa, o que parece está em jogo é a busca por sensações assim como a adesão a um tipo de estética. Na opinião do *piercer*, adepto às suspensões e modificador corporal V., o que está levando as pessoas a praticarem suspensões, escarificações ou implantes é a necessidade de serem vistas, olhadas e reconhecidas, como se dá com uma tatuagem ou um *piercing*, a diferença, segundo ele, é que estas práticas são novidades e têm atraído àquelas pessoas que buscam algo mais original que a própria *tattoo*, colocando a esse respeito: “... todo ato do ser humano é voltado para a visibilidade, o eu existo”..... “... as pessoas que fazem trabalhos mais extremos de agressividade até os mais simples são pelos mesmos motivos: visibilidade”..... “... os alargamentos que a gente faz hoje em dia, o de orelha, coisas trazidas pelos índios, então só os índios tinham aquilo dali, daqui a um tempo, tá todo mundo aumentando o lábio, não tem índio aumentando o lábio? Então a sociedade vai querer também!!! Pra vê se fica bonito não! Pra vê se chama mais a atenção da sociedade”..... “... eu faço pela beleza, eu achei que ficava estético, não bonito, mas estético. Estético pra mim é uma coisa e bonito é outra. Se eu pudesse eu ampliava o canino. Eu já vi implante do cara botar de uma vez cinco bolas na cabeça, pô eu achei interessante aquilo ali, ficou parecendo um E. T.”.

Como se pode perceber, trata-se de um tipo de estética que chama a atenção porque quebra completamente com os padrões sociais de beleza da contemporaneidade. Mas como foi visto no discurso de V., não é a beleza que se busca, a intenção daquele que faz a sua opção estética é se diferenciar. Como se sabe, há um forte controle da sociedade que estabelece que uma boa ordem social indica que o diferente deve ficar às margens, pois quanto mais se estigmatizam os diferentes, mais se reafirmam os normais. As pessoas que fazem a opção por estas intervenções extremas são muitas vezes discriminadas por quebrar completamente com alguns padrões ocidentais, permanecendo nas margens sociais, vinculadas a grupos *undergrouds* e, em certos casos, a meios artísticos. Segundo alguns indivíduos entrevistados o preconceito se dá principalmente pelo fato de não aderirem aos modelos de beleza contemporâneos, já que fazem a opção por um tipo de estética “às avessas”, sobretudo no caso daqueles que optam por intervenções mais extremas que são visíveis como as escarificações, os implantes, etc.

Conforme foi visto ao longo do trabalho, no ocidente o ato de marcar o corpo esteve por muito tempo associado à primitividade, delinquência e doença mental e, contrariamente a outras culturas, foram utilizadas como maneiras de chamar a atenção de homens e mulheres destituídos de alguns direitos, como os escravos. Na contemporaneidade, em alguns contextos, ainda se marginalizam as pessoas que não possuem determinados atributos físicos; vive-se numa época em que a imagem corporal tem uma primazia que sobre passa o próprio sujeito enquanto ser humano, como coloca A1: “... existe muito preconceito... p... é só você tá na rua, aí passar gente e segurar a bolsa. Já passamos muito por isso, tá num ônibus, não querem sentar do lado quando tem um lugar sobrando, a pessoa fica em pé, não senta”..... “eu não tenho problema com isso não, nenhum. Eu acho engraçado porque a falta de informação é tão grande que a pessoa fica com medo. É engraçado chegar uma mulher e segurar a bolsa achando que você vai roubar, mas é bom saber que ela não sabe o preço de um *piercing*, porque se soubesse não fazia isso. Pra você ter o *piercing*, primeiro você tem que ter dinheiro pra fazer. Até essa coisa de marginal, p... do marginal tem que ter uma grana massa viu pra encher a cara de *piercing*”.

A pesar de já haver atualmente uma maior aceitação da tatuagem e do *piercing* em alguns contextos ainda há um olhar de estranhamento da sociedade com relação às estéticas que fogem aos padrões sociais vigentes e a um estilo de vida alternativo. Contrariamente ao que se pode imaginar, fazer esse tipo de opção não é fácil, implica

em muita renúncia social. Mesmo entre as pessoas do meio, muitas famílias não aceitam, conforme coloca o tatuador P.:“...a única pessoa que pode ter tatuagem na minha família sou eu porque eu trabalho com isso” “Meu pai que tem uma cabecinha um pouquinho melhor, abriu, expandiu mais a cabeça, liberou!!!! Minha mãe ta liberando também”..... “mas em matéria de ter tatuagem em minha família, só eu, ninguém pode ter”..... “minha irmã tem uma tatuagem, acho que há uns... quase oito anos, meu pai não sabe. Eu fiz e ela disse: ‘não conta não’, ta bom, vou guardar segredo.... meu pai já vê como profissão, minha mãe não”..... “Ela diz: ‘meu filho é lindo, mas se não fosse as tatuagens ainda era mais bonito ainda’ (risos)”.

Alguém que não está conforme os padrões sociais tende a ser estigmatizado e conseqüentemente deixa de ser visto enquanto uma “pessoa total” para ser menosprezada a uma determinada classificação (GOFFMAN, 2001) ⁹⁶. O indivíduo que se tatua ou se fura é ainda discriminada em determinados contextos sociais, já que tais signos inscritos na pele podem todavia ser associados a “irresponsabilidade”, “falta de objetivos”, “uso de drogas”, etc. As pessoas tatuadas são ainda mal vistas em ramos mais conservadores, como empresas privadas. Durante a pesquisa de campo houve relatos de indivíduos que precisaram remover a marca do corpo por pressão dos chefes, sobretudo se a função exige maior contato com o público, como é o caso dos bancos. No entanto há lugares que a tatuagem é algo comum e até bem aceita, como empresas de *Internet* ou agências de publicidade, de moda, etc. Apesar disto, muitos dos atores sociais da pesquisa não pareciam preocupados com isto, mas ao contrário, chegavam a tatuar locais do corpo que seria muito difícil esconder, como foi o caso de A1 que fez em seu antebraço a palavra “luxúria” ou A2 que tatuou um tribal na cabeça.

Ao longo do trabalho de campo foi possível perceber que indivíduos com corpos tatuados, perfurados, cortados e, em certos casos até mesmo mutilados compartilhavam alguns valores que pareciam se integrar a um estilo de vida com muitas características em comum. Apesar de serem grupos distintos, inclusive de países diferentes, se podia perceber que a motivação que os levava a se identificarem era antes de qualquer coisa a estética, que para a maioria era também um estilo de vida. Era ela que movia este

⁹⁶ Segundo GOFFMAN (2003), o estigma se manifesta de três maneiras: a) abominações do corpo; defeitos físicos; b) defeitos de caráter perceptíveis; c) tribais de raça, nação, religião.

universo e, por meio dela se estabelecia uma identidade, tanto a nível individual quanto em grupo. O fato de partilhar um hábito, um estilo de vida, aproximava as pessoas. A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime através de rituais, de signos de reconhecimento específico, cujo fim é fortalecer o pequeno grupo, permitindo resistir à uniformização, favorecendo a cumplicidade.

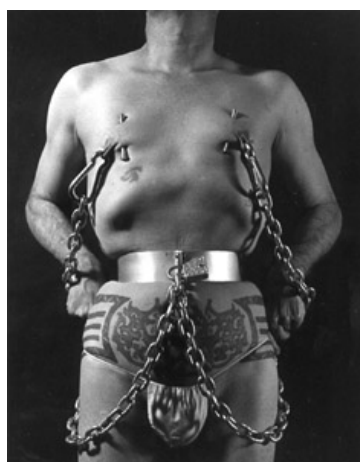
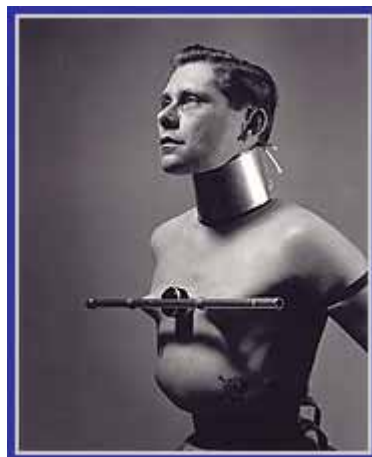
Através de um estilo de vida notadamente orientado por uma estética corporal, estas pessoas costumam circular por meios urbanos cosmopolitas, onde encontram homólogos que compartilham de características em comum, estabelecendo uma rede de contatos temporários, entre técnicos e adeptos das modificações corporais. Assim como a estética, o uso da droga neste universo é uma constante, tanto por homens quanto por mulheres, para algumas pessoas está relacionado com a criação e a inspiração, sendo muitas vezes também um agente facilitador da integração social⁹⁷. Tanto a droga quanto a aparência eram vetores da agregação, meios de experimentar, de sentirem em comum e também de se reconhecerem. Simmel em, a sociedade secreta, fala do papel da máscara, que entre outras funções tem o papel de integrar. O que ele chama de máscara pode ser uma tatuagem, uma cabeleira, roupa ou até um comportamento que subordina a pessoa a essa sociedade a qual ele faz parte. O autor demonstrou que a dimensão afetiva e sensível das relações sociais e seu desenvolvimento nos pequenos grupos, pode ser um fato cultural interessante para a compreensão de certos tipos de comportamentos contemporâneos⁹⁸. Dentro de uma organização interna há uma organização hierárquica dos símbolos que ajudam a representar uma realidade assim como provocam sentimentos de pertença e solidariedade dos membros. Os estudos sobre *gangs* mostram que os sujeitos recorrem abundantemente a simbolismos de participação: ritos de iniciação, gírias, condutas, roupas, etc. Tudo neles toma um aspecto simbólico para afirmar, manter e reforçar a participação dos membros⁹⁹. Como já observou Pierre Bourdieu (1982), é prática corrente que os indivíduos se identifiquem com os seus grupos de referência. A eleição de amigos, namorados, geralmente se faz no mesmo grupo e, no caso dos tatuadores e *piercers*, muitas vezes se dá no próprio local de trabalho, conforme analisado ao longo do Capítulo 2.

⁹⁷ Em Recife costumam fazer uso de bebidas alcoólicas associadas à maconha, em certos casos loló, crack, cocaína e comprimidos. Em Madri, haxixe, bebida, cocaína, êxtase e, em poucos casos, heroína.

⁹⁸ SIMMEL in: MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

⁹⁹ ROCHER, Guy. **Sociologia geral 1**. Lisboa: Editorial presenta, 1971.

Imagens de Fakir Musafar
(acervo: www.faheykleingallery.com/exhibitions/exhibit...)



De acordo com muitos dos relatos coletados durante o trabalho de campo, os relacionamentos afetivos costumam ser passageiros, havendo uma constante mudança de parceiros. Muitas vezes, a descrição se baseia em conteúdos meramente sexuais, como bem ilustra o discurso de B: “... eu sempre fui muito promíscuo. Aos 14 anos comecei a trabalhar e já aos 13 eu já andava com mulheres. Aos 14 foi a primeira vez que andei com mulheres casadas que me pagavam para que eu saísse com elas.”..... “Eu posso está com uma pessoa que eu ame e ao mesmo tempo está com outra. Também posso está com uma porque quero compartilhar algo sexualmente, que seja uma companheira de sexo e isto não quer dizer que não sejamos amigos. Eu gosto muito de sexo”. Das relações amorosas muitas vezes o que fica é a tatuagem no corpo. B., por exemplo, tem desenhado em seu braço uma cena de amor em que a mulher é uma santa e o anjo a abraça, juntamente ao desenho está escrito: *imortal bellowed* (amada imortal). Sobre a imagem comenta: “... isto é a estória de dois amantes que não vão poder estar juntos. Então é uma estátua de um anjo que está chorando e uma mulher abraçando-o e há bastante dor, tristeza, há lágrimas, sangue de dor”. Em outro braço a cena se modifica e a mulher que era santa toma forma de flor e animais peçonhentos, traiçoeiros: cobra, escorpião e aranha, como ele diz: “... é uma rosa, que é a beleza, o charme que tem uma mulher, um escorpião que fura e te mata e isto uma serpente, tem cabeça de serpente porque está aí, esperando para morder, tem mãos de mulheres segurando um coração partido. E patas de aranha porque é comum que estejam tramando algo por aí”. (cf. p. 167).

A tatuagem faz o interlocutor reviver o romance proibido que é retratado num casal em que um anjo abraça uma santa, se configurando numa relação amorosa e sexual impossível, já que o anjo é um ser assexuado e a santa, virgem, ou seja, nenhum dos dois podem consumir relações sexuais. A outra cena, que para ele representa as parceiras que conheceu e lhe fizeram mal está pautada em animais venenosos que podem matar. Mesmo em se tratando de inscrições que evocam a memória do interlocutor para eventos dolorosos segundo ele, são lembranças significativas que fizeram parte de sua estória e que ele marcou com um simbolismo na pele.

A dificuldade em estabelecer relações duradouras por parte dessas pessoas se associa também com a mobilidade que está presente em suas vidas. Em vista dos

constantes deslocamentos, estavam sempre migrando de um grupo para outro. Mudavam com muita frequência, sendo muitas vezes impossível reencontrar alguns, tendo isto dificultado bastante o contato com muitos deles por parte da pesquisadora. Como a maioria não faz planos para o futuro, a vida gira em torno do aqui e do agora, numa busca desenfreada pelo prazer que muitas vezes implica em situações de risco. Em vista disto, a maioria das pessoas que foram entrevistadas não fazem planos para o futuro¹⁰⁰, pois o que mais importa para eles é a qualidade de vida, sinônimo neste universo de liberdade, como diz P.: “O trabalho é bom, não é tão lucrativo, não dá dor de cabeça de jeito nenhum, se você trabalhar de maneira correta, só com pessoas de maiores, trabalhar dentro da lei, legalizado. Não tem problema... se sobrevive muito bem com o que se ganha com tatuagens. No baixo tiro 2000 reais, que a gente trabalha na maior tranquilidade, pra você vê, você chegou, eu tava dormindo (risos), às 3 horas da tarde numa sexta feira, ao invés de ta trabalhando, ta dormindo, é bom demais... hoje mesmo eu peguei clientela de manhã, mas ontem só vim ter tempo pra almoçar às quatro horas da tarde, mas é assim, tem dia que dá, tem dia que não, se deu, deu, se não deu, tudo bem, não vamos se preocupar. Eu acho que todo tatuador pensa como eu penso, se deu, vamos trabalhar, se não tem, então não vamos pensar em trabalhar... vamos descansar. Não aperreia. O que a gente ganha de manhã dá pra gente comer, à tarde, no outro dia, a gente trabalha o dia pra comer de noite”.

Pode-se fazer uma analogia do estilo de vida destas pessoas com os Pigmeus descritos por Mary Douglas (1978). Segundo a autora, os Bantos e os Pigmeus são povos que, apesar de vizinhos, possuem estruturas sociais completamente distintas. Enquanto os primeiros são grupos mais fortalecidos e tradicionais, os outros possuem carência de rituais, não têm culto nem com relação à morte, fato que os leva muitas vezes a se apropriarem dos ritos de outros povos mesmo sem entender os simbolismos presentes. A explicação da autora a esse respeito se baseia no fato dos Pigmeus não se constituírem em lugares fixos, alguns se deslocam todo mês, sendo o gozo o elemento central de seus sistemas de valores. Neste tipo de sociedade, o homem não precisa se preocupar com regras sociais, já que se existe uma controvérsia, mudam-se de sede. Os pactos se dão em curto prazo, não havendo entre eles formalidades ou vínculos, que os faz circular livremente, sendo impossível desenvolver uma religião sacramental.

¹⁰⁰ Segundo Frank E. Hartung (1987), hedonismo designa uma teoria de valor e motivação segundo a qual os valores e motivos últimos da ação humana residem no prazer produzido para o indivíduo ou para a comunidade e na fuga à dor.

Algumas modificações corporais têm valor de identidade e também expressam o pertencimento do sujeito a um grupo, a um sistema social. Em certas sociedades, por exemplo, a leitura da marca associada ao corpo informa a inscrição do homem em uma linhagem, um clã, uma faixa etária, indica um status e fortalece a aliança. O traço marcado na pele tem um simbolismo específico e, dependendo do contexto cultural pode adquirir uma série de representações, tais como: signo de sedução, erotismo em algumas etnias africanas, na Índia ou entre as muçulmanas; símbolo de distinção, de hierarquia social e sinal de elegância entre os povos *maoris* ou no Thaiti; invocação e identificação com potências celestiais na China antiga, etc. Mas, diferentemente das sociedades tradicionais onde a marca corporal tem uma representação dentro da coletividade, faz parte dos rituais e tradições culturais, nas sociedades ocidentais o corpo demarca também o lugar do indivíduo e, como construção pessoal é transformado de acordo com o desejo do sujeito que, para isso busca muitas vezes nas tatuagens, *piercings*, escarificações ou implantes, os meios para dar ao seu físico um aspecto singular. Investe-se no corpo dando-lhe uma forma, um *design*, marcando uma diferença e um estilo de vida.

Negrado tem seu corpo quase todo “riscado”¹⁰¹. Sua primeira tatuagem foi uma tribal no lado direito do braço que fez há mais de 15 anos, quando era moda e também representava para ele a descoberta da tatuagem em tribos “primitivas”. Deste símbolo surgiram novas formas: um *maori* em forma de máscara, de onde sai uma carpa, logo outra que se funde num retrato de um velho, que o tatuador parece não dar maior importância, ante a curiosidade do investigador para saber de quem se tratara. Além dos braços e das pernas, em um dos ombros leva estampado a figura de Bob Marley que é, para Negrado, a representação viva de uma estória musical: “é o mestre do *pague*”, um estilo de música com o qual se identifica bastante.

O corpo riscado, rasgado, perfurado ou pendurado passa a ser a marca do indivíduo, seu emblema pessoal, sua fronteira e aquilo que o distingue dos outros. Nos desenhos, adornos, escarificações, a pessoa constrói sua identidade, seja como tatuador, *piercer*, modificador corporal, prático da suspensão ou adepto. Dentro do grupo contemplado havia aqueles que procuravam desenhos pequenos para realçar as formas corporais, por estética, beleza e moda; outros, por identificação a um artista ou a um grupo musical; para render homenagem a alguém, etc. Também haviam aqueles que

¹⁰¹ Termo utilizado por técnicos e adeptos das modificações corporais para se referir à tatuagem.

buscavam uma estética do feio e do monstruoso, marcando uma diferenciação de um padrão hegemônico. Pode-se dizer, que a marca no corpo também permite sair do anonimato, se destacar da indiferença social, já que convém se tornar visível para não passar despercebido e para existir aos olhos dos outros. Através do corpo vivido como superfície de escrita as pessoas também inscrevem suas recordações que servem como memórias, ritualizam suas vivências e passagens da vida. Neste sentido, pode-se afirmar que na contemporaneidade a intervenção no corpo possui infinitos significados. Pode ser marca de memória, de identidade, de diferenciação social, de experiência subjetiva, etc., sendo fundamental entender tal fenômeno tanto do ponto de vista da sociedade, quanto da relação que o indivíduo estabelece com seu corpo, visto que é por meio das tatuagens, *piercings*, suspensões, escarificações ou implantes que estão encontrando meios para criarem uma identidade pautada na estética quanto estão se exprimindo e se expressando para a sociedade.

Tatuagens de B1
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 santa abraçando anjo



fig. 2 Amada imortal



fig. 3 aranha com cabeça de serpente, patas de aranha e rabo de escorpião

PONTUAÇÕES

O ato de marcar o corpo é uma prática exclusivamente humana e presente em distintas culturas. Nas sociedades tradicionais a tatuagem, a escarificação, a perfuração do corpo entre outros costumes estiveram relacionados a diferentes sentidos e significados culturalmente atribuídos, exprimindo-se coletivamente por meio de atividades simbólicas diversas: ritos de passagem, técnicas de embelezamento, luto, distinção social, hierarquias, etc.

Como Já foi aqui analisado, no Ocidente houve uma releitura e re-significação das marcas corporais, visualizadas tanto através de seus aspectos negativos quanto positivos. Com a chamada mundialização da cultura, observada nos últimos decênios do século passado, o que se nota é uma receptividade e internacionalização cada vez maior das modificações corporais em suas diversas modalidades, movimentando um amplo mercado de consumo. Além de revistas especializadas e da multimídia, a *Internet* vem desempenhando um papel fundamental na divulgação de tais práticas, possibilitando a criação de redes de comunicação entre diferentes tipos de usuários. Tal virtualidade tem permitido, igualmente, a aproximação de fronteiras geográficas, anteriormente inimagináveis, veiculando informações provenientes de grandes centros urbanos, os quais se constituem em referências importantes nesse campo de atividade, a exemplo de Nova Iorque, São Francisco e Londres.

Conforme já foi referido, é sobretudo por meio da ferramenta da *Internet* que muitos dos atores aqui contemplados tiveram acesso aos locais de referência e a produtos voltados à modificação corporal. O comércio virtual é uma realidade que salta aos olhos, possibilitando a aquisição de equipamentos e produtos especializados (lícitos ou ilícitos). Através dos *sites*, *fotologs* e *blogs* alguns dos interlocutores desta pesquisa integram redes de contato por meio das quais conseguem permutar informações, imagens e experiências pessoais referentes a este universo. Em alguns casos, isso vem motivando o desejo de deslocamentos geográficos, nacionais e até internacionais, que podem se transformar numa migração temporária ou permanente.

No grupo aqui estudado, constituído por 64 pessoas que fazem uso de tatuagens, *piercings* e, em alguns casos, de intervenções corporais consideradas radicais, verificou-se uma predominância de homens – brasileiros e espanhóis – na faixa etária de 20 a 29

anos, chamando a atenção para as dinâmicas que envolvem o universo das modificações corporais como sendo própria dos jovens, embora alguns relatos tenham atestado um número crescente de adultos. Durante o trabalho de campo foi percebido que em Recife, muitos dos técnicos – tatuadores e *piercers* – se sentem extremamente insatisfeitos, tanto financeiramente quanto pelo fato de reconhecerem que nessa cidade não há novidades em termos de modificações corporais e de mercado de consumo. Em função disso, alguns deles, como já foi referido, costumam ir a São Paulo para uma atualização que julgam necessária. Havendo oportunidade, chegam a migrar para a Espanha, nutrindo a expectativa de juntar dinheiro para voltar ao Brasil e montar o próprio negócio, bem como a busca de legitimidade de uma experiência internacional.

Como já foi assinalado, em Madri, há uma quantidade elevada de estúdios de tatuagem e *body piercing*, muitos dos quais empregando funcionários estrangeiros, notadamente latino-americanos, em função da facilidade da língua. Parte deles são imigrantes clandestinos, sem contrato portanto. Por outro lado, alguns têm a situação regularizada, conseguindo o visto de permanência prolongado. Já para os espanhóis que trabalham com tatuagem e *piercing*, o maior problema é a concorrência, sobretudo entre os “profissionais”, os quais são divididos em espanhóis e estrangeiros.

A comercialização desse tipo de produto ampliou o leque de consumidores, já que os estabelecimentos oferecem outros tipos de serviços estéticos (massagem, bronzamento, cabelereiros étnicos, manicure, etc), o que leva a inferir que o estúdio de tatuagem e *piercing* se transformou num modelo de comércio. Entretanto, o que motiva de fato o público consumidor é a busca de uma estética diferenciada, que reforce signos identitários.

Por outro lado, embora alguns autores, como Bryan Turner (1996); Sweetman (2000); Le Breton (2004) se refiram à banalização da tatuagem, foi possível verificar com a investigação que a marca na pele, em alguns casos, ainda provoca olhares de estranhamento. Tanto no Recife quanto em Madri foram observados relatos em que os interlocutores se referiram a situações de desconforto, como nas entrevistas para o mercado de trabalho mais formalizado, sobretudo nas empresas privadas e, em alguns casos, sendo preteridos pela presença desse tipo de marca corporal. Por outro lado, em outros ambientes esses signos corporais podem ser lidos como atributos positivos na comunicação, como marcas juvenis. Daí porque a leitura de tais signos corporais possuem significações variadas dependendo do contexto social.

No universo pesquisado, os tatuadores se constituem numa maioria. Quase todos se dedicam exclusivamente à tatuagem e alguns são donos dos ateliês. Apesar de ser um mundo masculino, há uma corte de mulheres que rodeiam os homens nos estúdios, seja trabalhando em funções burocráticas, seja aprendendo a técnica de aplicação de *piercings*, seja compondo o espaço de sedução.

No circuito de comercialização a tatuagem ocupa um lugar privilegiado, atraindo adeptos dos mais diferentes segmentos sociais. O uso do *piercing* como um tipo de adorno facilmente reversível tornou-se bastante comum, principalmente nas faixas etárias mais jovens. Por outro lado, as técnicas consideradas radicais abarcam um público mais particular, face ao caráter transgressor, considerado ilegal perante os órgãos de saúde pública, isso na medida em que podem por em risco a integridade física dos usuários. Embora cada uma dessas práticas possuam suas singularidades e grupos de adeptos, não se pode excluir o eventual contato entre os indivíduos que participam desses distintos grupos, na sua grande maioria partidários de uma estética e estilo de vida diferenciados.

O que chamou a atenção nos adeptos de tais práticas foi exatamente a busca de uma diferenciação por meio de padrões estéticos que quebram radicalmente os cânones de beleza ocidental, como por exemplo, em casos mais extremos, a estética da mutilação. É também certo que no caso da tatuagem isso ocorre com menos intensidade, haja vista que a intervenção já se tornou uma forma de adorno corporal reconhecida e apreciada dentro dos padrões ocidentais, o que não parece produzir mais um impacto ao olhar dos indivíduos em geral. Entretanto, as formas radicais aqui aludidas – escarificações, implantes e outras intervenções corporais – encontram-se às margens do cânone estético, associadas a grupos *undergrounds*, a expressões deliberadamente artísticas ou a estilos de vida considerados como alternativos, às performances individuais ou de grupos. De outra parte, essas práticas não deixam de ganhar espaço de visibilidade na sociedade contemporânea, criando novos adeptos, fato que leva a refletir sobre os sentidos e significados que as mesmas adquirem entre seus praticantes.

Isso chamou particularmente a atenção quando se deu início à pesquisa no Recife. A cidade possui um fluxo migratório estrangeiro pequeno, sendo, num contexto de vivências urbanas, pouco cosmopolita, quando comparada a outras metrópoles brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, o gosto e a demanda pelo exercício da transformação corporal vem ganhando no Recife um significativo número de adeptos, os quais estabelecem comunicação, via *Internet*, com outros grupos

internacionais afeitos a esse gênero de estética corporal. Além disso, alguns técnicos e adeptos radicados no Recife circulam internacionalmente por contextos onde se realizam tais práticas, como é o caso de Madri, estabelecendo novos canais de comunicação, alguns deles chegando a migrar para a capital espanhola. Tais indícios levaram a questionar a dimensão mais internacionalizada dessas atividades, geralmente associadas a um ideal de beleza e, sobretudo, a um estilo de vida alternativo, urbano e cosmopolita.

No caso do Recife, isso pareceu bastante significativo, pois os adeptos das transformações radicais pareciam não encontrar muita receptividade em outros circuitos urbanos locais, pois esses se orientavam por valores e estilos de vida diferentes, alguns deles alternativos, como o *mangue beat*, mesmo que influenciados por um padrão de beleza em que o corpo é cultuado através da boa aparência e exibição pública de atributos físicos idealizados, tanto por parte de homens quanto de mulheres¹⁰². Para os adeptos das tatuagens ou dos *piercings* a recepção não parecia constituir nenhum obstáculo, já que tais práticas foram ressignificadas e incorporadas por meio da mídia ao gosto da maioria, tornando-se muito comum a jovens e adultos de ambos os sexos exibirem estes signos estéticos em diferentes locais do corpo, sem relegarem a harmonia corporal baseada no ideal da beleza. Na maioria dos casos, tais práticas tornaram-se elementos intrínsecos à sedução, justapostas à excelência corporal.

Alguns, por exemplo, podem procurar um ateliê de tatuagem para fixar alguns pequenos signos, em forma de detalhe, para realçar ou destacar apenas uma parte do corpo, como estratégia de sedução, influenciado pelo modismo da mídia em geral. Outros, mais envolvidos com um projeto estético de vida ou uma visão de mundo em particular, buscam na tatuagem uma forma de auto-expressão, passando a ser um elemento intrínseco à própria noção do corpo, isto é, uma linguagem corporal capaz de motivar e comunicar diferentes possibilidades de leitura e, notadamente da memória individual e social. Para alguns, a modificação corporal torna-se também um processo de infinitas possibilidades, verdadeiro experimentalismo epidérmico, repleto de inúmeras tatuagens, realizadas em diferentes momentos da vida, como marca de memória. Nos casos de intervenções mais extremas, algumas mudanças chegam a transformar a aparência física dos indivíduos, criando uma imagem completamente diferente da que possuía antes, verdadeira mutação da aparência original.

Os rituais de suspensão corporal vêm sendo praticados recentemente em Madri e no Recife entre pequenos grupos ou de forma teatralizada para uma platéia. Apesar

¹⁰² Mangubeat é um movimento musical que surgiu no Brasil na década de 1990 em Recife que mistura ritmos regionais com rock, hip hop e música eletrônica”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mangue_beat>. Consultado em: 13 mar. 2007.

dessa prática ter se originado na Índia com fins religiosos, na sociedade contemporânea há uma dessacralização dessa experiência.

Para Featherstone (2000), as razões pelas quais as pessoas praticam determinados rituais fora de contexto se voltam basicamente à sexualidade e ao narcisismo, não havendo nenhuma semelhança com os rituais das sociedades ditas “primitivas”. Já para Segalen (2005), são performances que se recriam na modernidade com os mesmos princípios dos rituais praticados em sociedades tradicionais.

Durante a investigação de campo foi possível encontrar alguns pontos de divergência e de semelhança entre os ritos praticados nas sociedades ditas tradicionais e a suspensão realizada num contexto urbano. Enquanto rituais, ambos possuem uma eficácia simbólica, podendo a suspensão ser, em certos casos, comparada aos ritos de passagem, na medida em que ela é capaz de proporcionar tanto o ingresso e o pertencimento do indivíduo ao grupo, quanto uma mudança de status provocada por intermédio de uma prova física – equivalente a legitimação perante o grupo –. Além disso, a prática do ritual, seja num contexto moderno ou tradicional, é igualmente significativo para a platéia que assiste.

Assim, como os rituais de suspensão, a adesão às práticas da *body modification*, ainda tem sido algo que está voltado para uma minoria, mas de acordo com o que foi verificado durante o trabalho de campo, tem crescido cada vez mais o número de adeptos. Segundo Turner (1980), em algumas sociedades tradicionais os ritos de iniciação estão envoltos por práticas como tatuagens, escarificações, serragem de dentes, mutilações de partes do corpo, cuja função é marcar no natural um acontecimento cultural. Pierre Clusters (2004) a esse respeito argumenta a propósito do fato de que sociedades agrafas inscreverem na pele os acontecimentos culturais, concluindo que as marcas são o espelho da sociedade. Mas não se trata simplesmente de um espelhamento do real, nesses momentos liminares é que as tensões sociais são descobertas e os conflitos vêm à tona (Turner, 1974). Num contexto urbano, estas práticas adquiriram outros significados. Não é por acaso que exatamente num momento em que o corpo passou a tomar uma dimensão tão importante na sociedade, quando as pessoas lutam desenfreadamente para atingirem um modelo de perfeição baseada na harmonia, exista de forma concomitante indivíduos que busquem realçar o inverso, ou seja a estética do “grotesco” ou do “feio” como forma de diferenciação individual.

Por meio da estética das tatuagens, *piercings*, escarificações, implantes, suspensões, entre outras técnicas, algumas desses sujeitos estão construindo suas lógicas

identitárias. A marca no corpo seve então para se diferenciar por meio de uma estética singular e ao mesmo tempo se incluir num grupo cujos membros se identificam por um estilo de vida em comum. Este trabalho não pretende por termo a questão, muito pelo contrário, os fenômenos aqui analisados são dinâmicos, se ampliam e se modificam a cada dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVÓ dos hippies. **Revista Veja**. Rio de Janeiro, n. 58, p. 64, out. 1969.
- A PAZ para começar. **Revista Veja**. Rio de Janeiro, n. 70, p. 39, jan. 1970.
- AXELOS, Kostas. El arte en cuestión. In: ADORNO, T.; FRANCASTEL, P. **El arte en la sociedad industrial**. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973.
- ARTAUD, Antonin. **Van Gogh: el suicidado de la sociedad y para acabar de una vez con el juicio de Dios**. 4. ed. Madrid: Fundamentos, 1983.
- ARROYUELO, Francisco. **El diablo en España**. Madrid: Alianza, 1985.
- ARRIBAS MACHO, J.; GONZALÉZ RODRIGUES, J. **La juventud de los ochenta: estudio sociológico de la juventud de Castilla y León**. Valladolid: Server-cuesta, 1987.
- ABROMOVIC, Marina. **Performance art into the 90**. London: Offices, 1994.
- _____. **Charta**. Milano: Fondazione Antonio Ratti, 2002.
- ACKERMAN, D. **Uma História Natural dos Sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ALONSO, R. **Arte y recepción**. Buenos Aires: Centro Argentino de Investigadores de Artes, 1997.
- ALONSO TORRÉNS, F. (Dir. e Coord.). **Situación, problemática y valores de la juventud de Salamanca**. Salamanca: Cláritas, 1997.
- ARTE y recepción In: VII Jornadas de teoría e historia de las artes. Buenos Aires. Centro argentino de investigadores de artes, 1997.
- ALVAREZ LICONA, Nelson. Las Islas Marías y la práctica del tatuaje: Estudio de las estrategias de adaptación en una institución total. 1998. (Tese em Antropologia). Universidad Complutense de Madrid.

- ALVES-MAZZOTTI, A. e GEMADSZNAJDER, F. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ALMAZÁN, Sangrario. El arte de acción. Madrid: Nerea, 2000.
- A ALMA Marcada na pele. **Revista Planeta tatuagem**, Portugal, n. 383, ago. 2004. ISSN: 0104-8783.
- ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- BOULLIER, Francisque. **Du plaisir et de la douleur**. Paris: Germer Bailliere Libraire-editeur, 1865.
- BATAILLE, G. **Lascaux ou la naissance de l'art**. Geneve, Suissa: Skira, 1955.
- _____. **La experiencia interior**. Madrid: Taurus, 1973.
- _____. **Las lagrimas de Eros**. 3. ed. Barcelona: Ensayo, 2002.
- BAJTIN, Mijail. **La cultura popular en la edad media y renacimiento**. 3. ed. Barcelona: Barral, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. **La Distinction: Critique Sociale du Jugement**. Paris: Minuit, 1982.
- BOWMAN, Mary Jean. Risco In: BENEDICTO SILVA (Coord.). **Dicionário de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- BARBOSA, Rogério Andrade. **A tatuagem**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- BOREL, France. **Le vêtement incarné: les métamorphoses du corps**. Mesnil-sur-L'Estrée: Éditions Calmann-Lévy, 1992.
- BRYMAN, A. e BURGESS, R. **Analyzing Qualitative Data**. Routledge: London, 1994.

- BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **Modernidad, pluralismo y crisis de sentido**. La orientación del hombre moderno. Barcelona: Paidós studio, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BARBIERI, Gian Paolo. **Tahiti tatoos**. Milão: Taschen, 1998.
- BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad**. Barcelona: Paidós, 1998.
- BERLINCK (Org.). **Dor**. São Paulo: Escuta, 1999.
- BIEDERMANN, Hans. **Diccionario de los símbolos**. España: Paidós, 1999.
- BARFIELD. (Ed.). **Diccionario de antropología**. España: Bellaterra, 2000.
- BARUZI, Jean. **San Juan de la Cruz y el problema de la experiencia mística**. Valladolid: Junta de Castilla y León, 2001.
- BAIGORRIA, O. **Georges Bataille y el erotismo**. Madrid: Campo de ideas, 2002.
- BAUMAN, Richard. **Verbal art as performance**. Indiana: Waverland press, (s.d.).
- CANCLINI, Nestor Garcia. **La producción simbólica: Teoría y método en sociología del arte**. México: Siglo veintiuno, 1979.
- COITINHO, Rosa maria. **Pintura viva- la pintura corporal de los indígenas brasileños**. 1985. (Dissertação em Belas Artes). Universidad Complutense de Madrid, 1985.
- CHEVALIER, Jean (Dir.). **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Herder, 1988.
- CARUCHET, wiliam. **Le tatouage ou le corps sans honte**. Paris: Segulier, 1995.

- CROUSSAZ, J. P. **Tratado de lo bello (1663-1750)**. Valencia: Colección Estética e Crítica, 1999.
- CANTERAS, Murillo Andres. **Sociología de grupos pequeños: sectas y tribus urbanas**. Madrid: Consejo general del poder judicial, 2000.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.
- CARTA, G. Os caminhos da tatuagem: uma mostra investiga a misteriosa história da arte da gravar o corpo. **Revista Carta capital**. Ano IX, n. 203, p. 50-51, ago. 2002. ISSN 0104-6438.
- CLASTERS, P. **A sociedade contra o estado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- COSTA, A. **Tatuagem e marcas corporais: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.
- CREDER, Marcos. **A dor entre o corpo e a alma: um estudo psicanalítico sobre a metáfora do sofrimento**. Recife: R. C. editores, 2003.
- CAVANI, J. **O corpo na Fala da Arte Contemporânea**. Diário de Pernambuco, Recife, 9 de dez. 2004. Caderno C.
- CORREIA JÚNIOR, M. Tatuagem a alma marcada na pele. **Revista Planeta**. São Paulo, ed. 383, p. 20-27, agosto. 2004. ISSN 0104-8783.
- CRUZ SANCHES, Pedro A.; HERNANDEZ-NAVARRO, Miguel A. (Eds.). **Cartografías del cuerpo: La dimensión corporal en el arte contemporáneo**. Murcia: Cendeac, 2004.
- CASADO, J. La piel como obra de arte. **20 minutos**. Madri, 23 de Nov. 2005. p. 21.
- CASTRO PINZÓN, E. y TRANCOSO, J. La virtualización del cuerpo a través del “cutting” y body art performance. **Athenea digital**. Barcelona, n. 7, primavera. 2005. ISSN 1578-8946.
- CALHEIROS, Vladimir. Creusa Ferrada. **Jornal do Comércio**, Recife, 24 de jun. 2006.

DA CRUZ RIBEIRO, Angelo. Tatuagens: estudo médico legal. 1912. (Dissertação em Medicina legal e toxicologia). Faculdade de Medicina da Bahia, 1912.

DOS SANTOS, Joaquim Noberto. Mutilações auriculares na tribo dos suasilis (Moçambique). In: **Actas y memorias de la sociedad española de antropología, etnografía y prehistoria**. Madrid, v. 3, Tomo. 13. Cuadernos 1-3, 1948.

DAVIS, K. **A sociedade humana**. vol. 2. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1964.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: perspectiva, 1966.

_____. **Símbolos naturales**: exploraciones en cosmología. Madrid: Alianza, 1978.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: A sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DOUGLAS, M.; WILDAVSKY, Aaron. **Risk and culture**: an essay on the selection of technological and environmental dangers. California: University of California press, 1982.

DEL REAL, C. Alonso. Nomadismo In: BENEDICTO SILVA (coord.). **Dicionário de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DUQUE, Pedro. **Tatuajes**: el cuerpo decorado. Valencia: Midons, 1996.

DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.* **Où va l'histoire de l'art contemporaine ?** Paris: L'image/ école nationale supérieure des beaux-arts, 1997.

DUTRA, José Luiz. Onde você comprou essa roupa tem para homem?: A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DEL RIO PARRA, Elena. **Una era de monstruos:** representaciones de lo deforme en el siglo de oro español. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EM São Francisco nasceram os Hippies. **Revista Manchete.** Rio de Janeiro. n. 863, p. 8-9, nov. 1978.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 1990.

ELIADE, M. **El Vuelo mágico y otros ensayos.** Madrid: Siruela, 1995.

_____. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (org). **Nu e vestido.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

FOUCAULT, M. **Surveiller et Punir.** Paris: Gallimard, 1975.

_____. **Microfísica do poder.** 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FERRIER, Jean-Louis. (Dir.). **L' aventure de l'art:** peinture, sculpture, architecture au XX^o siècle. Chene Hachette, Paris, 1990.

FEATHERSTONE, M. (ed.). **Body modification.** London: Sage, 2000.

FEIXA, C.; MOLINA, F. ; ALSINET, CARLES (Eds). **Movimientos juveniles en América Latina:** pachuchos, balandros y punletos. Barcelona: Ariel social, 2002.

FARNELL, Ross. Dialogue with posthuman bodies: interview with Sterlac. In: FEATHERSTONE e M., BURROWA, R.(eds.).**Cyberspace/cyberbodies/cyberpunks:** cultures of technological embodiment. Sage, (s.d.).

GOLDBERG, Rose Lee. **Performance art:** from futurism to the present. London: Thames and Hudson, 1979.

GIRARD, René. **A violencia e o sagrado.** São Paulo: UNESP, 1990.

- GOFFMAN, E. **Estigma**: La identidad deteriorada. Buenos Aires: Amorrotu, 2001.
- GOLDEMBERG. M.; SILVA, M. A civilização das formas. In: GOLDENBERG, M. (org). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, M. **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GENTIL GARCIA, I. La construcción sociocultural de los pies: una perspectiva desde la Antropología del cuerpo. 2003. (Tese em Antropologia). Universidad Complutense de Madrid, 2003.
- GONZALEZ ORTIZ. A. Body art. 2003 (Dissertação em Belas Artes). Universidad Complutense de Madrid, 2003.
- GUINEA, M. (Ed.). **Simbolismo y ritual entre los Andes septentrionales**. Madrid: Editorial Complutense, 2004.
- GLUSBERG. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, (s.d.).
- HIPPIES. Onde está a festa? **Revista Veja**. Rio de Janeiro, n. 62, p. 41, nov. 1969.
- HERTZ, Robert. **Sociologie Religieuse et Folklore**. Paris: PUF, 1970.
- HARRIS, M. **Caníbales y Reyes**: los orígenes de las culturas. Madrid: Alianza, 1987.
- HARTUNG, Frank E. In: BENEDICTO SILVA (Coord.). **Dicionário de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- HULSKER, Jan. **International dictionary of art and artists**. London, Chicago: St. James Press, 1990.
- HORKHEIMER, Max ; ADORNO, Theodor. **Dialéctica de la ilustración**. 3. ed. Madrid: Trotta, 1994.

- HUDELSON, P. **Qualitative research for health programmes**. Geneva: Division of Mental Health World Health Organization, 1994.
- HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain**. London: Routledge, 1996.
- HARAWAY, D. KUNZRU, H. DA SILVA, T. (Orgs.) **Antropologia do Ciborgue. As Vertigens do Pós-Humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HEUZE. BOLETÍN ANTROPOLÓGICO. Los Andes, n. 49, mai./ago. 2000. ISSN 1325-2610.
- INNES, Christopher. **El teatro sagrado: El ritual y la vanguardia**. 2. ed. Mexico: Fondo de cultura economica, 1992.
- IZZI, Máximo. **Diccionario ilustrado de los monstruos: ángeles, diablos, ogros, dragones, sirenas y otras criaturas del imaginario**. Palma de Mallorca: José J. de Olañeta, 1996.
- JAGGAR, A. e BORDO, S. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.
- Jones, Amelia. **Body art performing the subject**. London: University of Minnesota, 1998.
- JAUME, G. (Coord.) **Gran vox: diccionario de arte**. Barcelona, 1999
- JONES, Amelia e WARR, Tracey. **The artist's body**. New York: Phaidon, 2000.
- JASPERS, K. **Genio artístico y locura. Strindberg y Van Gogh**. Barcelona: Acanalado, 2001.
- KAUFMAN, J. **L'entretien compréhensif**. Paris: Nathan, 1996.
- KLESSE, Christian. 'Modern primitivism': non-mainstream. Body modification and racialized representation. In: FEATHERSTONE, Mike (Ed). **Body Modification**. Sage. London, 2000.

KRISCHKE LEITÃO, D. **Transgressão e domesticação:** a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. In: Cadernos do CEON. Santa Catarina, UNOCHAPECÓ. Março de 2003.

_____. **Mudança de significado da tatuagem contemporânea.** In: Cadernos IHU Idéias. Rio Grande do Sul. n. 16, Ano 2. 2004. ISSN 1679-0316.

LEUZINGER, Elsy. **El arte de los pueblos.** 2. ed. Barcelona: Seix Barral, 1961.

LEIRIS, Michel e DELANGE, Jacqueline. **África negra:** la creación plástica. Madrid: Agilar, 1967.

LEENHARDT, Maurice. **Do Kamo:** Persona y el mito en el mundo melanesio. Barcelona: Paidós, 1977.

LEWIS, IOAN. **Extase religioso:** Um estudo antropológico da possessão e xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LOPEZ AUSTIN, A. **Cuerpo humano e ideología:** las concepciones de los antiguos Nahuas. México: Universidad autónoma de México, 1980.

LA FONTAINE, J. **Iniciación. Drama Ritual y Conocimiento Secreto.** Barcelona: Editorial Lerna, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LAUTMAN, Victoria. **The new tattoo.** New York: Abberville Press, 1994.

LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité.** 4. ed. Paris: Presses universitaires de France, 1998.

_____. **Antropología del dolor.** Barcelona: Seix barral, 1999.

_____. **Passions du risque.** Paris: Métailié, 2000.

_____. **Adeus ao corpo, antropología e sociedade.** Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004.

- LYNCH, E. **Sobre la belleza**. Madrid: Punto de referencia, 1999.
- LAYMERT, Garcia dos Santos. **Revolução tecnológica, internet e socialismo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- LAHUERTA, Juan José. **El fenomeno del éxtasis**. Madrid: Siruela, 2004.
- LOS TATUAJES, una forma de expresión personal. **Universia**. Salamanca, 16 de Mai. 2005. p. 21.
- MINNER, H. Body ritual among the naciema. **American anthropology**, vol 8.n. 58, p. 503-507, 1956.
- MAUSS, M. e HUBERT, H. **Lo Sagrado y Lo Profano**. Obras I. Paris: Minuit, 1970.
- _____. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- MENNINGER, Karl. **El hombre contra si mismo**. Barcelona: Ediciones península, 1972.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. vol.2. São Paulo: EDUSP, 1974.
- _____. **Ensaio de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- MOURA CASTRO, C. **Estrutura e Apresentação de Publicações Científicas**. São Paulo: Mc GRAW- HILL do Brasil, 1976.
- MALLINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Victor Civita, 1984.
- MARFESOLLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MORRIS, David. **La cultura del dolor**. Chile: Andrés Bello, 1993.
- MOURE, Gloria. **Ana Mendieta**. Barcelona: Polígrafa, 1996.
- MARIE, G. **Diccionario de la biblia**. Madrid; Anaya e Mario Muchnik, 1995.
- MONTALBÁN, Manoel Vázquez. **Tatuaje**. Barcelona: Planeta, 1997.

- MUÑOZ PUELLES, Vicente. **Los Tatuajes**, Valencia: Editorial La Mascar, 1998.
- MUIR, E. **Fiesta y rito en la Europa moderna**: la mirada de la historia. Madrid: Complutense, 2001.
- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (Org). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARTEL, Richard . **Arte accion 1. 1958-1978**. Valencia: Ivam documentos 10, 2004a.
- _____. **Arte accion 2. 1978-1998**. Valencia : Ivam documentos 10, 2004b.
- NUNES, E. **A Aventura Sociológica**. Rio de janeiro: Zahar, 1978.
- NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- NAVARRO, Antonio José (Ed.). **La Nueva carne**: una estética perversa del cuerpo. Madrid: Valdemar intempestivas, 2002.
- NUNES COSTA, M. **Manual para normatização de trabalhos acadêmicos**: monografias, dissertações e teses. 7. ed. rev. e atual. Recife:INSAF, 2007.
- OS HIPPIES. **Revista Veja**. Rio de Janeiro, n. 54, p. 38-43. set. 1969.
- OS HIPPIES chegam com hair. **Revista Veja**. Rio de Janeiro, n. 58, p. 58. out. 1969.
- OTTO, E. e SHRAMM, T. **Fiesta y gozo**. Salamanca: SIGUEME, 1983.
- OLAVARRIA, M.; BRANDES, S.; MAYER, L. *et al.* **Rituales**. **Revista Alteridades**. n. 20, 2000. ISBN: 0188-7017.
- OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- O'BRYAN, C. Jill. **Carnal art**: Orlan's refacing. London: University of Minnesota, 2005.

POPPER, F. **Arte, acción y participación:** el artista y la creatividad de hoy. Madrid: Akal/arte y estetica, 1980.

PANE, Gina. **La chair ressucitée**, Colonia: Kunst station, 1989.

PAT CALIFA. **Los secretos del sadomasoquismo**. Barcelona: Martinez Roca, 1994.

PEREIRA, Fabiana. Através do Espelho. Um ensaio etnográfico sobre as representações do corpo feminino entre mulheres de classe média alta na cidade de Recife. 2001. (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

_____. O culto ao corpo e a busca da eterna juventude. **CAOS. Revista de ciências sociais**. Paraíba, n. 5, mar. 2004. ISSN 1517-6916.

_____. O corpo jovem e o medo do envelhecimento. In: ALVIN, R., QUEIROZ, T. e FERREIRA, E. (orgs.). **(Re) construções da juventude:** cultura e representações contemporâneas. João Pessoa: UFPB, 2004.

_____. Juventudes e corpos. Novas estéticas alternativas. In: ALVIN, R., QUEIROZ, T. e FERREIRA, E. (orgs.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: PPGS, 2005.

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. (Org.). **O dito e o feito. Ensaio de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2002.

_____. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PAREDES, cezinando Vieira. A influencia e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciarias. 2003. (Monografia). Universidade Federal do Paraná, 2003.

PAPACHRISTOS, Andrew. Bandas globales. **Foreign Policy**. n. 8, p. 23-32, abr./mai. 2005.

- PANCORBO, L. **Abecedario de antropología**. Madrid: Siglo XXI, 2006.
- POSTREL, Virgínia. Esperança à venda. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 08 de abr. 2007. Caderno Mais, n. 784, p. 4.
- QUEIROZ, Renato. (Org.). **O corpo dos brasileiros: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Senac, 2000.
- QUEIROZ, R. e OTTA, E. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: DA SILVA QUEIROZ, R. **O corpo dos brasileiros. estudos de estética e beleza**. São Paulo: Senac, 2000.
- RABELAIS. **Gargantua et Pantagruel**. 3 ed. Paris: ODEJ, 1966.
- RUSSOLI, F. **Al di la della pittura: arte povera, comportamento, body art, conceptualismo**. Milano: Cresppo, 1967.
- RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- _____. **Ensaio em antropologia do poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.
- _____. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- RAPPAPORT, Roy. **Cerdos para los Antepasados: el ritual en la ecología de un pueblo en Nova Guinea**. Madrid: Siglo Veinteuno, 1987.
- ROCHER, Guy. **Sociologia geral 1**. Lisboa: Editorial presenta, 1971.
- RIBEIRO, B. **Dicionário do artesanato indígena**. São Paulo: Editora da Universidade, 1988.
- ROUX, Jean-Paul. **La sangre: mitos, símbolos y realidades**. Barcelona: Ediciones península, 1990.
- RICARTE, C. **Ritual de la Carne**. Alicante: Aguacalra, 1991.
- ROSALDO, Renato. **Cultura y Verdad: nueva propuesta de análisis social**. México: Grijalbo, 1991.
- RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Tatuagem, Corpo tatuado**: Uma análise da loja “Stoppa tatoo da pedra”. Florianópolis: Udesc, 2001.

RUSH, Michel. **Nuevas expresiones artísticas a finales del siglo XX**. 2.ed. Barcelona: Destino, 2002.

RODRIGUES, P. Tatoo: mais que adereço, questão de atitude. **Diário de Pernanbuco**. Recife, 21 de set. 2003. p. C1.

RUIZ FERNANDEZ, Beatriz. **De Rabelais a Dali**: la imagen grotesca del cuerpo. Valencia: Puv. Universidade de Valencia, 2004.

SIERRA, Roberto Sáenz. **Los picaos de San Vicente de La Sonsierra**. Barcelona, Edição do autor, 1977.

SEEGER, A. O significado dos ornamentos corporais. In: **Os índios e nós**: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SADE. **Justine o los infortunios de la virtud**. 2. ed. Madrid: Letras universales, 1985.

SILVA, Benedicto (Coord.). **Diccionario de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SILVERMAN, D. **Qualitative Data**: methods for analysing talk, text and interaction. London: Sage, 1993.

SCHMITT, Jean Claud. **Historia de los jóvenes**. Madrid: TAURUS, 1996.

SABINO, César. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDEMBERG, Miriam (org). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SHILDRICK, M. This body which is not one: Dealing with differences. In: FEATHERSTONE, M. (Ed.). **The body modification**. London: Sage, 2000.

SWEETMAN, Paul. Anchoring the (postmodern) self? Body modification, fashion and identity. In: FEATHESTONE, M. **The Body Modification**. London: Sage, 2000.

- SCHAUBER, S. **Diccionario ilustrado de los santos**. Barcelona: Grijalbo, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- SILVA, A. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade**. Campinas: UFSC, 2001.
- SALVATERRA, P. **Rituales de identidad revitalizados**. Madrid: UAM, 2002.
- SENNET, Richard. **Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3 ed. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- SANCHEZ, P.; HERNANDEZ-NAVARRO, M. (Eds.). **Cartografías del Cuerpo. La Dimensión Corporal en el Arte Contemporáneo**. Murcia: Cendeac, 2004.
- SEGALEN, Martine. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: alianza editorial, 2005.
- TURNER, V. **Simbolismo y Ritual**. Peru: Universidade Catolica do Peru, 1973.
- _____. **O Processo Ritual: estrutura e anti-Estrutura**. Petrópoles: Vozes, 1974.
- _____. **La selva de los símbolos**. Madrid: Siglo XXI, 1980.
- _____. **From ritual to theatre: the human seriousness of play**. New York: Paj publicacion, 1982.
- _____. **The anthropology of performance**. New York: PAJ, 1987.
- TAMBIAH, S. **Lectura, thought and social acción: An anthropological perspective**. Havard: Havard university press, 1985.
- TURNER, V. and BRUNER, E. (Eds.). **The anthropology of experience**. USA: University of Illinois Press, 1986.
- TAYLOR, Brandon. **Arte hoy**. Madrid: Akal/arte en contexto, 2000.

- TURNER, Bryan. **The body and society**. 2. ed. London: Sage: 1996.
- _____. The possibility of primitiveness: towards a sociology of body marks in coll societies in: FEATHERSTONE, M. **The body modification**. 2. ed. London: Sage, 2000.
- TERRIN, N. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.
- TRANCOSO, J.; PINZÓN, E. la virtualización del cuerpo a través del “cutting” y body art performance. **Athenea Digital**, n. 7, 2005. ISSN-1578-8946.
- UMBRAL, Francisco. **Tatuaje y Otros Relatos**. Madrid: Edita fundacion de los ferrocarriles españoles, 1996. ISBN 8488675-32-1.
- VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: vozes, 1978.
- VAZ. P. Corpo e risco, In. VILLAÇA, N. *et al.* (Orgs.). **Que corpo é esse?** Rio de Janeiro: Novas perspectivas, 1999.
- VICTORIA, C.; KNAUTH, D.; HASSEN, M. **Pesquisa em Saúde Qualitativa**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo, 2000.
- VIERTLER, R. A beleza corporal entre os índios brasileiros. In: DA SILVA QUEIROZ, R. **O corpo dos brasileiros**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Senac, 2000.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & naify, 2002.
- VÁZQUEZ HOYS, Ana Maria. **Arcana mágica**: diccionario de símbolos y términos mágicos. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2003.
- VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**: el cuerpo y el arte de embellecer desde el renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Nueva visión, 2005.
- WALTER, J. **El arte después del pop**. Barcelona: Labor, 1975.

WACQUANT, L. **Corps et âme: Carnets ethnographique d'un apprenti boxeur**. 2. ed. Marselle: Agone, 2000.

_____. Protección, disciplina y honor. Una sala de boxeo en el gueto americano. In: FERNÁNDEZ e FEIXA (Eds.). **Jóvenes sin tregua: culturas y políticas de la violencia**. Barcelona: Anthropos, 2005.

ZÁRRAGA, J. **Informe juventud en España: la inserción de los jóvenes en la sociedad**. Madrid: Ministerio de cultura, 1985.

ZIMMER, H. **Mitos y símbolos de la India**. 2. ed. Madrid: Siruela, 1997.

ZURBRUGG, Nicholas. Marinetti, Chopin, Sterlac and the Auratic intensities of the postmodern techno-body. In: FEATHERSTONE, M. **The body modification**. London: Sage publications, 2000.

ANEXOS

ANEXO I: Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2004)

Cirurgias estéticas mais realizadas no Brasil:

- LIPOASPIRAÇÃO-198.137 MIL-54%
- MAMA EM GERAL-117.759 MIL-32%
- FACE EM GERAL-100.227 MIL-27%
- DEMAIS CIRURGIAS-NARIZ-40.230 MIL-11%
- PÁLPEBRAS-58.269 MIL-16%
- MENTO-13.600 MIL-4%
- ORELHA-32.037 MIL-9%
- PESCOÇO-43.484 MIL-12%
- IMPLANTE MAMÁRIO-117.759 MIL-32%
- ABDOME-83.493 MIL-23%

Regiões que mais realizão cirurgia plástica estética e reparadora: ranking nacional

- SÃO PAULO-CAPITAL-126.815 MIL
- SÃO PAULO-INTERIOR-85.309 MIL
- MINAS GERAIS-87.930 MIL
- RIO DE JANEIRO-76.078 MIL
- REGIÃO SUL (RS-SC-PR)-97.886 MIL
- REGIÃO CENTRO-OESTE (MS-MT-GO-DF)-71.897 MIL
- REGIÕES NORTE E NORDESTES JUNTAS-70.372 MIL

ANEXO II: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista aos clientes ou adeptos

1. DADOS PESSOAIS:

nome:
idade:
sexo:
nacionalidade:
estado civil:
filho(s):
grau de escolaridade:
profissão:
outros trabalhos:
onde mora:
com quem mora:

Porque você veio ao estúdio de tatuagens e *body piercing*?
Como escolheste o estúdio? (por indicação, pelo preço dos serviços, aleatoriamente)
O que você acha das tatuagens e *piercings*?
O que representam pra você? (identidade, diferenciação, status, inserção grupal)
Qual a tua opinião sobre as técnicas mais radicais?

(TATUAGEM)

Porque escolheste uma tatuagem?
Que local do corpo vais tatuar?
O símbolo tem algum significado específico? (estética, render homenagem)
Tens medo de te arrepender depois?
Achas que há preconceito por parte da sociedade com relação às pessoas tatuadas?

(PIERCING)

Porque escolheste colocar um *piercing* no teu corpo?
Em que local do corpo vais introduzir o adorno?
Achas que existe preconceito da sociedade com relação a quem tem *piercings*?

(TÉCNICAS RADICAIS: SUSPENSÃO, ESCARIFICAÇÃO, IMPLANTES) implantes)

Qual a tua opinião a respeito das técnicas radicais?
O que você acha que está levando as pessoas a praticar estas técnicas? (estética, experiência pessoal)

(Em caso de adepto)
porque es adepto deste tipo de técnica?
O que te atrai?
Tens algum receio de que algo passe com teu corpo? (riscos)
Qual a dimensão da dor nestas práticas?
Consideras um tipo de mutilação?
O que sentes quando praticas?
O que você acha que está levando as pessoas a praticar estas técnicas?
Quem são as pessoas que praticam? (faixa etária, gênero)

2^A PARTE

Fale um pouco de sua trajetória de vida. (Infância, adolescência, dinâmica familiar, entrada no mercado de trabalho, relações amorosas, filhos, etc.).
Você sofreu ou sofre algum tipo de preconceito social?
Sua família reage bem a sua estética?
Como você encara a sua condição social, os seus valores, planos de vida, estratégias em relação ao futuro?

Entrevista “profissional” da tatuagem, *piercing* e outras intervenções

1. DADOS PESSOAIS:

nome:

idade:

sexo:

nacionalidade:

estado civil:

filho(s):

grau de escolaridade:

profissão:

outros trabalhos:

onde mora:

com quem mora:

Como se iniciou neste universo?

Porque resolveu se dedicar a esta prática?

Porque você modifica seu corpo?

Você acha que a tatuagem ou o *piercing* funcionam como uma forma para o indivíduo criar uma identidade? se diferenciar socialmente?

Quais os principais grupos que se tatuam? as classes sociais?

As modificações corporais têm uma função comunicativa?

Podem funcionar como uma forma de status perante o grupo, inscrições de momentos importantes e ritos de passagem, registro de mnemônico?

Qual a sua opinião sobre as técnicas mais radicais de modificação corporal?
(escarificação, implantes, suspensão)

Você é adepto delas? Porque?

Porque você acha que as pessoas se interessam por essas práticas?

Qual o tipo de comércio que está atrelado a modificação corporal?

Qual o preço dos serviços?

Qual a sua renda? É suficiente? Você está satisfeito financeiramente?

2^A PARTE

Fale um pouco de sua trajetória de vida. Infância, adolescência, dinâmica familiar, entrada no mercado de trabalho, relações amorosas, filhos, etc.

Você sofreu ou sofre algum tipo de preconceito social?

Sua família reage bem a sua prática profissional?

Como você encara a sua condição social, os seus valores, planos de vida, estratégias em relação ao futuro, enfim, os seus modos de vida;

Se você pudesse escolher um outro tipo de vida o faria? Porque?

Você gostaria que seu filho fizesse a mesma escolha que você fez?

ANEXO III: INFECÇÕES PROVOCADAS PELA TATUAGEM E *PIERCING*

As tatuagens e piercings podem contaminar devido aos agentes infecciosos veiculados no sangue, sendo um deles, o da hepatite C, que ataca o fígado de forma lenta, podendo ocasionar cirrose e câncer. Segundo o Ministério da saúde, a taxa de mortalidade é de 5,31 mortos por um milhão de habitantes em 2002, maior número registrado no período entre as doenças infecciosas e parasitárias do Brasil. O vírus da hepatite C é transmitido através do contato com sangue de pessoas infectadas. Durante as sessões de tatuagem e colocação de piercings, há pequenos sangramentos que ocorrem com a perfuração da pele e, se nesse sangue estiver presente o vírus, a contaminação pode se manifestar. Apesar das normas, segundo os agentes de saúde ainda há muita possibilidade de contaminação e infecção por parte de quem se submete a uma tatuagem e, por conta disso está proibido às pessoas portadoras de tatuagens doar sangue. (matéria exibida no Jornal do Commercio dia 17.10.04)

Importantes recomendações aos usuários de piercing: No caso do *piercing*, podem ocorrer infecções que se manifestam através de bactérias e fungos, sendo contra indicado, antes da cicatrização, o contato com suor, saliva, sangue ou secreção de outras pessoas. Também pode ocorrer: coceira, vermelhidão ou pequenos hematomas que podem durar por algumas semanas, sangramento nos primeiros dias, secreções, inchaços, quelóides e irritação da pele. Para evitar a rejeição do adorno não é indicado nos primeiros dias o uso de saunas, piscinas, água salgada, lagos ou exposição ao sol. Má alimentação, uso exagerado de bebidas ou de drogas e doenças infecto-contagiosas também interferem na cicatrização. O tempo estimado para a [cicatrização](#) do *piercing* é de 6 a 8 semanas para o [lábio](#), 6 a 8 semanas para a [língua](#), 2 a 3 meses para a [sobrancelha](#), 3 meses a 1 ano para [cartilagem](#) da [orelha](#) e [nariz](#), 6 meses a 1 ano para [umbigo](#) e 4 meses a 1 ano para [mamilo](#). Alguns *piercers* aconselham que a pessoa deve tomar vitamina C todos os dias por ajudar na regeneração dos tecidos; usar compressas de água e sal em casos de quelóides ou spray anti-séptico. Nos casos do *piercing* oral, é aconselhado que a pessoa lave a boca com anti-séptico bucal depois de fumar e após as refeições. Nos três primeiros dias deve evitar o consumo de bebidas alcóolicas e beijo na boca¹⁰³.

¹⁰³ Dados informativos divulgados em ateliês de tatuagem direcionados aos clientes.

ANEXO IV: DECRETO LEI

LEI MUNICIPAL Nº 16.818/2002

EMENTA: Estabelece a proibição quanto à aplicação de tatuagens e adornos, na forma que especifica.

FAÇO SABER QUE O PODER LEGISLATIVO DO MUNICÍPIO APROVOU E EU, PREFEITO DA CIDADE DO RECIFE, NOS TERMOS DO ART. 34, § 5º DA LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Os estabelecimentos comerciais, profissionais liberais ou qualquer pessoa que aplique tatuagens permanentes ou outrem, ou a colocação de adornos, tais como brincos, argolas, alfinetes que perfurem a pele ou membro do corpo humano, ainda que a título não onerosa, ficam proibidos de realizarem tal procedimento em menores de idade, assim considerados nos termos da legislação em vigor, salvo os autorizados pelos pais.

Parágrafo Único: Excetua-se do disposto neste artigo a colocação de brincos nos lóbulos das orelhas.

Art. 2º - Caberá a Secretaria Municipal de Saúde a fiscalização e o estabelecimento dos meios necessários para a aplicação da Lei.

Art. 3º - O não cumprimento da exigência desta Lei, implicará o fechamento definitivo do estabelecimento quando for o caso, e responsabilidade dos agentes quando à infringência dos artigos 5º, 17º e 18º da Lei Federal nº 8.069 de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Art. 4º - O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias da data de sua publicação.

Art. 5º - As despesas resultantes desta Lei, correrão as dotações do orçamento do município, suplementadas se necessário.

Art. 6º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Recife, 13 de Dezembro de 2002.

João Paulo Lima e Silva
Prefeito

Projeto de Lei de Autoria do Vereador Jorge Ribeiro

DECRETO Nº 20.165 DE 28 DE NOVEMBRO DE 2003

EMENTA: Regulamenta a fiscalização e vigilância sanitária dos serviços de tatuagens e adornos (piercings) e disciplina os locais apropriados para estes fins.

O PREFEITO DO RECIFE, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 54, IV, da Lei Orgânica Municipal, e,

CONSIDERANDO o disposto no art. 71, da Lei Municipal nº 16.004, de 20 de janeiro de 1995, que autoriza o Poder Executivo a normatizar o funcionamento, o controle e a fiscalização dos serviços de interesse à saúde;

CONSIDERANDO o alto risco de contaminação inerente à prática de tatuagem e de adornos (piercing), em especial moléstias infecto-contagiosas como AIDS (Vírus HIV), Hepatite B, Hepatite C e outras;

CONSIDERANDO as determinações da Lei Municipal nº 16.818, de 13 de dezembro de 2002, que proíbe a aplicação de tatuagens e adornos em menores de idade, nos termos da legislação civil em vigor, sem autorização dos pais;

CONSIDERANDO a necessidade urgente de se disciplinar as ações de Fiscalização e Vigilância Sanitária em tais áreas, com o objetivo a proteger a saúde da população;

CONSIDERANDO que a Lei Federal nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que institui o Código de Defesa do Consumidor, estabelece como direito básico do consumidor, a proteção à saúde e segurança contra os riscos provocados na prestação inadequada de serviços;

D E C R E T A:

Art. 1º. Fica aprovada, na forma do anexo único, a Norma Técnica Especial nº 01/2003, complementar à Lei Municipal nº 16.004, de 31 de janeiro de 1995, visando à fiscalização e à Vigilância Sanitária sobre os serviços de tatuagens, adornos (piercings) e congêneres no âmbito do município do Recife.

Art. 2º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Recife, 28 de novembro de 2003.

João Paulo Lima e Silva
Prefeito

Gustavo de Azevedo Couto
Secretário de Saúde

Bruno Ariosto Luna de Holanda
Secretário de Assuntos Jurídicos

ANEXO ÚNICO

NORMA TÉCNICA ESPECIAL Nº 001/2003 QUE DISPÕE SOBRE A FISCALIZAÇÃO E VIGILÂNCIA SANITÁRIA EM ESTABELECIMENTOS QUE REALIZEM APLICAÇÃO DE TATUAGENS E ADORNOS (PIERCINGS) SEDIADOS NO MUNICÍPIO DE RECIFE

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º - Esta Norma Técnica Especial dispõe sobre a Fiscalização e Vigilância Sanitária da prática de tatuagens e de adornos (piercings), disciplina os locais para este fim sediados no município do Recife, suas unidades, extensões e serviços e a técnica para sua realização.

Art. 2º - Para os efeitos desta Norma, são adotadas as seguintes definições:

- I - prática de tatuagem: emprego de técnicas com o objetivo de pigmentar a pele;
- II - procedimentos inerentes à prática de tatuagem: procedimentos invasivos que consistem na introdução intradérmica de substâncias corantes por meio de agulhas ou dispositivos que cumpram igual finalidade;
- III - substâncias corantes: tintas atóxicas fabricadas especificamente para o uso em tatuagens;
- IV - gabinete de tatuagem: é o estabelecimento de interesse à saúde que desenvolve a prática de tatuagem;
- V - tatuador prático: é o indivíduo que domina técnicas destinadas a pigmentar a pele;
- VI - prática de piercing: emprego de técnicas com o objetivo de fixar adornos, tais como brincos, argolas, alfinetes e assemelhados, na pele ou membro do corpo humano;
- VII - procedimentos inerentes à prática de piercing: procedimentos invasivos que consistem na introdução, através da pele, de adornos objetivando fixá-los no corpo humano;
- VIII - gabinete de piercing: é o estabelecimento de interesse à saúde que desenvolve a prática de piercing;
- IX - prático em piercing: é o indivíduo que domina técnicas destinadas a introduzir e fixar adornos no corpo humano.

Art. 3º - Os procedimentos inerentes às práticas de tatuagem e de piercing incluem-se no grupo de atividades de interesse à saúde, que, para os efeitos desta Norma Técnica Especial, passarão a ser denominados procedimentos de embelezamento.

CAPÍTULO II DO LICENCIAMENTO SANITÁRIO

Art. 4º - Os gabinetes de tatuagens e os gabinetes de piercings sediados no município, que se enquadrem nas disposições desta Norma Técnica Especial, somente funcionarão quando devidamente autorizados pela Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde, que, depois de atendidas todas as exigências previstas neste instrumento legal, sem prejuízo da fiscalização e vigilância sanitária exercida pelos órgãos competentes da esfera estadual e federal, expedirá a licença sanitária de funcionamento.

Art. 5º - O requerimento de licenciamento sanitário para gabinetes de tatuagem ou gabinetes de piercing deverá ser apresentado no nível central da Vigilância Sanitária do Recife.

CAPÍTULO III DAS CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO

Art. 6º - Os gabinetes regulamentados nesta Norma Técnica Especial deverão ser instalados em locais adequados, não sendo permitida sua localização próxima a fontes poluidoras que possam trazer riscos de contaminação aos produtos e equipamentos.

Art. 7º - Para concessão do licenciamento sanitário para prática de tatuagem e piercing, os gabinetes definidos nesta Norma Técnica Especial deverão observar as seguintes condições:

- I - Área mínima de 6 metros quadrados, com largura mínima de 2,50 metros;
- II - Paredes e tetos com material de acabamento resistentes, lisos, de cores claras, impermeáveis e laváveis, em bom estado de conservação;
- III - interligação com os sistemas públicos de abastecimento de água potável e de esgoto sanitário;
- IV - Construção sólida, sem defeitos de edificação, tais como rachaduras que comprometam a sua estrutura física, vazamentos ou outros que desaconselhem a sua autorização sanitária;
- V - Boas condições de iluminação e ventilação, naturais ou artificiais;
- VI - Bancada impermeável e resistente com pia, água corrente tratada e torneiras acionadas sem o comando das mãos (cotovelo, pedal, fotocelular, outros), sabão líquido e toalha descartável. A pia não precisa estar acoplada à bancada.
- VII - Pisos com material de acabamento resistente, impermeável e lavável, de cor clara, em bom estado de conservação.
- VIII - Instalações sanitárias adequadas, independentes e distintas, para uso de funcionários e clientes, com paredes, tetos e piso impermeabilizados com material de acabamento resistente, de cor clara, em bom estado de conservação e provida de lavatório, com toalheiro de papel descartável e sabão líquido e lixeira com tampa, pedal e saco plástico.

§ 1º - O instrumental utilizado deverá ser submetido a processo de desinfecção e esterilização, de acordo com normas técnicas de enfermagem adequadas, com exceção das agulhas e lâminas barbeadoras, que serão descartáveis, de uso único e com reutilização proibida;

§ 2º - Antes de serem introduzidos e fixados no corpo humano, os adornos deverão ser submetidos à processo de desinfecção e/ou esterilização.

§ 3º - A desinfecção citada no parágrafo anterior deverá ser iniciada por lavagem criteriosa com água e sabão e seguida de sua imersão completa por 30 (trinta) minutos em qualquer das seguintes soluções:

- a) Solução aquosa de hipoclorito de sódio a 1% (um por cento);
- b) Solução de glutaraldeído a 2% (dois por cento);

§ 4º - A esterilização do instrumental deverá ser realizada por meio de autoclave ou estufa térmica, esta equipada com termostato e ventilador, à temperatura de 170º C (cento e setenta graus centígrados) durante 60 (sessenta) minutos no mínimo, contados após a temperatura atingir 170º C, e já com os instrumentos colocados. O procedimento na autoclave deve seguir os tempos, temperaturas e pressão conforme recomendação do fabricante;

§ 5º - As tintas utilizadas deverão ser atóxicas e ter sua fabricação especificada para uso em tatuagens e o fracionamento das tintas deverá ser individual para cada cliente, sendo proibida a utilização do restante;

§ 6º - Os adornos (piercings) deverão ser de material antialérgico, e as jóias devem apresentar o respectivo certificado.

§ 7º - As soluções anti-sépticas nos recipientes deverão ser substituídas a cada 7 (sete) dias, e os recipientes higienizados a cada 15 (quinze) dias. Os recipientes deverão trazer por escrito os referidos prazos de validade.

§ 8º - Os estabelecimentos instalados em galerias e Shoppings Centers poderão dispor das instalações sanitárias constantes destes centros, desde que presentes todos os requisitos exigidos pelo inciso VIII deste artigo.

Art. 8º - Na execução de procedimentos inerentes às práticas de tatuagem e de piercing, o tatuador prático e o prático em piercing deverão:

I - antes de iniciar o procedimento, realizar anti-sepsia das mãos, na vista do cliente, com água potável e sabão, escovando a região entre os dedos e sob as unhas, seguida da desinfecção com álcool iodado a 2% (dois por cento) ou a álcool etílico a 70% (setenta por cento).

II - calçar um par de luvas, estéril, descartável e de uso único, proibida a reutilização. O uso de luvas não dispensa a lavagem das mãos antes e após contatos que envolvam sangue ou outros fluídos corpóreos do cliente;

III - realizar a limpeza da pele do cliente com água potável e sabão/detergente apropriado e eficaz para esta finalidade e, se necessário, tricotomia por aparelhos barbeadores descartáveis, desprezados imediatamente em local adequado, na vista do cliente.

IV - após a limpeza descrita no inciso anterior, proceder à anti-sepsia da pele do cliente empregando álcool etílico a 70% (setenta por cento), com tempo de exposição mínimo de 3 (três) minutos.

Art. 9º - É proibida a prática de tatuagem, permanente ou não, piercings e congêneres em menor de idade, nos termos da legislação civil em vigor, sem autorização por escrito dos pais ou responsável legal, que deverá ficar arquivada durante cinco anos pelo profissional que realizou o serviço no gabinete onde ele exerce sua atividade, conforme modelo constante do Anexo I.

§ 1º - Excetua-se da proibição disposta neste artigo a colocação de brincos nos lóbulos das orelhas.

§ 2º - O cliente deverá assinar Termo de Responsabilidade, afirmativo das suas condições de saúde para se submeter ao procedimento da tatuagem, também arquivado por cinco anos, conforme modelo constante do Anexo II.

Art. 10 - Não poderá ser realizada tatuagem em áreas cartilaginosas do corpo humano, tais como orelha, nariz, entre outras.

Parágrafo Único - Pessoas com histórico de alergia a corante, usado em tatuagem anterior, deverão ser avaliadas por médico, que emitirá laudo sobre o fato, a fim de se evitar o uso do corante responsável pela referida alergia.

Art. 11 - As agulhas deverão ser retiradas de seu invólucro lacrado e soldadas ou montadas à máquina de tatuagem à vista do cliente. Logo após o uso, deverão ser descartadas em local apropriado, também à vista do cliente.

Art. 12 - As prescrições de medicamentos para uso sistêmico ou tópico, necessárias ou recomendadas nos procedimentos de tatuagens e suas complicações, serão de competência exclusiva de médico.

Art. 13 - No caso de inflamação, infecção, alergia, rejeição ou qualquer outra complicação decorrente direta ou indiretamente da prática de tatuagem ou piercing, o profissional responsável deverá prestar todas as informações exigidas pelo médico do serviço que atende ao paciente. Entre uma semana e duas semanas após o procedimento, o cliente deverá consultar-se com um médico para avaliação da ferida e prescrição de cuidados médicos necessários. No caso de qualquer anormalidade no processo cicatricial, a consulta deverá acontecer a qualquer momento.

Art. 14 - Os profissionais de tatuagem, de piercings e todos os seus auxiliares só poderão exercer a atividade se considerados aptos em exames médicos periódicos, nos termos das normas de medicina e segurança do trabalho vigentes, com prova de imunização para Hepatite B nas doses necessárias e dos reforços periódicos.

Art. 15 - Nos Gabinetes de Tatuagem e de Piercing, produtos, artigos e materiais descartáveis destinados à execução de procedimentos, deverão ser acondicionados em armários exclusivos para tal finalidade, limpos, sem umidade e que sejam mantidos fechados.

Parágrafo Único - Os produtos empregados na higienização ambiental deverão ser acondicionados em locais próprios.

Art. 16 - Para os efeitos desta Portaria, os resíduos sólidos que apresentam risco potencial à Saúde Pública e ao meio ambiente devido à presença de agentes biológicos, deverão obedecer à legislação pertinente em vigor.

Art. 17 - Os resíduos das tintas usadas na aplicação de tatuagens, que não entraram em contato com fluidos corpóreos do cliente, deverão ser descartados ao término de cada procedimento, como resíduos comuns.

Art. 18 - Nos Gabinetes de Tatuagem e de Piercing, os resíduos comuns deverão ser acondicionados de acordo com a legislação municipal pertinente.

Parágrafo Único - Os resíduos comuns deverão ser coletados pelo órgão municipal de limpeza urbana e serão objeto de disposição final semelhante à dos resíduos domiciliares.

CAPÍTULO IV DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 19 - Os gabinetes de tatuagem e de piercing deverão conter:

- I - horário de funcionamento afixado em local apropriado e visível ao público;
- II - nome do responsável pela execução da prática;
- III - livro próprio, organizado de tal forma que possa ser objeto de rápida verificação por parte das autoridades sanitárias competentes, contendo a identificação das pessoas que foram submetidas à tatuagem, com nome completo, idade, sexo, endereço completo e data de atendimento, bem como os atestados, autorizações paternas, se necessárias, e evoluções médicas respectivas;

Art. 20 - Os responsáveis pelos estabelecimentos de que trata esta Norma Técnica Especial deverão garantir a prestação de informações a todos os clientes sobre os riscos decorrentes da execução de procedimentos, com aviso fixado na recepção.

Parágrafo Único - Nos gabinetes de tatuagem, todos os clientes deverão ser informados, antes da execução de procedimentos, a respeito das dificuldades técnico-científicas que podem envolver a posterior remoção de tatuagens permanentes.

Art. 21 - Fica proibida a execução ao ar livre de procedimentos inerentes às práticas de tatuagem e de piercing, definidos nesta Norma Técnica Especial.

Art. 22 - A Fiscalização e Vigilância Sanitária das práticas de tatuagem e piercing, regulamentadas nesta Norma Técnica Especial, será de competência da Vigilância Sanitária Municipal.

Art. 23 - O descumprimento do estabelecido nesta Norma Técnica Especial constitui infração sanitária, sujeitando o infrator à suspensão imediata de suas atividades, sem prejuízo das demais penalidades cabíveis, previstas em lei, mediante processo administrativo em que sejam garantidos a ampla defesa e o contraditório.

Art. 24 - Fica concedido o prazo de 120 (cento e vinte) dias para adequação às normas ora exigidas, devendo, para tanto, ser protocolado requerimento de licença sanitária para prática de tatuagem e de piercing.

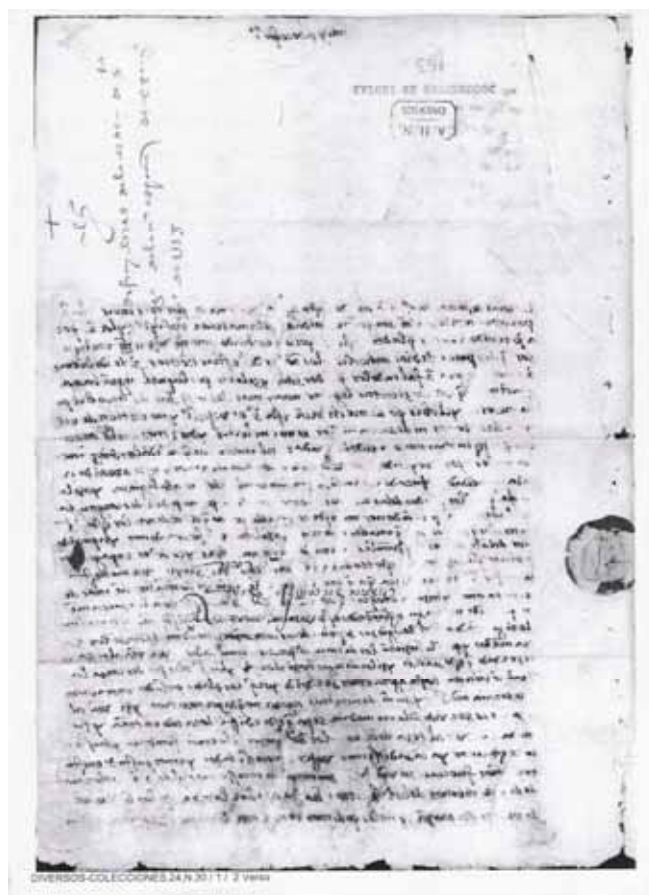
Recife, 28 de novembro de 2003.

Gustavo Couto

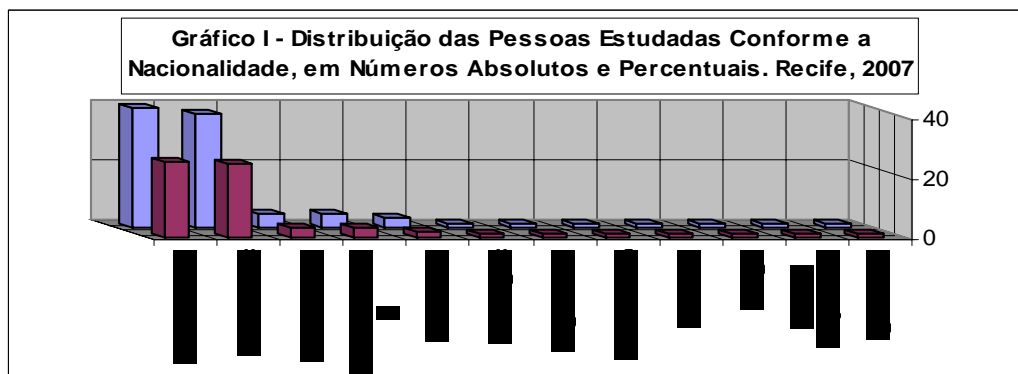
Secretário de Saúde

ANEXO V:

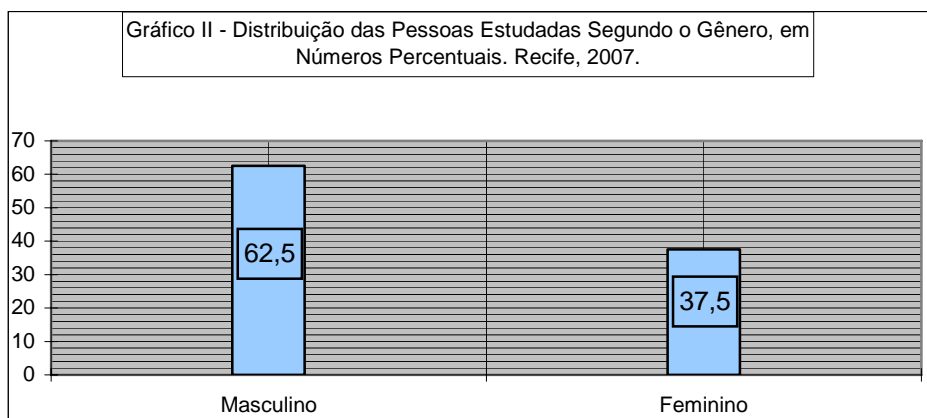
Carta de Frei Domingo de Santa Maria, provincial e definidos da ordem de Santo Domingo ao Conselho das Índias solicitando que destinem bons religiosos para doutrinar os índios. (Yanhuatlán, 24 de Janeiro de 1558)
(acervo: Arquivo Histórico de Madri)



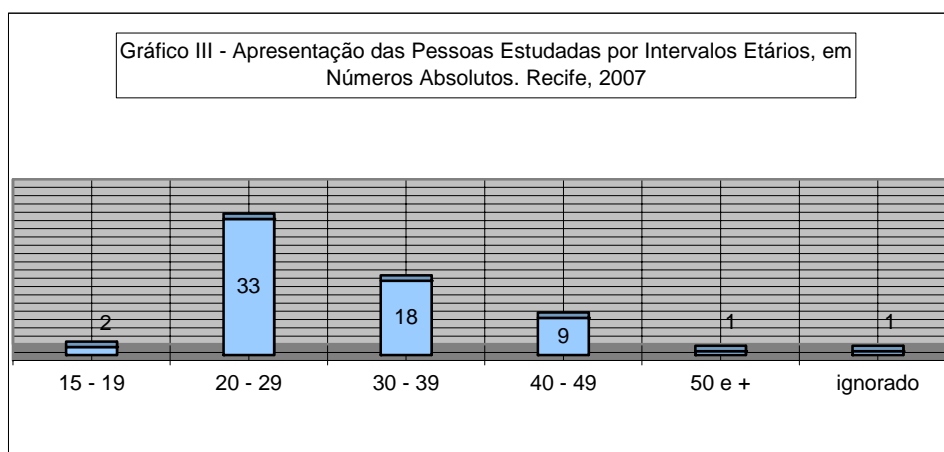
ANEXO VI: GRÁFICOS



O traçado apresentado foi construído para melhor demonstrar a nacionalidade dos envolvidos com a pesquisa. Há de se compreender que a predominância de brasileiros e de espanhóis resulta do fato de ter sido a investigação levada a efeito no Recife e em Madri. São, portanto, habitantes das duas cidades ou dos dois países. Os demais são migrantes, em grande maioria vindos da América Latina, em função da facilidade do idioma, mas foram encontrados adeptos ou profissionais da Europa, propriamente – um português, um italiano e um belga –, além do registro de um americano. O gráfico está, exatamente, dentro do que se esperava encontrar, isto é, uma predominância de locais e o achado de alguns moradores, temporários ou não, oriundos de outros lugares, inclusive de outros continentes. À parte a questão do custo financeiro, o qual influencia e muito nesse deslocamento, a mobilidade aparece como uma consequência da globalização da economia e da mundialização da informação.

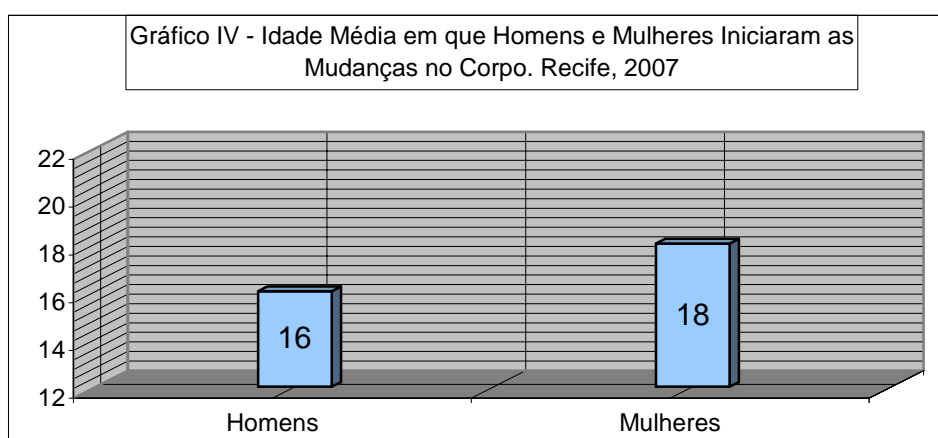


Pode-se observar adiante, no Gráfico II, a distribuição percentual por gênero do material humano objeto deste estudo. Há mais homens (62,5%) que mulheres (37,5%). Trata-se, como se pode notar, de um universo masculino, em cuja ambiência a mulher está presente, acompanhando parceiros e integrando uma verdadeira corte. A contribuição feminina, todavia, é significativa já e crescente; contribuição que nos dias de hoje ultrapassa toda e qualquer expectativa que se poderia ter há quarenta anos passados, por exemplo, quando a tatuagem era coisa de marinheiros ou de prisioneiros.



É interessante observar o traçado Gráfico III no qual estão os grupos etários dos sujeitos entrevistados. Predominam de forma muito nítida os jovens no intervalo de idade entre os 20 e os 29 anos (33%). Justamente naquela faixa posterior ao período de adolescência, logo após a chamada maior idade, quando a pessoa pode por si tomar certas e determinadas decisões de maneira independente, livre dos limites parentais.

Logo depois, no próximo intervalo etário, dos 30 aos 39 anos, começa o declínio, acusando o estudo um percentual de 18%, seguindo-se de 9% no outro grupo de idade. Os adultos vão deixando aos poucos de freqüentar os lugares e os ambientes nos quais circulam os adeptos das transformações corporais, buscam novas experiências, domésticas ou não, familiares ou não.



O Gráfico IV traduz a idade média em que as pessoas entram no mundo que foi objeto de investigação, atestando, mais uma vez, que as pessoas do sexo masculino têm uma predominância sobre aquelas do sexo feminino, haja vista se iniciarem mais cedo, aos 16 anos de idade, enquanto as mulheres o fazem com 18 anos. Trata-se, dando ênfase apenas, de um universo de homens, freqüentado por parceiras ou companheiras do outro sexo, com uma tendência temporal ao progressivo equilíbrio.